

## Literatura Portuguesa II – 2º semestre de 2020

Profa. Marlise Vaz Bridi

### Cronograma

Aula 1 – Apresentação do Programa

Aula 2 – As transformações estéticas dos séculos XVIII e XIX

Aula 3 – Introdução ao Romantismo Português

Aula 4 – Almeida Garrett

Aula 5 – *Frei Luís de Sousa*

Aula 6 – Camilo Castelo Branco

Aula 7 – *Amor de Perdição*

Aula 8 – *Amor de Salvação*

### Entrega da Resenha Crítica - 6/11/2020

Aula 9 – Introdução ao Realismo Português

Aula 10 – Cesário Verde

Aula 11 – *Num Bairro Moderno*

Aula 12 – *Eça de Queirós*

Aula 13 – *O Crime do Padre Amaro*

Aula 14 – *Os Maias*

### Entrega do Trabalho – 11/12/2020

### BIBLIOGRAFIA

BAPTISTA, Abel Barros. *Camilo e a revolução camiliana*. Lisboa: Quetzal, 1988.

CABRAL, Alexandre. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Caminho, 1989.

CANDIDO, Antonio. “Eça de Queirós. Entre o Campo e a Cidade”. in *Tese e Antítese*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.

COELHO, Jacinto do Prado. *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*. 3ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001 [1ª ed., 1946].

DE MARCO, Valéria. *O império da cortesã*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

FERRAZ, Maria de Lourdes dir. *Dicionário de Personagens da Novela Camiliana*. Lisboa: Caminho, 2002.

FERREIRA, Alberto. *Perspectiva do Romantismo Português*. Lisboa: Edições 70, 1971.

FISCHER, Ernst. *A Necessidade da Arte*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

FRANÇA, José-Augusto. *O Romantismo em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993. 6 vols.

GUERRA DA CAL, Ernesto. *Língua e Estilo de Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/EDUSP, 1969.

GUINSBURG, Jacob (org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

JESUS, Maria Saraiva de. *A Representação da Mulher na Narrativa Realista-Naturalista*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1997.

LEITE, Dante Moreira. *O amor romântico*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, s/d.

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982.

MACEDO, Helder. *Nós. Uma leitura de Cesário Verde*. Lisboa: Plátano Editora, 1975.

Marques, A. H. de Oliveira. *História de Portugal*. 2ª Ed. Lisboa: Palas, 1981, 3 vols.

MARTINS, Oliveira. *História da civilização ibérica*. 10ª ed. Lisboa: Guimarães, 1973.

MATOSO, José (dir). *História de Portugal*. 8 vol. Lisboa: Editorial estampa, 2001.

Moisés, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. 25ª. ed., São Paulo, Cultrix, 1987.

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu*. São Paulo, Boitempo, 2003.

MORETTI, Franco. *O burguês: entre a história e a literatura*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

PEREIRA, José Carlos Seabra. *História Crítica da Literatura Portuguesa*. v. 7. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1995.

REIS, Carlos, Pires, Maria da Natividade. *História crítica da literatura portuguesa V O Romantismo*. Lisboa: Verbo, 1999.

REIS, Carlos. *Estatuto e Perspectivas do Narrador na Ficção de Eça de Queirós*. Coimbra: Almedina, 1975.

RIBEIRO, Maria Aparecida. *História Crítica da Literatura Portuguesa*. v. 6. Lisboa/São Paulo: Verbo, 2000.

SACRAMENTO, Mário. *Eça de Queirós. Uma Estética da Ironia*. Coimbra: Coimbra Ed., 1945.

SEIXO, Maria Alzira. *O Rio com Regresso*. Ensaio Camilianos. Lisboa: Presença, 2004.

SANTOS, João Camilo dos. *Os Malefícios da Literatura, do Amor e da Civilização*. Ensaio sobre Camilo Castelo Branco. Lisboa: Fenda, 1992.

SARAIVA, António José. *As idéias de Eça de Queirós*. Lisboa: Centro Bibliográfico, 1946.

SARAIVA, António José, LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2005.

SIMÕES, João Gaspar. *Perspectiva Histórica da Ficção Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

VÁRIOS. *A Literatura Portuguesa em Perspectiva*. Romantismo, Realismo. Vol. 3. São Paulo, Atlas, 1994.

WATT, Ian. *Ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WILLIAMS Raymond. *O campo e a cidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

## SONETOS DE BOCAGE

Já se afastou de nós o Inverno agreste,  
Envolto nos seus úmidos vapores;  
A fértil Primavera, a mãe das flores  
O prado aneno de boninas veste.

Varendo os ares, o sutil Nordeste  
Os torna azuis; as aves de mil cores  
Adejam entre Zéfiro e Amores,  
E toma o fresco Tejo a cor celeste.

Vem, ó Marília, vem lograr comigo  
Destes alegres campos a beleza,  
Destas copadas árvores o abrigo.

Deixa louvar da corte a vã grandeza:  
Quanto me agrada mais estar contigo,  
Notando as perfeições da Natureza!

Sobre estas duras, cavernosas fragas,  
Que o marinho furor vai carcomendo,  
Me estão negras paixões n'alma fervendo  
Como fervem no pego as crespas vagas.

Razão feroz, o coração me indagas,  
De meus erros a sombra esclarecendo,  
E vás nele (ai de mim!) palpando e vendo  
De agudas ânsias venenosas chagas.

Cego a meus males, surdo a teu reclamo  
Mil objetos de horror co'a idéia eu corro,  
Solto gemidos, lágrimas derramo.

Razão, de que me serve o teu socorro?  
Mandas-me não amar, eu ardo, eu amo;  
Dizes-me que sossegue, eu peno, eu morro.



*A cena do Romeiro em "Frei Luis de Sousa"*  
Quadro de Miguel Angelo Lupi, Museu de Arte Contemporânea

CLÁSSICOS GARNIER  
DA DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO

GARRETT  
FREI LUÍS DE SOUSA  
—  
VIAGENS  
NA MINHA TERRA

Edição dirigida e apresentada por  
ANTÔNIO SOARES AMORA

Revisão do texto por  
HELENA DE FIGUEIREDO E AMORA



DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO  
Rua Bento Freitas, 362  
Rua Marquês de Itu, 79  
SÃO PAULO  
1969

mais suave enleio da minha juventude, e o passatempo mais agradável e refrigerante dos primeiros e mais agitados anos da minha hombridade.

Despeço-me com saudade; — nem me peja dizê-lo diante de vós: é virar as costas ao Éden de regalados e preguiçosos folgares, para entrar nos campos do trabalho duro, onde a terra se não lavra senão com o suor do rosto; e quando produz, não são rosas nem lírios que afagam os sentidos, mas plantas — úteis sim, porém desgraciosas à vista; fastientas ao olfato — é o real e o necessário da vida.

## FREI LUÍS DE SOUSA

DRAMA

*Representado, a primeira vez, em Lisboa,  
por uma sociedade particular,  
no teatro da quinta do Pinheiro em quatro de julho de  
MDCCCXLIII*

PESSOAS

MANUEL (FREI LUÍS) DE SOUSA

DONA MADALENA DE VILHENA

DONA MARIA DE NORONHA

FREI JORGE COUTINHO

O ROMEIRO

TELMO PAIS

O PRIOR DE BENFICA

O IRMÃO CONVERSO

MIRANDA

O ARCEBISPO DE LISBOA

DOROTÉIA

CORO DE FRADES DE SÃO DOMINGOS

Clérigos do arcebispo, frades, criados etc.

Lugar da Cena — Almada

## ATO PRIMEIRO

*Câmara antiga, ornada com todo o luxo e caprichosa elegância portuguesa dos princípios do século dezessete<sup>15</sup>. Porcelanas, charões, sedas, flôres etc. No fundo, duas grandes janelas rasgadas, dando para um eirado que olha sobre o Tejo e donde se vê toda Lisboa; entre as janelas o retrato, em corpo inteiro, de um cavaleiro moço, vestido de preto com a cruz branca de noviço de S. João de Jerusalém. De frente e para a boca da cena um bufete pequeno, coberto de rico pano de veludo verde franjado de prata; sobre o bufete alguns livros, obras de tapeçarias meias-feitas, e um vaso da China de colo alto, com flôres. Algumas cadeiras antigas, tamboretas rasas, contadores. Da direita do espectador, porta de comunicação para o interior da casa, outra da esquerda para o exterior. É no fim da tarde.*

### CENA I

MADALENA, só, sentada junto à banca, os pés sobre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sobre êle, como quem descaiu da leitura na meditação.

MADALENA (*repetindo maquinalmente e devagar o que acaba de ler*)

*Naquele engano d'alma ledo e cego  
Que a fortuna não deixa durar muito... 16*

---

(15) Citarei o interessante Ms. descoberto pelo Sr. Alexandre Herculano na Biblioteca Real da Ajuda, e do qual alguns extratos já foram publicados no *Panorama* de 1843.

"Pôsto que Lisboa seja tamanha e tão nobre povoação, não tem palácio algum de burguês ou de fidalgo que mereça consideração quanto a matéria; e quanto a arquitetura, são edifícios muito grandes. Ornam-nos porém de tal modo, que na verdade ficam magníficos. Costumam forrar os aposentos de rases, de damascos e de finíssimos rases no inverno, e no verão de couros dourados mui ricos que se fabricam naquela cidade."

(*Ms. da Bibl da Ajuda.*)

(16) Os *Lusíadas* eram decerto então, no princípio do século dezessete, um livro da moda e que devia andar sobre o bufete de todas as

Com a paz e alegria d'alma... um engano, um engano de poucos instantes que seja... deve de ser a felicidade suprema neste mundo. E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, pode-se morrer. Mas eu!... (*Pausa.*) Oh! que o não saiba êle ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... êste mêdo, êstes contínuos terrores, que ainda me não deixaram gozar um só momento de tôda a imensa felicidade que me dava o seu amor. Oh! que amor, que felicidade... que desgraça a minha! (*Torna a cair em profunda meditação; silêncio breve.*)

## CENA II

## MADALENA E TELMO PAIS

TELMO (*chegando ao pé de Madalena que o não sentiu entrar*)

A minha senhora está a ler?...

MADALENA (*despertando*)

Ah! sois vós, Telmo... Não, já não leio: há pouca luz de dia já; confundia-me a vista. E é um bonito livro êste! o teu valido, aquêle nosso livro, Telmo.

TELMO (*deitando-lhe os olhos*)

Oh, oh! livro para damas, e para cavaleiros... e para todos: um livro que serve para todos; como não há outro, tirante o respeito devido ao da Palavra de Deus! Mas êsse não tenho eu a consolação de ler, que não sei latim como meu senhor...

damas elegantes. Hoje está provado que só no primeiro ano da sua publicação se fizeram em Lisboa duas edições, que por sua grande semelhança confundiram muito tempo os críticos e bibliófilos. Até o ano de 1613, época da separação de Manuel de Sousa Coutinho e D. Madalena de Vilhena, as edições dos *Lusiadas* eram já nove, desde a primeira de 1572 até à do referido ano de 1613, que é a dos célebres comentários de Manuel Correia, feita por Pedro Crasbeeck. Das *Rimas* contam-se três edições no mesmo período; a quarta fêz-se no seguinte ano de 1614. Dois Autos tinham saído na coleção do Prestes.

quero dizer como o Sr. Manuel de Sousa Coutinho — que, lá isso!... acabado escolar é êle. E assim foi seu pai antes d'êle<sup>17</sup>, que muito bem o conheci: grande homem! Muitas letras, e de muito galante prática, e não somenos as outras partes de cavaleiro: uma gravidade!... Já não há daquela gente. Mas, minha senhora, isto de a Palavra de Deus estar assim noutra língua que a gente... que tôda a gente não entende..., confesso-vos que aquêle mercador inglês da Rua Nova, que aqui

(17) Lopo de Sousa Coutinho, pai de Frei Luís de Sousa, era natural de Santarém, filho de Fernão Coutinho, e bisneto do segundo Conde de Marialva, D. Gonçalo Coutinho. Serviu na Índia com muita distinção desde a idade de dezoito anos, no govêrno de Nuno da Cunha. Voltando ao reino, foi muito estimado de D. João III, que lhe deu o govêrno da Mina. Dalí tornou com a merecida reputação de honestidade e zêlo; e sucedendo na casa a seu irmão mais velho, Rui Lopes, que falecera, casou com D. Maria de Noronha, dama da rainha D. Catarina, de quem teve os seguintes filhos: Rui Lopes Coutinho, Lopo de Sousa Coutinho, Gonçalo Vaz Coutinho, Manuel (depois Frei Luís) de Sousa Coutinho, João Rodrigues Coutinho, André de Sousa Coutinho, N... (que foi provincial dos Gracianos) e Jorge Coutinho, depois Frei Jorge de Jesus. Barbosa dá-lhe mais também uma filha, D. Ana de Noronha, freira nas Donas de Santarém.

Era Lopo de Sousa grande cultor das letras e das ciências, sabia a física e as matemáticas, foi profundo na literatura antiga e professava, como todos os bons espíritos do seu tempo, a poesia. "Uniu com tudo isto", diz o Sr. Bispo de Viseu, "grande religião, pureza de costumes e tal isenção no serviço do rei e da pátria, que nunca solicitou prêmios, nem pediu compensações da fazenda que despendera largamente quando visitou os lugares da África, e exercitou o pôsto de capitão-mor da armada da côrte. Tão nobres prendas e tamanhòs serviços o faziam digno de respeito, a que obrigava ainda mais a sua presença venerável; de tal sorte que até el-rei se refere que "lhe não falava sem indícios de grande consideração".

A frase de Frei Antônio da Encarnação, é mais mimosa e portugêsa: "A presença e gravidade da pessoa era tal, que dizem que o mesmo rei se *compunha* quando falava com êle".

Escreveu várias obras que aponta Barbosa: dois livros do *Cêrco de Diu*, Coimbra por João Alvares 1556, fol., um livro da *Perdição de Manuel de Sousa de Sepúlveda*, 4.º; — várias obras poéticas no *Cancioneiro Geral* de Anvers, 1570; — traduções do Lucano e de Sêneca trágico; e *Empresas de Ilustres Varões Portugêses na Índia*. Ms. — Frei Antônio da Encarnação menciona também escritos matemáticos, provavelmente Ms. de que não há outra notícia.

V. Prólogo a II parte da *Hist. de S. Domingos*; Fr. José da Natividade, *Agiológ. Domin.*; *Histor. Genealóg.*, t. XII; e *Bibliotec. Lus.: Memór. da Academ. R. das C.*, de Lisboa t. VIII, p. I, 1823.

vem às vèzes, tem-me dito suas coisas que me quadram <sup>18</sup>... E Deus me perdoe, que eu creio que o homem é herege, desta seita nova de Alemanha ou de Inglaterra <sup>19</sup>. Será?

MADALENA

Olhai, Telmo; eu não vos quero dar conselhos: bem sabeis que desde o tempo que... que...

TELMO

Que já lá vai, que era outro tempo.

MADALENA

Pois sim... (*Suspira.*) Eu era uma criança; pouco maior era que Maria.

TELMO

Não, a Senhora D. Maria já é mais alta.

MADALENA

É verdade, tem crescido demais, e de repente nestes dois meses últimos...

(18) A Rua Nova era o Chiado de então, a *rue de La Paix*, o *Regent street* da Lisboa, capital daquela imensa monarquia que D. Sebastião ainda deixou. Cito outra vez a *Relação* ou *viagem* dos venezianos Tron e Lippomani:

"Quanto às ruas em geral são más e incômodas para andar, assim a pé como em côche, tanto é fácil, deleitosa e bela a rua Nova pelo seu comprimento e largueza, mas sobretudo por ser ornada de uma infinidade de lojas cheias de diversas mercadorias para uso de nobre e real povoação."

(*Ms. da Bibl. Real da Ajuda.*)

(19) Até em Portugal, o país mais exclusivamente católico da Terra, não deixou de fazer sua impressão a luta pela liberdade religiosa que no século XVI tanto amotinou o Norte da Europa. Até aqui a reforma teve, senão prosélitos determinados, pelo menos seus admiradores que sympathizavam com certos princípios proclamados pelos cristãos dissidentes. Um dos caracteres mais illustres da época, e que mais ilustrava então na Europa o nome português, Damião de Góis, foi suspeito e acusado — cuidando que não sem algum fundamento — de sua inteligência com os reformistas de Alemanha.

TELMO

Então! Tem treze anos feitos, é quase uma senhora, está uma senhora... (*À parte.*) Uma senhora aquella... pobre menina!

MADALENA (*com as lágrimas nos olhos*)

És muito amigo dela, Telmo?

TELMO

Se sou! Um anjo como aquêlle... uma viveza, um espírito!... e então que coração!

MADALENA

Filha da minha alma! (*Pausa; mudando de tom.*) Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-to: eu não sei como hei de fazer para te dar conselhos. Conheci-te de tão criança, de quando casei a... a... a primeira vez, costumei-me a olhar para ti com tal respeito — já então eras o que hoje és, o escudeiro valido, o familiar quase parente, o amigo velho e provado de teus amos <sup>20</sup>...

TELMO (*enternecido*)

Não digais mais, Senhora, não me lembreis de tudo o que eu era.

MADALENA (*quase ofendida*)

Por quê? Não és hoje o mesmo, ou mais ainda, se é possível? Quitaram-te alguma coisa da confiança, do respeito, do amor e carinho a que estava costumado o aio fiel do meu senhor D. João de Portugal, que Deus tenha em glória?

TELMO (*à parte*)

Terá...

(20) Dêstes antigos familiares das casas illustres, ou que viviam a lei de nobreza, ainda na minha infância conheci alguns representantes. Nas províncias, e principalmente nas do Norte, até o começo dêste século, o escudeiro não era um criado, era um companheiro, muitas vèzes nem inferior em nobreza, e só dependente pela fortuna. Foi o último vestígio do pouco que havia de patriarcal nos hábitos feudais. O escudeiro é uma figura característica no quadro dos costumes portugêses, enquanto os houve; e hoje mais interessante depois que se apagou tôda a fisionomia nacional com as modas e usos estranhos, nem sempre mais elegantes que os nossos.



MADALENA

O amigo e camarada antigo de seu pai?

TELMO

Não, minha Senhora, não, por certo.

MADALENA

Então?...

TELMO

Nada. Continuai, dizei, minha Senhora.

MADALENA

Pois está bem. Digo que mal sei dar-vos conselhos, e não queria dar-vos ordens... Mas, meu amigo, tu tomaste — e com muito gosto meu e de seu pai, — um ascendente no espírito de Maria... tal que não ouve, não crê, não sabe senão o que lhe dizes. Quase que és tu a sua dona, a sua aia de criação. Parece-me... eu sei... não fales com ela dêsse modo, nessas coisas...

TELMO

O quê? No que me disse o inglês, sôbre a Sagrada Escritura que êles lá têm em sua língua, e quê?...

MADALENA

Sim... nisso decerto... e em tantas outras coisas tão altas, tão fora de sua idade, e muitas do seu sexo também, que aquela criança está sempre a querer saber, a perguntar. É a minha única filha: não tenho... nunca tivemos outra<sup>21</sup>...

(21) D. Madalena de Vilhena, filha herdeira de Francisco de Sousa Tavares, capitão-mor do mar da Índia e das fortalezas de Cananor e Diu, e de D. Maria da Silva, sua mulher, foi casada em primeiras núpcias com D. João de Portugal, neto do primeiro Conde de Vimioso, e filho do célebre D. Manuel de Portugal que immortalizaram os versos de Camões; teve dêle um filho que morreu môço, e duas filhas. Destas, uma casou com D. Pedro de Meneses, da casa dos condes de Linhares, e não teve sucessão; outra, por nome D. Joana de Portugal, casou com D. Lopo de Almeida, avô do primeiro Conde de Assumar, em cuja sucessão veio a reunir-se depois a descendência das duas casas, Portugal e Sousa Coutinho, pelo casamento de D. Diogo Fernandes de Almeida com D. Joana

e, além de tudo o mais, bem vêes que não é uma criança... muito... muito forte.

TELMO

É... delgadinha, é. Há de enrijar. É tê-la por aqui, fora daqueles ares apastados de Lisboa: e deixai, que se há de pôr outra.

MADALENA

Filha do meu coração!

TELMO

E do meu. Pois não se lembra, minha Senhora, que ao princípio, era uma criança que eu não podia... — na verdade, não a podia ver: já sabereis por quê... mas vê-la, era ver... Deus me perdoe!... nem eu sei... E daí começou-me a crescer, a olhar para mim com aquêles olhos... a fazer-me tais meiguices, e a fazer-se-me um anjo tal de formosura e de bondade que — vêdes-me aqui agora, que lhe quero mais do que seu pai.

MADALENA (*sorrindo*)

Isso agora!...

TELMO

Do que vós.

MADALENA (*rindo*)

Ora, meu Telmo!

TELMO

Mais, muito mais. E veremos; tenho cá uma coisa que me diz que antes de muito, se há de ver quem é que quer mais à nossa menina nesta casa.

Teresa Coutinho. Singular coincidência! observa com razão o Sr. Bispo de Viseu na sua Memor. cit.

Do segundo marido, o nosso Manuel de Sousa Coutinho, não teve senão esta filha, que Francisco de Santa Maria chama D. Ana, e eu D. Maria de Noronha, fundado na grande autoridade de meu tio D. Fr. Alexandre, que assim o tinha emendado no exemplar de seu uso, e era homem de escrupuloso rigor em todos os pontos.

MADALENA (*assustada*)

Está bom, não entremos com os teus agouros e profecias do costume: são sempre de aterrar... Deixemo-nos de futuros...

TELMO

Deixemos, que não são bons.

MADALENA

E de passados também...

TELMO

Também.

MADALENA

E vamos ao que importa agora. Maria tem uma compreensão...

TELMO

Compreende tudo!

MADALENA

Mais do que convém.

TELMO

Às vezes.

MADALENA

É preciso moderá-la.

TELMO

É o que eu faço.

MADALENA

Não lhe dizer...

TELMO

Não lhe digo nada que não possa, que não deva saber uma donzela honesta e digna de melhor... melhor...

MADALENA

Melhor quê?

TELMO

De nascer em melhor estado. Quisestes ouvi-lo... está dito.

MADALENA

Oh, Telmo! Deus te perdoe o mal que me fazes. (*Desata a chorar.*)

TELMO (*ajoelhando e beijando-lhe a mão*)

Senhora... Senhora D. Madalena, minha ama, minha Senhora... castigai-me... mandai-me já castigar, mandai-me cortar esta língua perra que não toma ensino. Oh! Senhora! Senhora, é vossa filha, é a filha do Senhor Manuel de Sousa Coutinho, fidalgo de tanto primor, e de tão boa linhagem como os que se têm por melhores neste reino, em tôda a Espanha<sup>22</sup>... A Senhora D. Maria... a minha querida D. Maria é sangue de Vilhenas e de Sosas; não precisa mais nada, mais nada, minha Senhora, para ser... para ser...

MADALENA

Calai-vos, calai-vos, pelas dores de Jesus Cristo, homem.

TELMO (*soluçando*)

Minha rica Senhora!...

MADALENA (*enxuga os olhos, e toma uma atitude grave e firme*)

Levantai-vos, Telmo, e ouvi-me. (*Telmo levanta-se.*) Ouvi-me com atenção. É a primeira e será a última vez que vos falo dêste modo e em tal assunto. Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o Senhor D. João de Portugal; tínheis sido o companheiro de trabalhos e de glória de seu ilustre pai, aquêle nobre Conde de Vimioso, que eu de tamanhinha me acostumei a reverenciar como pai. Entrei depois nessa família de tanto respeito; achei-vos parte dela, e quase que vos tomei a mesma amizade que aos outros... Chegastes a alcançar um poder no meu espírito, quase maior... — de-

(22) Do que fica dito na nota 17, pág. 55, se vê que não há amplificação nestas expressões. Ouço aos práticos em genealogias que esta ilustríssima família dos Sosas Coutinhos, tão distinta por armas, letras e virtudes, se extinguiu completamente: e que os que hoje usam juntar os dois nobres apelidos ao seu nome têm muito pouco direito verdadeiro para isso — dirão os genealógicos quanto ao sangue, e a opinião do público quanto ao mais.

certo, maior que nenhum dêles. O que sabeis da vida e do mundo, o que tendes adquirido na conversação dos homens e dos livros — porém, mais que tudo, o que de vosso coração fui vendo e admirando cada vez mais — me fizeram ter-vos numa conta, deixar-vos tomar, entregar-vos eu mesma tal autoridade nesta casa e sôbre minha pessoa... que outros poderão estranhar...

TELMO

Emendai-o, Senhora.

MADALENA

Não, Telmo, não preciso nem quero emendá-lo. Mas agora deixai-me falar. Depois que fiquei só, depois daquela funesta jornada de África que me deixou viúva, órfã e sem ninguém... sem ninguém, e numa idade... com dezessete anos! — em vós, Telmo, em vós só, achei o carinho e proteção, o amparo que eu precisava. Ficastes-me em lugar de pai; e eu... salvo numa coisa! — tenho sido para vós, tenho-vos obedecido como filha.

TELMO

Oh minha Senhora, minha Senhora! mas essa coisa em que vos apartastes dos meus conselhos...

MADALENA

Para essa houve poder maior que as minhas fôrças... D. João ficou naquela batalha com seu pai, com a flor da nossa gente. (*Sinal de impaciência em Telmo.*) Sabeis como chorei a sua perda, como respeitei a sua memória, como durante sete anos, incrédula a tantas provas e testemunhos de sua morte, o fiz procurar por essas costas de Berbéria, por tôdas as sejanas de Fez e Marrocos, por todos quantos aduares de Alarves aí houve <sup>23</sup>... Cabedais e valimentos, tudo se empregou; gastaram-se grossas quantias; os embaixadores de Portugal e Castela tiveram ordens apertadas de o buscar por tôda a parte <sup>24</sup>;

(23) Todos os nossos cronistas e escritores de memórias do tempo chamam *sejanas* àqueles bairros ou distritos fechados das cidades de Berbéria em que viviam os judeus, e aonde foram geralmente alojados e guardados os portugueses cativos que esperavam seu resgate.

(24) Não só no breve reinado de D. Henrique, o cardeal-rei, mas ainda durante o do primeiro Filipe, II de Castela, estiveram lidando cons-

aos padres de Redenção, a quanto religioso ou mercador podia penetrar naquelas terras, a todos se encomendava o seguir a pista do mais leve indício que pudesse desmentir, pôr em dúvida ao menos aquela notícia que logo viera com as primeiras novas da batalha de Alcácer. Tudo foi inútil; e a ninguém mais ficou resto de dúvida...

TELMO

Senão a mim.

MADALENA

Dúvida de fiel servidor, esperança de leal amigo, meu bom Telmo, que diz com vosso coração, mas que tem atormentado o meu... E então sem nenhum fundamento, sem o mais leve indício... Pois disse-me em consciência, disse-mo de uma vez, claro e desenganado. A que se apegava esta vossa credulidade de sete... e hoje mais quatorze... vinte e um anos?

TELMO (*gravemente*)

As palavras, às formais palavras daquela carta escrita na própria madrugada do dia da batalha, e entregue a Frei Jorge que vo-la trouxe. — “Vivo ou morto” — rezava ela — “vivo ou morto...” Não me esqueceu uma letra daquelas palavras; e eu sei que homem era meu amo para as escrever em vão: — “Vivo ou morto, Madalena, hei de ver-vos pelo menos ainda uma vez neste mundo”. — Não era assim que dizia?

MADALENA (*aterrada*)

Era.

TELMO

Vivo não veio... ainda mal! E morto... a sua alma, a sua figura...

MADALENA (*possuida de grande terror*)

Jesus, homem!

tantemente no resgate e proteção dos cativos cristãos em Berbéria, os dois agentes de Portugal e de Castela, que rivalizavam de zelo e generosidade em seus nobres esforços.

Todos os escritos do tempo são testemunho dêste fato tão honroso para as duas côrtes de Espanha.

TELMO

Não vos apareceu decerto.

MADALENA

Não: credo!

TELMO (*misterioso*)

Bem sei que não. Queria-vos muito; e a sua primeira visita, como de razão, seria para minha senhora. Mas não se ia sem aparecer também ao seu aio velho<sup>25</sup>.

(25) Não é de invenção minha êste argumento, que convence tão fortemente o bom do aio velho, e que me lisonjeio de ser uma das coisas mais características e originais que o observador não vulgar encontrará talvez nesta composição. Tirei-o de um precioso tesouro de onde tenho havido quase tudo o que em meus escritos literários tem tido a fortuna de ser mais aplaudido. O tesouro são as reminiscências da minha infância, e o estudo que incessantemente tenho feito da linguagem, do sentir, do pensar e do crer do nosso povo, que é o mais poético e espirituoso povo da Europa.

Quero contar como me lembrou de pôr aquelas palavras na bôca de Telmo Pais. Eu passei os primeiros anos da minha vida entre duas quintas, a pequena quinta do Castelo, que era de meu pai, e a grande quinta do Sardão que era, e ainda é, da família de meu avô materno, José Bento Leitão; ambas são ao sul do Douro, ambas perto do Pôrto, mas tão isoladas e fora do contato da cidade, que era perfeitamente do campo a vida que ali vivíamos, e que ficou sendo sempre para mim o tipo da vida feliz, da única vida natural neste mundo. Uma parda velha, a boa Rosa de Lima, de quem eu era o menino bonito entre todos os rapazes, e por quem ainda choro de saudades apesar do muito que me ralhava às vêzes, era a cronista-mor da família, e em particular da capela e da quinta do Sardão, que ela julgava uma das maravilhas da Terra e venerava como um boni castelhano o seu Escurial. Contava-me ela, entre mil bruxarias e coisas do outro mundo que piamente acreditava, que também naquelas coisas "se mentia muito"; que de meu avô, por exemplo, diziam que tinha aparecido embrulhado num lençol passeando à meia-noite em cima dos arcos que trazem a água para a quinta: o que era inteiramente falso, porque "ela estava certa que, se o Sr. José Bento pudesse vir a êste mundo, não se ia embora sem aparecer à sua Rosa de Lima". E arrasavam-se-lhe os olhos de água ao dizer isto, luzia-lhe na bôca um sorriso de confiança que ainda agora me faz impressão quando me lembra.

A poesia verdadeira é esta, é a que sai destas suas fontes primeiras e genuínas; não são arrebiques de frases tiradas de gregos ou latinos, de franceses ou de inglêses segundo é moda; nem *refacimentos* exagerados

MADALENA

Valha-me Deus, Telmo! Conheço que desarrazoais, contudo as vossas palavras metem-me medo... Não me façais mais desgraça.

TELMO

Desgraçada! Por quê? Não sois feliz na companhia do homem que amais, nos braços do homem a quem sempre quisestes mais sôbre todos? Que o pobre do meu amo... respeito, devoção, lealdade, tudo lhe tivestes, como tão nobre e honrada senhora que sois... mas amor!

MADALENA

Não está em nós dá-lo, nem quitá-lo, amigo.

TELMO

Assim é. Mas os ciúmes que meu amo não teve nunca — bem sabeis que têmpera de alma era aquela — tenho-os eu... aqui está a verdade nua e crua... tenho-os eu por êle. Não posso, não posso ver... e desejo, quero, forceio por me acostumar... mas não posso. Manuel de Sousa... o Senhor Manuel de Sousa Coutinho é guapo cavalheiro, honrado fidalgo, bom português... mas — mas não é, nunca há de ser, aquêle espelho de cavalaria e gentileza, aquela flor dos bons... Ah, meu nobre amo, meu santo amo!

MADALENA

Pois sim, tereis razão... tendes razão, será tudo como dizeis. Mas refleti, que haveis cabedal de inteligência para muito: — eu resolvi-me por fim a casar com Manuel de Sousa; foi do apazimento geral de nossas famílias, da própria família de meu primeiro marido, que bem sabeis quanto me estima; vivemos (*com afetação*) seguros, em paz e felizes... há quatorze anos. Temos esta filha, esta querida Maria que é todo o gôsto e ânsia

— hoje da sensaboria descorada da escola *passigráfica* que distinguiu a nacionalidade de tôdas as literaturas no fim do século passado e princípios dêste — amanhã de quanto há mais obsoleto e *irrevocável* no estilo enrevezado, nas idéias confusas, nos princípios indeterminados dos croniqueiros velhos. A literatura é filha da terra, como os titãs da fábula, e à sua terra se deve deitar para ganhar forças novas quando se sente exausta.

da nossa vida. Abençoou-nos Deus na formosura, no engenho, nos dotes admiráveis daquele anjo... E tu, tu, meu Telmo, que és tão seu que chegas a pretender ter-lhe mais amor que nós mesmos...

TELMO

Não, não tenho!

MADALENA

Pois tens: melhor. E és tu que andas, continuamente e quase por acinte, a sustentar essa quimera, a levantar êsse fantasma, cuja sombra, a mais remota, bastaria para enodoar a pureza daquela inocente, para condenar a eterna desonra a mãe e a filha... (*Telmo dá sinais de grande agitação.*) Ora diz: Já pensaste bem no mal que estás fazendo? Eu bem sei que a ninguém neste mundo, senão a mim, falas em tais coisas... falas assim como hoje temos falado... mas as tuas palavras misteriosas, as tuas alusões freqüentes a êsse desgraçado rei D. Sebastião, que o seu mais desgraçado povo ainda não quis acreditar que morresse, por quem ainda espera em sua leal incredulidade<sup>20</sup>, êsses contínuos agouros em que andas sempre de uma desgraça que está iminente sôbre a nossa família... Não vêes que estás excitando com tudo isso a curiosidade daquela criança aguçando-lhe o espírito — já tão perspicaz — a imagi-

(26) A incredulidade popular sôbre a morte de el-rei D. Sebastião começou logo com as primeiras notícias que chegaram ao reino da derrota de Alcácer Quebir. Querem alguns que as esperanças do povo fôsem adrede sustentadas pelos que mais haviam instigado aquela triste jornada, para evitarem a responsabilidade de seus fatais conselhos. O fato é que no público nunca se acreditou bem na morte de el-rei. E nenhum, de tantos que escaparam, nenhum disse nunca que o vira morrer. No epitáfio de Belém pôs-se a ressalva: *si vera est fama*. Os vários impostores que em diversas partes apareceram tomando o nome de D. Sebastião, em vez de destruírem, confirmaram as suspeitas nacionais. O verdadeiro ou falso Sebastião que foi entregue em Veneza e atormentado em Nápoles, deixou dúvidas profundas nos ânimos mais seguros.

Menos bastava para dar côr e crença à multidão de fábulas romancescas e poéticas de que se encheu logo Portugal e que duraram até os nossos dias. O sebastianista é outro caráter popular que ainda não foi tratado e que, em hábeis mãos, deve dar riquíssimos quadros de costumes nacionais. O romancista e o poeta, o filólogo e o filósofo acharão muito que lavar neste fertilíssimo veio da grande mina de nossas crenças e superstições antigas.

nar, a descobrir... quem sabe se a acreditar nessa prodigiosa desgraça em que tu mesmo... tu mesmo... sim, não crês de-veras? Não crês, mas achas não sei que doloroso prazer em ter sempre viva e suspensa essa dúvida fatal. E então considera, vê: se um terror semelhante chega a entrar naquela alma, quem lho há de tirar nunca mais?... O que há de ser dela e de nós? Não a perdes, não a matas... não me matas a milha filha?

TELMO (*em grande agitação durante a fala precedente, fica pensativo e aterrado: fala depois como para si*)

É verdade que sim! A morte era certa. E não há de morrer; não, não, não, três vêzes não. (*Para Maddalena.*) À fé de escudeiro honrado, senhora D. Madalena, a minha bôca não se abre mais; e o meu espírito há de... há de fechar-se também... (*A parte.*) Não é possível, mas eu hei de salvar o meu anjo do céu! (*Alto para Madalena.*) Está dito, minha senhora.

MADALENA

Ora Deus to pague. Hoje é o ultimo dia de nossa vida que se fala em tal.

TELMO

O último.

MADALENA

Ora pois, ide, ide ver o que ela faz (*levantando-se*): que não esteja a ler ainda, a estudar sempre. (*Telmo vai a sair.*) E olhai: chegai-me depois ali a São Paulo, ou mandai, se não podeis...

TELMO

Ao convento dos dominicos? Pois não posso!... quatro passadas.

MADALENA

E dissei a meu cunhado, a Fr. Jorge Coutinho, que me está dando cuidado a demora de meu marido em Lisboa; que me prometeu de vir antes de véspera, e não veio; que é quase noite, e que já não estou contente com a tardança. (*Chega à varanda e olha para o rio.*) O ar está sereno, o mar tão quieto, e a tarde tão linda!... quase que não há vento, é uma viração

que afaga... Oh, e quantas faluas navegando tão garridas por esse Tejo! Talvez nalguma delas — naquela tão bonita — venha Manuel de Sousa. — Mas neste tempo não há que fiar no Tejo, dum instante para o outro levanta-se uma nortada... e então aqui o pontal de Cacilhas! Que êle é tão bom mareante... Ora, um Cavaleiro de Malta! (*Olha para o retrato com amor.*) Não é isso o que me dá maior cuidado, mas em Lisboa ainda há peste, ainda não estão limpos os ares... e esoutros ares que por aí correm destas alterações públicas, destas malquerenças entre castelhanos e portugueses! Aquêlê caráter inflexível de Manuel de Sousa traz-me num susto contínuo. Vai, vai a Frei Jorge, que diga se sabe alguma coisa, que me assossegue, se puder.

## CENA III

MADALENA, TELMO E MARIA

MARIA (*entrando com umas flôres na mão, encontra-se com Telmo, e o faz tornar para a cena*)

Bonito! Eu há mais de meia hora no eirado passeando — e sentada a olhar para o rio a ver as faluas e os bergantins que andam para baixo e para cima — e já aborrecida de esperar... e o senhor Telmo, aqui pôsto a conversar com a minha mãe, sem se importar de mim! Que é do romance que me prometeste? Não é o da batalha, não é o que diz:

*Postos estão, frente a frente,  
Os dois valorosos campos* 27;

é o outro, é o da ilha encoberta onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que há de vir um dia de névoa muito cerrada 28... Que êle não morreu; não é assim, minha mãe?

(27) Este romance que se cantava, diz Miguel Leitão, ao som de uma melodia simples e plangente, de que êle na sua *Miscelânea* nos conservou as notas, vem ali em castelhano; achei-o em português nos *Apontamentos* do Cavaleiro de Oliveira, e também o publicou em português A. L. Caminha, na sua *Coleção de Inéditos*.

No lugar competente do meu *Romanceiro* o dou em ambas as línguas, sem me atrever a decidir em qual delas fôsse originalmente composto.

(28) Era opinião firme e corrente entre os derradeiros sebastianistas, e talvez ainda hoje o seja, porque me dizem que alguns há ainda, que

MADALENA

Minha querida filha, tu dizes coisas! Pois não tens ouvido, a teu tio Frei Jorge e a teu tio Lopo de Sousa, contar tantas vêzes como aquilo foi? 29 O povo, coitado, imagina essas quimeras para se consolar na desgraça.

MARIA

Voz do povo, voz de Deus, minha senhora mãe: êles que andam tão crentes nisto, alguma coisa há de ser 30. Mas ora o que me dá que pensar é ver que, tirado aqui o meu bom velho Telmo (*chega-se tôda para êle acarinhando-o*), ninguém nesta casa gosta de ouvir falar em que escapasse o nosso bravo rei, o nosso santo rei D. Sebastião. Meu pai, que é tão bom português, que não pode sofrer êstes castelhanos, e que até às vêzes, dizem que é demais o que êle faz e o que êle fala... em ouvindo duvidar da morte do meu querido rei D. Sebastião... ninguém tal há de dizer, mas põe-se logo outro, muda de semblante, fica pensativo e carrancudo; parece que o vinha afrontar,

el-rei D. Sebastião havia de vir num dia de névoa muito cerrada. Assim rezavam certas profecias populares.

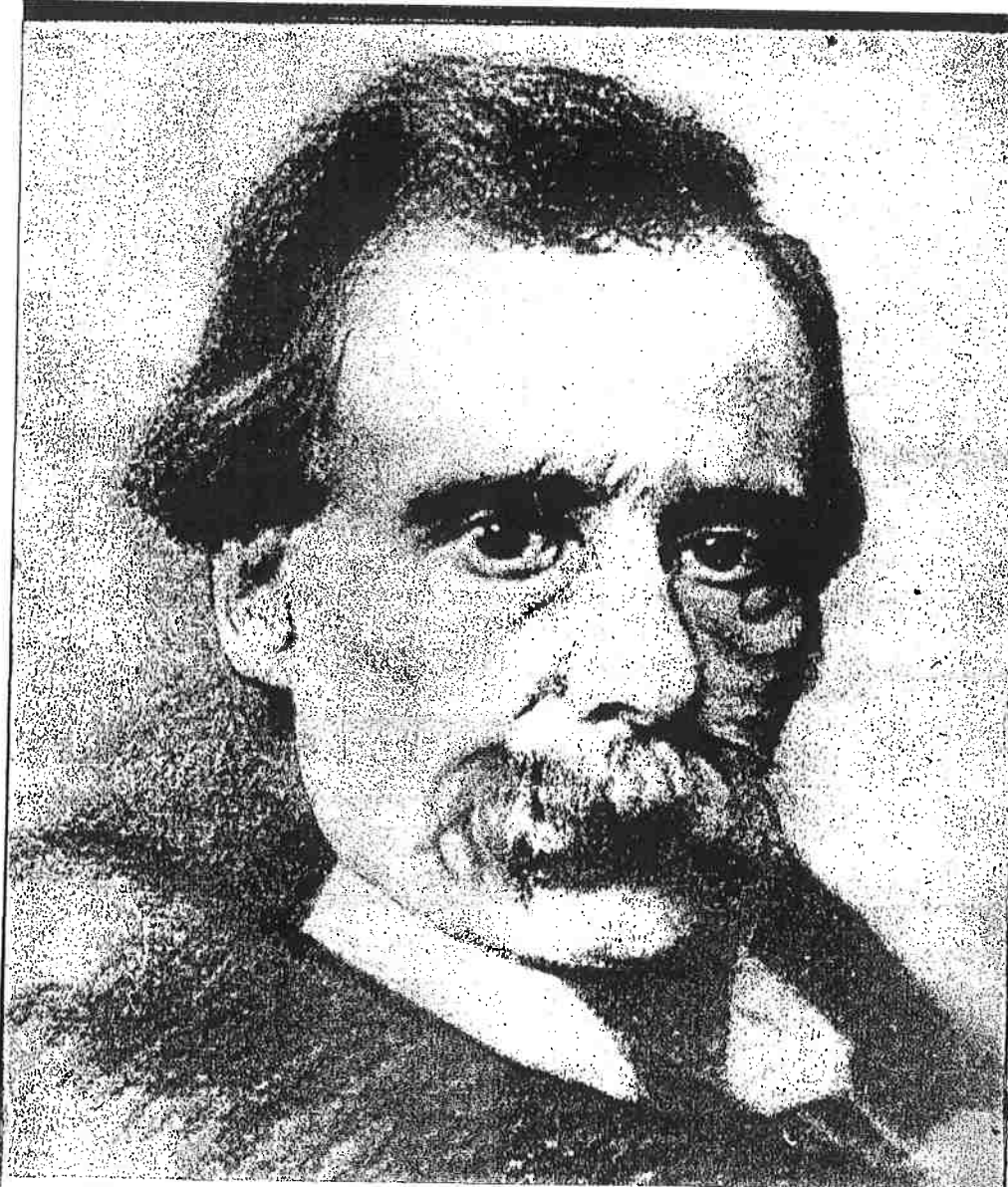
Outro tesouro de poesia nacional são estas profecias que ainda ninguém examinou filologicamente como elas merecem. No meu *Romanceiro* procurei restituí-las ao lugar e categoria literária que estou convencido lhes compete.

(29) Lopo de Sousa, irmão de Frei Luís de Sousa, ficou cativo na batalha de Alcácer. *Hist. Geneal.*, t. XII. — Frei Jorge, estou persuadido que foi frade graciano — pôsto que as conveniências dramáticas me fizessem adotar a opinião de Tournon e Echard, dando-o aqui por dominico.

Entre os que se renderam às promessas de Castela para entregar Portugal foi, com bastante probabilidade, Rui Lopes Coutinho, o irmão mais velho de Frei Luís de Sousa: donde, não se dariam muito irmãos de tão diferentes sentimentos. Por isso aqui não é apontado o seu nome, ainda que se achasse, como sabemos, na jornada de África.

V. Faria e Sousa, *Europ.*, t. III, p. I., e a *Mem.*, cit. do Sr. Bispo de Viscu.

(30) Veja a nota 26. E consulte o dizer de todos os escritores do tempo: ver-se-á que o engano popular, se o era, recaía com efeito em muito grandes e fundadas suspeitas. Nunca uma pura falsidade chega a obter crédito geral; é preciso que tenha algum fundamento: a imaginação do povo não é criadora, aumenta, exagera, mas não tira do nada.



*Camilo Castelo Branco*

# CAMILO CASTELO BRANCO

## OBRA SELETA

*Organização, seleção, introdução  
e notas de*

JACINTO DO PRADO CÔELHO

*INTRODUÇÃO GERAL*

*Raízes e Sentido da Obra Camiliana*

VOLUME I

*AUTOBIOGRAFIA E MEMÓRIAS.  
VERSO. NOVELAS E CONTOS.*



RIO DE JANEIRO, EDITORA JOSÉ AGUILAR LTDA., 1960

na véspera do seu trespasse, tinha dito que, se o seu primo não viesse vê-la até às quatro horas do dia seguinte, só na presença de Deus a veria. Ora, nós tanta confiança tínhamos nas previsões da virtuosa senhora, que nos apressamos a chamá-lo.

— Deu-se, portanto, um milagre! — atalhei eu.

— Milagre foi, louvado seja por isso o Senhor, que escolheu a sua serva para nos edificar — respondeu a prelada. — O padre Alvaro chegou minutos depois da hora que ela dissera.

— Serei importuno fazendo mais uma pergunta?

— Queira dizer.

— Leonor tinha reminiscências magoadas, ou mesmo saudades de um passado, anterior a trinta anos?

— Não sabemos — respondeu prontamente a priora; — o que podemos dizer-lhe é que Leonor, logo que entrou nesta casa, que as suas chiadas lhe chamassem MADALENA.

Pensei na palavra, e pus ponto na minha curiosidade.

Já fora da portaria do convento, meditei no que teria sido vinte anos de horrível imobilidade, de parálisia, com o coração vivo, e o fogo da índole e do instinto inextinguível nêle. Não me entendia com o mistério de semelhante conversão.

Alheado nestes pensamentos ingratos e inconcludentes, ouvi uns sons de órgão, cuja toada vinha do templo do mosteiro. Retrocedi entrei na igreja, ajoelhei, orei, e tudo compreendi, encarando no retábulo de um dos altares. Era o painel significativo da contrição de S. Pedro; e, à orla inferior, li estas palavras: *Flevit amare: CHOROU AMARGAMENTE.*

Os infelizes chorem, que à última lágrima da penitência segue-se a primeira da santificação.

FIM DE  
"O ROMANCE DE UM HOMEM RICO"

## AMOR DE PERDIÇÃO

(MEMÓRIAS DE UMA FAMÍLIA)

Quem viu jamais vida amorosa que não a visse afogada nas lágrimas do desastre ou do arrependimento?

D. FRANCISCO MANUEL, *Epanáfora Amorosa.*



## INTRODUÇÃO

FOLHEANDO OS LIVROS de antigos assentamentos, no cartório das cadeias da Relação do Pôrto, li, no das entradas dos presos desde 1803 a 1805, a fôlha 232, o seguinte:

Simão Antônio Botelho, que assim disse chamar-se, ser solteiro, e estudante da Universidade de Coimbra, natural da cidade de Lisboa, e assistente na ocasião de sua prisão na cidade de Vizeu, idade de dezoito anos, filho de Domingos José Correia Botelho e de D. Rita Preciosa Caldeirão Castelo Branco; estatura ordinária, cara redonda, olhos castanhos, cabelo e barba preta, vestido com jaqueta de baetão azul, colête de fustão pintado e calça de pano pedrez. E fiz êste assento, que assinei — Filipe Moreira Dias.

À margem esquerda dêste assento está escrito:

Foi para a Índia em 17 de Março de 1807.

Não seria fiar demasiadamente na sensibilidade do leitor, se cuido que o degrêdo de um môço de dezoito anos lhe há de fazer dó.

Dezoito anos! O arrebol dourado e escarlata da manhã da vida! As louçanias do coração que ainda não sonha em frutos, e tôda se embalsama no perfume das flôres! Dezoito anos! O amor daquela idade! A passagem do seio de família, dos braços de mãe, dos beijos das irmãs para as carícias mais doces da virgem, que se lhe abre ao lado como flor da mesma sação e dos mesmos aromas, e à mesma hora da vida! Dezoito anos!... E degredado da pátria, do amor e da família! Nunca mais o céu de Portugal, nem liberdade, nem irmãos, nem mãe, nem reabilitação, nem dignidade, nem um amigo!... É triste!

O leitor decerto se compungia; e a leitora, se lhe dissessem em menos de uma linha a história daqueles dezoito anos, choraria!

Amou, perdeu-se, e morreu amando.

E a história. E história assim poderás ouvi-la a olhos enxutos a mulher, a criatura mais bem formada das branduras da piedade, a que por vêzes traz consigo do céu um reflexo da divina misericórdia; essa, a minha leitora, a carinhosa amiga de todos os infelizes, não choraria se lhe dissessem que o pobre môço perdera honra, reabilitação, pátria, liberdade, irmãs, mãe, vida, tudo, por amor da primeira mulher que o despertou do seu dormir de inocentes desejos?

Chorava, chorava! Assim eu lhe soubesse dizer o doloroso sobres-

salto que me causaram aquelas linhas, de propósito procuradas, e lidas com amargura e respeito e, ao mesmo tempo, ódio. Ódio, sim... A tempo verão se é perdoável o ódio, ou se antes me não fôra melhor abrir mão desde já de uma história que me pode acarear enojos dos frios julgadores do coração, e das sentenças que eu aqui lavrar contra a falsa virtude de homens feitos bárbaros em nome da sua honra.

## CAPÍTULO PRIMEIRO

DOMINGOS JOSÉ Correia Botelho de Mesquita e Meneses, fidalgo de linhagem e um dos mais antigos solarengos de Vila Real de Trás-os-Montes, era em 1779, juiz de fora de Cascais, e nesse mesmo ano casara com uma dama do paço, D. Rita Teresa Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castelo Branco, filha de um capitão de cavalos, neta de outro, Antônio de Azevedo Castelo Branco Pereira da Silva, tão notável por sua jerarquia, como por um, naquele tempo, precioso livro acêrca da Arte da Guerra.

Dez anos de enamorado, mal sucedido, consumira em Lisboa o bacharel provinciano. Para fazer-se amar da formosa dama de D. Maria I minguavam-lhe dotes físicos: Domingos Botelho era extremamente feio. Para se inculcar como partido conveniente a uma filha segunda, faltavam-lhe bens de fortuna: os haveres dêle não excediam a trinta mil cruzados em propriedades no Douro. Os dotes de espírito não o recomendavam também: era alcançadíssimo de inteligência e granjeara entre os seus condiscípulos da Universidade o epíteto de "brocas" com que ainda hoje os seus descendentes em Vila Real são conhecidos. Bem ou mal derivado, o epíteto *brocas* vem de *broa*. Entenderam os acadêmicos que a rudeza do seu condiscípulo procedia de muito pão de milho que êle digerira na sua terra.

Domingos Botelho devia ter uma vocação qualquer, e tinha: era excelente flautista; foi a primeira flauta do seu tempo; e a tocar flauta se sustentou dois anos em Coimbra, durante os quais seu pai lhe suspendeu as mesadas, porque os rendimentos da casa não bastavam a livrar outro filho de um crime de morte.\*

Formara-se Domingos Botelho em 1767, e fôra a Lisboa ler no

\* Há vinte anos que eu ouvi de um coevo do fato a história do assassinio assim contada: Era em quinta-feira santa. Marcos Botelho, irmão de Domingos, estava na festa de endoenças, em S. Francisco, defrontando com uma dama, namorada sua, e desleal dama que ela era. Noutra ponta da Igreja estava, apontando os olhos e coração à mesma mulher, um alferes da infantaria. Marcos enfreou o seu ciúme até ao final do officio da paixão. À saída do templo encarou no militar e provocou-o. O alferes tirou da espada, e o fidalgo do espadim. Terçaram as armas longo tempo sem desaire, nem sangue. Amigos de ambos tinham conseguido aplacá-los, quando Luiz Botelho, outro irmão de Marcos, desfechou uma clavina no peito do alferes e ali, à entrada da "rua do Jôgo da Bola", o derribou morto. O homicida foi livre por graça régia. [N. do A. na 1.ª ed.]

desembargo do paço a iniciação banal dos que aspiravam à carreira da magistratura. Já Fernão Botelho, pai do bacharel, fôra bem aceito em Lisboa, e mormente ao duque de Aveiro, cuja estima lhe teve a cabeça em risco, na tentativa regicida de 1758. O provinciano saiu das masmorras da Junqueira ilibado da infamante nódoa, e até benquistado do conde de Oeiras, porque tomara parte na prova que êste fizera do primor de sua genealogia sôbre a dos Pintos Coelhos do Bom-jardim do Pôrto: pleito ridículo mas estrondoso, movido pela recusa que o fidalgo portuense fizera de sua filha ao filho de Sebastião José de Carvalho.\*

As artes com que o bacharel flautista vingou insinuar-se na estima de D. Maria I e Pedro III não as sei eu. É tradição que o homem fazia rir a rainha com as suas facécias, e por ventura com os trejeitos de que tirava o melhor do seu espírito. O certo é que Domingos Botelho freqüentava o paço, e recebia do bolsinho da soberana uma farta pensão, com a qual o aspirante a juiz de fora se esqueceu de si, do futuro e do ministro da justiça, que, muito rogado, fiara das suas letras o encargo de juiz de fora de Cascais.

Já está dito que êle se atreveu aos amôres do paço, não poetando como Luiz de Camões ou Bernardim Ribeiro; mas namorando na sua prosa provinciana, e captando a bem-querença da rainha para amolecer as durezas da dama. Devia ser, afinal, feliz o "doutor bexiga" — que assim era na côrte conhecido — para se não desconcertar a discórdia em que andam rixados o talento e a felicidade. Domingos Botelho casou com D. Rita Preciosa. Rita era uma formosura, que ainda aos cinqüenta anos se podia prezar de o ser. E não tinha outro dote, senão é dote uma série de avoengos, uns bispos, outros generais, e entre êstes o que morrera frígido em caldeirão de não sei que terra de mourisma; glória na verdade um pouco ardente; mas de tal monta que os descendentes do general frito se assinaram *Caldeirões*.

A dama do paço não foi ditosa com o marido. Molestavam-na saudades da côrte, das pompas das câmaras reais, e dos amôres de sua feição e molde, que imolou ao capricho da rainha. Êste desgostoso viver, porém, não impeceu que se reproduzissem em dois filhos e três meninas. O mais velho era Manuel, o segundo Simão; das meninas uma era Maria, a segunda Ana e a última tinha o nome de sua mãe, e alguns traços de beleza dela.

O juiz de fora de Cascais, solicitando lugar de mais graduado banco, demorava em Lisboa, na freguesia da Ajuda, em 1784. Neste ano é que nasceu Simão, o penúltimo dos seus filhos. Conseguiu êle, sempre balanceado da fortuna, transferência para Vila Real, sua ambição suprema.

A distância de uma légua de Vila Real estava a nobreza da vila esperando o seu conterrâneo. Cada família tinha a sua liteira com o brasão da casa. A dos Correias de Mesquita era a mais antiquada no

feito, e as librés dos criados as mais surradas e traçadas que figuravam na comitiva.

D. Rita, avistando o préstito das liteiras, ajustou ao olho direito a sua grande luneta de oiro e disse:

— Ó Menceses, aqui é seu?

— São os nossos amigos e parentes que vêm esperar-nos.

— Em que século estamos nós nesta montanha? — tornou a dama do paço.

— Em que século?! o século tanto é dezoito aqui como em Lisboa.

— Ah! sim? Cuidei que o tempo parara aqui no século doze...

O marido achou que devia rir-se do chiste, que o não lisonjeara grandemente.

Fernão Botelho, pai do juiz de fora, saiu à frente do préstito para dar a mão à nora, que apeava da liteira, e conduzi-la à de casa. D. Rita, antes de ver a cara de seu sogro, contemplou-lhe a olho armado as fivelas de aço e a bôlsa do rabicho. Dizia ela depois, que os fidalgos de Vila Real eram muito menos limpos que os carvoeiros de Lisboa. Antes de entrar na avoenga liteira de seu marido, perguntou, com a mais refsalsada seriedade, se não haveria risco em ir dentro daquela antiguidade. Fernão Botelho asseverou a sua nora que a sua liteira não tinha ainda cem anos e que os machos não excediam a trinta.

O modo altivo como ela recebeu as cortesias da nobreza — velha nobreza que para ali viera em tempo de D. Dinis, fundador da vila — fêz que o mais novo do préstito, que ainda vivia há doze anos, me dissesse a mim: "Sabíamos que ela era dama da Senhora D. Maria I; porém da soberba com que nos tratou ficamos pensando que seria ela a própria rainha." Repicaram os sinos da terra quando a comitiva assomou à Senhora de Almudena. D. Rita disse ao marido que a recepção dos sinos era a mais estrondosa e barata.

Apearam à porta da velha casa de Fernão Botelho. A aia do paço relanceou os olhos pela fachada do edificio, e disse de si para si: "É uma bonita vivenda para quem foi criada em Mafra e Cintra, na Bemposta e Queluz."

Decorridos alguns dias, D. Rita disse ao marido que tinha medo de ser devorada das ratazanas; que aquela casa era um covil de feras; que os tetos estavam a desabar; que as paredes não resistiriam ao inverno; que os preceitos de uniformidade conjugal não obrigavam a morrer de frio uma espôsa delicada e afeita às almofadas do palácio dos Reis.

Domingos Botelho conformou-se com a estremecida consorte, e começou a fábrica de um palacete. Escassamente lhe chegavam os recursos para os alicerces: escreveu à rainha, e obteve generoso subsídio com que ultimou a casa. As varandas das janelas foram a última dádiva que a real viúva fêz à sua dama. Quer-nos parecer que a dádiva é um testemunho, até agora inédito, da demência da Senhora D. Maria I.

\* Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e Marquês de Pombal.

Domingos Botelho mandara esculpir em Lisboa a pedra de armas; D. Rita, porém, teimara que no escudo se esquadreassem também as suas; mas era tarde, porque já a obra tinha vindo do escultor, e o magistrado não podia com segunda despesa, nem queria desgostar seu pai, orgulhoso de seu brasão. Resultou daqui ficar a casa sem armas e D. Rita vitoriosa. \*

O juiz de fora tinha ali parentela ilustre. O aprumo da fidalga dobrou-se até aos grandes da província, ou antes houve por bem levantá-los até ela. D. Rita tinha uma côrte de primos, uns que se contentavam em serem primos, outros que invejavam a sorte do marido. O mais audacioso não ousava fitá-la de rosto, quando ela o remirava com a luneta em jeito de tanta altivez e zombaria, que não será estranha figura dizer que a luneta de Rita Preciosa era a mais vigilante sentinela da sua virtude.

Domingos Botelho desconfiava da eficácia dos merecimentos próprios para cabalmente encher o coração de sua mulher. Inquietava-o o ciúme; mas sufocava os suspiros, receando que Rita se desse por injuriada da suspeita. E razão era que se ofendesse. A neta do general frígido no caldeirão sarraceno ria dos primos, que, por amor dela, eriçavam e empoavam as cabeleiras com desgracioso esmêro, e cavaleavam estrepitosamente na calçada os seus ginetês, fingindo que os picadores da província não desconheciam as graças hípicas do marquês de Marialva.

Não o cuidava assim, porém, o juiz de fora. O intriguista que lhe trazia o espírito em ânsias pra o seu espêlho. Via-se sinceramente feio, e conhecia Rita cada vez mais em flor, e mais enfadada no trato íntimo. Nenhum exemplo da história antiga, exemplo de amor sem quebra entre o espôso deforme e a espôsa linda, lhe ocorria. Um só lhe mortificava a memória, e êsse, quanto fôsse da fábula, era-lhe avêssô, e vinha a ser o casamento de Vênus e Vulcano! Lembravam-lhe as redes que o ferreiro coxo fabricara para apanhar os deuses adúlteros, e assombrava-se da paciência daquele marido. Entre si dizia êle que, erguido o véu da perfídia, nem se queixaria a Júpiter nem armaria raioeiros aos primos. A par do bacamarte de Luiz Botelho, que varara em terra o alferes, estava uma fileira de bacamartes em que o juiz de fora era entendido com muito superior inteligência à que revelava na compreensão do Digesto e das Ordenações do Reino.

Êste viver de sobressaltos durou seis anos, ou mais seria. O juiz de fora empenhara os seus amigos na transferência e conseguiu mais do que ambicionava: foi nomeado provedor para Lamego. Rita Preciosa deixou saudades em Vila Real e duradoura memória da sua soberba, formosura e graças de espírito. O marido também deixou anedotas que ainda agora se repetem. Duas contarei sòmente, para

\* É a casa-palacete da "Rua da Piedade", hoje pertencente ao doutor Antônio Girardo Monteiro. [N. do A. na 1.ª ed.]

não enfadar. Acontecera um lavrador mandar-lhe o presente duma vitela e mandar com ela a vaca, para se não desgarrar a filha. Domingos Botelho mandou recolher à loja a vitela e a vaca, dizendo que quem dava a filha dava a mãe. Outra vez, deu-se o caso de lhe mandarem um presente de pastéis em rica salva de prata. O juiz de fora repartiu os pastéis pelos meninos e mandou guardar a salva, dizendo que receberia como escárnio um presente de doces, que valia dez patações, sendo que naturalmente os pastéis tinham vindo como ornato da bandeja. É assim é que, ainda hoje, em Vila Real, quando se dá um caso análogo de ficar alguém com o conteúdo e continente, diz a gente da terra: "Aquêlé é como o doutor brocas".

Não tenho assunto de tradição com que possa deter-me em miudezas da vida do provedor em Lamego. Escassamente sei que D. Rita aborrecia a comarca, e ameaçava o marido de ir com seus cinco filhos para Lisboa, se êle não saísse daquela intratável terra. Parece que a fidalguia de Lamego, em todo o tempo orgulhosa de uma antiguidade que principia na aclamação de Almacave, desdenhou a filúcia da dama do paço, e esmerilhou certas vergôntees podres do tronco dos Botelhos Correias de Mesquita, desprimorando-lhe as sãs com o fato de êle ter vivido dois anos em Coimbra tocando flauta.

Em 1801, achamos Domingos José Correia Botelho de Mesquita corregedor em Vizeu.

Manuel, o mais vèlho de seus filhos, tem vinte e dois anos, e freqüenta o segundo ano jurídico. Simão, que tem quinze, estuda humanidades em Coimbra. As três meninas são o prazer e a vida tôda do coração de sua mãe.

O filho mais velho escreveu a seu pai queixando-se de não poder viver com seu irmão, temeroso do gênio sanguinário dêle. Conta que a cada passo se vê ameaçado na vida, porque Simão emprega em pistolas o dinheiro dos livros, convive com os mais famosos perturbadores da Academia e corre de noite as ruas, insultando os habitantes e provocando-os à luta com assuadas. O corregedor admira a bravura de seu filho Simão, e diz à consternada mãe que o rapaz é a figura e o gênio de seu bisavô Paulo Botelho Correia, o mais valente fidalgo que dera Trás-os-Montes.

Manuel, cada vez mais aterrado das arremetidas de Simão, sai de Coimbra antes de férias e vai a Vizeu queixar-se e pedir que lhe dê seu pai outro destino. D. Rita quer que seu filho seja cadete de cavalaria. De Vizeu parte para Bragança Manuel Botelho, e justifica-se nobre dos quatro costados para ser cadete.

No entanto, Simão recolhe a Vizeu com os seus exames feitos e aprovados. O pai maravilha-se do talento do filho e desculpa-o da extravagância por amor do talento. Pede-lhe explicações do seu mau viver com Manuel e êle responde que seu irmão o quer forçar a viver monásticamente.

Os quinze anos de Simão têm aparências de vinte. É forte de compleição; belo homem com as feições de sua mãe e a corpulência

dela; mas de todo avêso em gênio. Na plebe de Vizeu é que êle escolhe amigos e companheiros. Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias e mormente do general Caldeirão que morreu frito. Isto bastou para êle granjear a malquerença de sua mãe. O corregedor via as coisas pelos olhos de sua mulher e tomou parte no desgosto dela e na aversão ao filho. As irmãs temiam-no, tirante Rita, a mais nova, com quem êle brincava puerilmente e a quem obedecia se lhe ela pedia, com meiguices de criança, que não andasse com pessoas mecânicas.

Finalizavam as férias, quando o corregedor teve um grave dissabor. Um dos seus criados tinha ido levar a beber os machos, e, por descuido ou propósito, deixou quebrar algumas vasilhas que estavam à vez no parapeito do chafariz. Os donos das vasilhas conjuraram contra o criado; espancaram-no. Simão passava nesse ensejo; e, armado de um fueiro que descravou de um carro, partiu muitas cabeças e rematou o trágico espetáculo pela farsa de quebrar todos os cântaros. O povolêu intacto fugira espavorido, que ninguém se atrevia ao filho do corregedor; os feridos, porém, incorporaram-se e foram clamar justiça à porta do magistrado.

Domingos Botelho bramia contra o filho e ordenava ao meirinho geral que o prendesse à sua ordem. D. Rita, não menos irritada, mas irritada como mãe, mandou, por portas travessas, dinheiro ao filho para que sem detença fugisse para Coimbra e esperasse lá o perdão do pai.

O corregedor, quando soube o expediente de sua mulher, fingiu-se zangado, e prometeu fazê-lo capturar em Coimbra. Como, porém, D. Rita lhe chamasse brutal nas suas vinganças, o estúpido juiz de uma rapaziada, o magistrado desenrugou a serenidade postiça da testa, e confessou tácitamente que era brutal e estúpido juiz.

## CAPÍTULO II

SIMÃO BOTELHO levou de Vizeu para Coimbra arrogantes convicções da sua valentia. Se recordava os chibantes pormenores da derrota em que pusera trinta aguadeiros, o som cavo das pancadas, a queda atordoada dêste, o levantar-se daquele, ensangüentado, a bordoada que abrangia três a um tempo, a que afocinhava dois, a gritaria de todos, e o estrépito dos cântaros afinal, Simão deliciava-se nestas lembranças, como ainda não vi nalgum drama, em que o veterano de cem batalhas relembra os louros de cada uma e esmorece, afinal, estafado de espantar, quando não é de estafar os ouvintes.

O acadêmico, porém, com os seus entusiasmos era incomparavelmente muito mais prejudicial e perigoso que o mata-mouros de tragédia. As recordações esporeavam-no a façanhas novas, e naquele tempo a academia dava azo a elas. A mocidade estudiosa, em grande parte simpatizava com as balbuciantes teorias da liberdade, mais por

pressentimento que por estudo. Os apóstolos da revolução francesa não tinham podido fazer revoar o trovão dos seus clamores neste canto do mundo; mas os livros dos enciclopedistas, as fontes onde a geração seguinte bebera a peçonha que saiu no sangue de noventa e três, não eram de todo ignorados. As doutrinas na regeneração social pela guilhotina tinham alguns temidos sectários em Portugal, e êsses de ver é que deviam pertencer à geração nova. Além de que, o rancor à Inglaterra lavrava nas entranhas das classes manufatureiras, e o desprender-se do jugo aviltador de estranhos, apertado, desde o princípio do século anterior, com as sogas de ruinosos e pérfidos tratados, estava no ânimo de muitos e bons portugueses que se queriam antes aliçados com a França. Êstes eram os pensadores reflexivos; os sectários da academia, porém, exprimiam mais a paixão da novidade que as doutrinas do raciocínio.

No ano anterior de 1800, saíra Antônio de Araújo de Azevedo, depois conde da Barca, a negociar em Madri e Paris a neutralidade de Portugal. Rejeitaram-lhe as potências aliadas as propostas, tendo-lhe em conta de nada os dezesseis milhões que o diplomata oferecia ao primeiro cônsul. Sem delongas, foi o território português infestado pelos exércitos de Espanha e França. As nossas tropas, comandadas pelo duque de Lafões, não chegaram a travar luta desigual, porque a êsse tempo Luís Pinto de Sousa, mais tarde visconde de Balsemão, negociara ignominiosa paz em Badajoz, com cedência de Olivença à Espanha, exclusão de ingleses de nossos portos, e indenização de alguns milhões à França.

Êstes sucessos tinham irritado contra Napoleão os ânimos daqueles que odiavam o aventureiro, e para outros deram causa a congratularem-se do rompimento com Inglaterra. Entre os desta parcialidade, na convulsiva e irrequieta academia, era voto de grande monta Simão Botelho, apesar dos seus imberbes dezesseis anos. Mirabeau, Danton, Robespierre, Desmoulins, e muitos outros algôzes e mártires do grande açougue, eram nomes de soada musical aos ouvidos de Simão. Difamá-los na sua presença era afrontarem-no a êle, e bofetada certa, e pistolas engatilhadas à cara do difamador. O filho do corregedor de Vizeu defendia que Portugal devia regenerar-se num batismo de sangue, para que a hidra dos tiranos não erguesse mais uma das suas mil cabeças sob a clava do Hércules popular.

Êstes discursos, arremêdo de alguma clandestina objurgatória de Saint-Just, afugentavam da sua comunhão aquêles mesmos que o tinham aplaudido em mais racionais princípios de liberdade. Simão Botelho tornou-se odioso aos condiscípulos que, para se salvarem pela infância, o delataram ao bispo-chefe e ao reitor da universidade.

Um dia, proclamava o demagogo acadêmico na Praça de Sansão aos poucos ouvintes que lhe restaram fiéis, uns por mêdo, outros pela analogia de bossas. O discurso ia no mais acrisolado da idéia regicida, quando uma escolta de verdeais lhe agou a escandescência. Quis o orador resistir, aperrando as pistolas, mas de sobra

sabiam os braços musculosos da coorte do reitor com quem as haviam. O jacobino, desarmado e cercado entre a escolta dos arceiros, foi levado ao cárcere acadêmico, de onde saiu seis meses depois, a grandes instâncias dos amigos de seu pai e dos parentes de D. Rita Preciosa.

Perdido o ano letivo, foi para Vizeu Simão. O corregedor répeliu-o da sua presença com ameaças de o expulsar de casa. A mãe, mais elevada do dever que do coração, intercedeu pelo filho e conseguiu sentá-lo à mesa comum.

No espaço de três meses fêz-se maravilhosa mudança nos costumes de Simão. As companhias da ralé, desprezou-as. Sáia de casa raras vezes, ou só, ou com a irmã mais nova, sua predileta. O campo, as árvores e os sítios mais sombrios e ermos eram o seu recreio. Nas doces noites de estio demorava-se por fora até ao romper da alva. Aquêles que assim o viam admiravam-lhe o ar cismador e o recolhimento que o seqüestrava da vida vulgar. Em casa encerrava-se no seu quarto, e saía quando o chamavam para a mesa.

D. Rita pasmava da transfiguração, e o marido, bem convencido dela, ao fim de cinco meses consentiu que seu filho lhe dirigisse a palavra.

Simão Botelho amava. Aí está uma palavra única, explicando o que parecia absurda reforma aos dezessete anos.

Amava Simão uma sua vizinha, menina de quinze anos, rica herdeira, regularmente bonita e bem nascida. Da janela do seu quarto é que êle a vira a primeira vez, para amá-la sempre. Não ficara ela incólume na ferida que fizera no coração do vizinho: amou-o também, e com mais serenidade que a usual nos seus anos.

Os poetas cansam-nos a paciência a falarem do amor da mulher aos quinze anos, como paixão perigosa, única e inflexível. Alguns prosadores de romances dizem o mesmo. Enganam-se ambos. O amor dos quinze anos é uma brincadeira; é a última manifestação do amor às bonecas; é a tentativa da avezinha que ensaia o vôo do ninho, sempre com os olhos fitos na ave-mãe que a está da fronde próxima chamando: tanto sabe a primeira o que é amar muito, como a segunda o que é voar para longe.

Teresa de Albuquerque devia ser, por ventura, uma exceção no seu amor.

O magistrado e sua família eram odiosos ao pai de Teresa, por motivos de litígios, em que Domingos Botelho lhe deu sentenças contra. Afora isso, ainda no ano anterior dois criados de Tadeu de Albuquerque tinham sido feridos na celebrada pancadaria da fonte. É, pois, evidente que o amor de Teresa, declinando de si o dever de obtemperar e sacrificar-se ao justo azedume de seu pai, era verdadeiro e forte.

E êste amor era singularmente discreto e cauteloso. Viram-se e falaram-se três meses, sem darem rebate à vizinhança, e nem sequer suspeitas às duas famílias. O destino, que ambos se prometiam, era

o mais honesto: êle ia formar-se para poder sustentá-la, se não tivesse outros recursos: ela esperava que seu velho pai falecesse para, senhora sua, lhe dar, com o coração, o seu grande patrimônio. Espanta discreção tamanha na índole de Simão Botelho, e na presumível ignorância de Teresa em coisas materiais da vida, como são um patrimônio!

Na véspera da sua ida para Coimbra, estava Simão Botelho despedindo-se da suspirosa menina, quando súbitamente ela foi arrancada da janela. O alucinado môço ouviu gemidos daquela voz que, um momento antes, soluçava comovida por lágrimas de saudade. Ferveu-lhe o sangue na cabeça; contorceu-se no seu quarto como o tigre contra as grades inflexíveis da jaula. Teve tentações de se matar na impotência de socorrê-la. As restantes horas daquela noite passou-as em raivas e projetos de vingança. Com o amanhecer esfriou-lhe o sangue, e renasceu a esperança com os cálculos.

Quando o chamaram para partir para Coimbra, lançou-se do leito de tal modo transfigurado, que sua mãe, avisada do rosto amargurado dêle, foi ao quarto interrogá-lo e despersuadi-lo de ir enquanto assim estivesse febril. Simão, porém, entre mil projetos, achara melhor o de ir para Coimbra, esperar lá notícias de Teresa, e vir a ocultas a Vizeu falar com ela. Ajuizadamente discernira êle: que a sua demora agravaria a situação de Teresa.

Descera o acadêmico ao pátio, depois de abraçar a mãe e irmã, e beijar a mão ao pai, que para esta hora reservara uma admoestação severa, a ponto de lhe asseverar que de todo o abandonaria se êle caísse em novas extravagâncias. Quando metia o pé no estribo, viu a seu lado uma velha mendiga, estendendo-lhe a mão aberta, como quem pede esmola, e, na palma da mão, um pequeno papel. Sobressaltou-se o môço; e, a poucos passos distante de sua casa, leu estas linhas:

Meu pai diz que me vai encerrar num convento, por tua causa. Sofrerei tudo por amor de ti. Não me esqueças tu, e achar-me-ás no convento, ou no céu, sempre tua do coração, e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá irão dar as minhas cartas; e na primeira te direi em que nome hás de responder à tua pobre TERESA.

A mudança do estudante maravilhou a academia. Se o não viam nas aulas, em parte nenhuma o viam. Das antigas relações restavam-lhe apenas as dos condiscípulos sensatos que o aconselhavam para bem, e o visitaram no cárcere de seis meses, dando-lhe alentos e recursos, que seu pai lhe não dava, e sua mãe escassamente supria. Estudava com fervor, como quem já dali formava as bases do futuro renome e da posição por êle merecida, bastante a sustentar dignamente a espôsa. A ninguém confiava o seu segredo, senão às cartas que enviava a Teresa, longas cartas em que folgava o espírito da tarefa da ciência. A apaixonada menina escrevia-lhe a miúdo, e já

dizia que a ameaça do convento fôra mero terror de que já não tinha mêdo, porque seu pai não podia viver sem ela.

Isto afervorou-lhe para mais o amor ao estudo. Simão, chamado em pontos difíceis das matérias do primeiro ano, tal conta deu de si, que os lentes e os condiscípulos o houveram como primeiro premiado.

A êste tempo, Manuel Botelho, cadete em Bragança, destacado no Pôrto, licenciou-se para estudar na universidade as matemáticas. Animou-o a notícia do reviramento que se dera em seu irmão. Foi viver com êle; achou-o quieto; mas alheado numa idéia que o tornava misantropo e intratável noutro gênero. Pouco tempo conviveram, sendo a causa da separação um desgraçado amor de Manuel Botelho a uma açoriana casada com um acadêmico. A espôsa apaixonada perdeu-se nas ilusões do cego amante. Deixou o marido e fugiu com êle para Lisboa, e daí para Espanha. Em outro relanço desta narrativa darei conta do remate dêste episódio.

No mês de fevereiro de 1803, recebeu Simão Botelho uma carta de Teresa. No seguinte capítulo se diz minuciosamente a peripécia que forçara a filha de Tadeu de Albuquerque a escrever aquela carta de pungentíssima surpresa para o acadêmico, convertido aos deveres, à honra, à sociedade e a Deus pelo amor.

### CAPITULO III

O PAI DE TERESA não embicaria na impureza do sangue do corregedor, se o ajustarem-se os dois filhos em casamento se compadecesse com o ódio de um e o desprezo do outro. O magistrado mofava do rancor do seu vizinho, e o vizinho malsinava de venalidade a reputação do magistrado. Êste sabia da injuriosa vingança em que o outro se ia despizando; fingia-se invulnerável à detração; mas de dia para dia se lhe azedava mais a bilis; e é de crer que, se o não contivessem considerações de família, sofreria menos, desabafando pela bôca de um bacamarte, arma de predileção dos Botelhos Correias de Mesquita. Seria impossível o reconciliarem-se.

Rita, a filha mais nova, estava um dia na janela do quarto de Simão, e viu a vizinha rente com os vidros; e a testa apoiada nas mãos. Sabia Teresa que era aquela menina a mais querida irmã de Simão, e a que mais semelhança de parecer tinha com êle. Saiu da sua artificial indiferença e respondeu ao reparo de Rita, fazendo-lhe com a mão um gesto e sorrindo. A filha do corregedor sorriu também, mas fugiu logo da janela, porque sua mãe tinha proibido às filhas de trocarem vistas com pessoa daquela casa.

No dia seguinte, à mesma hora, levada da simpatia que lhe causara aquêle gesto de amizade, tornou Rita à janela, e lá viu Teresa com os olhos fitos na sua, como se a estivesse esperando. Sorriram-se com resguardo, afastando-se a um tempo do peitoril

das janelas; e assim, ambas de pé, no interior dos quartos, se estavam contemplando. Como a rua era estreita e podiam ouvir-se, falando baixo, Teresa, mais pelo movimento dos lábios que por palavras, perguntou a Rita se era sua amiga. A menina respondeu com um gesto afirmativo e fugiu, acenando-lhe um adeus. Êstes rápidos instantes de se verem repetiram-se sucessivos dias, até que, perdido o maior mêdo de ambas, ousaram demorar-se em palestras a meia voz. Teresa falava de Simão, contava à menina de onze anos o segrêdo do seu amor, e dizia-lhe que ela havia de ser ainda sua irmã, recomendando-lhe muito que não dissesse nada à sua família.

Numa dessas conversações Rita descuidara-se, e levantou de modo a voz que foi ouvida de uma irmã, que a foi logo acusar ao pai. O corregedor chamou Rita, e forçou-a pelo terror a contar tudo que ouvira à vizinha. Tanta foi a sua cólera, que, sem atender às razões da espôsa, que viera espavorida dos gritos dêle, correu ao quarto de Simão, e viu ainda Teresa à janela.

— Olé! — disse êle à pálida menina — Não tenha a confiança de pôr os olhos em pessoa de minha casa. Se quer casar, case com um sapateiro, que é um digno genro de seu pai.

Teresa não ouviu o remate da brutal apóstrofe: tinha fugido aturdida e envergonhada. Porém, como o desabrido magistrado ficasse bramindo no quarto, e Tadeu de Albuquerque saísse a uma janela, a cólera do doutor redobrou, e a torrente das injúrias, longo tempo represada, bateu no rosto do vizinho, que não ousou replicar-lhe.

Tadeu interrogou sua filha, e acreditou que foi causa à sanha de Domingos Botelho estarem as duas meninas praticando inocentemente, por trejeitos, em coisas de sua idade. Desculpou o velho a criancice de Teresa, admoestando-a a que não voltasse àquela janela.

Esta mansidão do fidalgo, cujo natural era bravio, tem a sua explicação no projeto de casar em breve a filha com seu primo Baltasar Coutinho, de Castro-d'Aire, senhor de casa, e igualmente nobre da mesma prosápia. Cuidava o velho, presunçoso conhecedor do coração das mulheres, que a brandura seria o mais seguro expediente para levar a filha ao esquecimento daquele pueril amor a Simão. Era máxima sua que o amor, aos quinze anos, carece de consistência para sobreviver a uma ausência de seis meses. Não pensava errado o fidalgo, mas o êrro existia. As concepções têm sido o ludíbrio dos mais assisados pensadores, tanto no especulativo como no experimental. Não era muito que Tadeu de Albuquerque fôsse enganado em coisas de amor e coração de mulher, cujas variantes são tantas e tão caprichosas, que eu não sei se alguma máxima pode ser-nos guia, a não ser esta: "Em cada mulher, quatro mulheres incompreensíveis, pensando alternadamente como se hão de desmentir umas às outras". Isto é o mais seguro; mas não é infa-

lível. Aí está Teresa que parece ser única em si. Dir-se-á que as três da conta, que diz a sentença, não podem coexistir com a quarta, aos quinze anos? Também o penso assim, pôsto que a fixidez, a constância daquele amor, funda-se em causa independente do coração: é porque Teresa não vai à cidade, não tem um altar em cada noite na sala, não provou o incenso de outros galãs, nem teve ainda uma hora de comparar a imagem amada, desluzida pela ausência, com a imagem amante, amor nos olhos que a fitam, e amor nas palavras que a convencem de que há um coração para cada homem, e uma só mocidade para cada mulher. Quem me diz a mim, que Teresa teria em si as quatro mulheres da máxima, se o vapor de quatro incensórios lhe estonteasse o espírito? Não é fácil, nem preciso decidir. E vamos ao conto.

Acêrca de Simão Botelho, nunca diante de sua filha Tadeu de Albuquerque proferiu palavra, nem antes nem depois do disparate do corregedor. O que êle fêz logo foi chamar a Vizeu o sobrinho de Castre-d'Aire, e preveni-lo do seu desígnio, para que êle, em face de Teresa, procedesse como convinha a um enamorado de feição, e mutuamente se apaixonassem e promettessem auspicioso futuro ao casamento.

Por parte de Baltasar Coutinho a paixão inflamou-se tão depressa, quanto o coração de Teresa se congelou de terror e repugnância. O morgado de Castro-d'Aire, atribuindo a frieza de sua prima a modéstia, inocência e acanhamento, lisonjeou-se do virginal melindre daquela alma, e saboreou de antemão o prazer de uma lenta, mas segura conquista. Verdade é que Baltasar nunca se explicara de modo que Teresa lhe desse resposta decisiva; um dia, porém, instigado por seu tio, afoitou-se o ditoso noivo a falar assim à melancólica menina:

— É tempo de lhe abrir o meu coração, prima. Está bem disposta a ouvir-me?

— Eu estou sempre bem disposta a ouvi-lo, primo Baltasar.

O desdém aborrecido desta resposta abalou algum tempo as convicções do fidalgo, respeito à inocência, modéstia e acanhamento de sua prima. Ainda assim, quis êle no momento persuadir-se que a boa vontade não poderia exprimir-se de outro modo, e continuou:

— Os nossos corações penso eu que estão unidos; agora é preciso que as nossas casas se unam.

Teresa empalideceu, e baixou os olhos.

— Acaso lhe diria eu alguma cousa desagradável? — prosseguiu Baltasar, rebatido pela desfiguração de Teresa.

— Disse-me o que é impossível fazer-se — respondeu ela sem turvação. — O primo engana-se: os nossos corações não estão unidos. Sou muito sua amiga, mas nunca pensei em ser sua espôsa, nem me lembrou que o primo pensasse em tal.

— Quer dizer que me aborrece, prima Teresa? — atalhou corrido o morgado.

— Não, senhor: já lhe disse que o estimava muito, e por isso mesmo não devo ser espôsa de um amigo a quem não posso amar. A infelicidade não será só minha...

— Muito bem... Posso eu saber — tornou com refalsadô sorriso o primo — quem é que me disputa o coração de minha prima?

— Que lucra em o saber?

— Lucro saber, pelo menos, que a minha prima ama outro homem... É exato?

— É.

— E com tamanha paixão que desobedece a seu pai?

— Não desobedeço: o coração é mais forte que a submissa vontade de uma filha. Desobedeceria, se casasse contra a vontade de meu pai; mas eu não disse ao primo Baltasar que casava; disse-lhe unicamente, que amava.

— Sabe a prima que eu estou espantado do seu modo de falar!... Quem pensaria que os seus dezesseis anos estavam tão abundantes de palavras!...

— Não são só palavras, primo — retorquiu Teresa com gravidade — são sentimentos, que merecem a sua estima, por serem verdadeiros. Se lhe eu mentisse, ficaria mais bem vista de meu primo?

— Não, prima Teresa; fêz bem em dizer a verdade, e de a dizer em tudo. Ora olhe, não duvida declarar quem é o ditoso mortal da sua preferência?

— Que lhe faz saber isso?

— Muito, prima; todos temos a nossa vaidade, e eu folgaria muito de me ver vencido por quem tivesse merecimentos que eu não tenho aos seus olhos. Tem a bondade de me dizer o seu segrêdo, como o diria a seu primo Baltasar, se o tivesse em conta de seu amigo íntimo.

— Nessa conta é que eu o não posso já ter... — respondeu Teresa, sorrindo e pausando, como êle, as sílabas das palavras.

— Pois nem para amigo me quer?!

— O primo não me perdoa a sinceridade que eu tive, e será de hoje em diante meu inimigo.

— Pelo contrário... — tornou êle com mal rebuçada ironia — muito pelo contrário... Eu lhe provarei que sou seu amigo, se alguma vez a vir casada com algum miserável indigno de si.

— Casada!... — interrompeu ela; mas Baltasar cortou-lhe logo a réplica dêste modo:

— Casada com algum famoso ébrio ou jogador de pau, valentão de aguadeiros, distinto cavalheiro, que passa os anos letivos encarcerado nas cadeias de Coimbra...

Claro está que Baltasar Coutinho conhecia o segrêdo de Teresa. Seu tio, naturalmente, lhe comunicara a criancice da prima, talvez antes de destinar-lhe espôsa.

Ouvira Teresa o tom sarcástico daquelas palavras, e erguera-se respondendo com altivez:

— Não tem mais que me diga, primo Baltasar?

— Tenho, prima; queira sentar-se algum tempo mais. Não cuide agora que está falando com o namorado infeliz: convença-se de que fala com o seu mais próximo parente, mais sincero amigo, e mais decidido guarda da sua dignidade e fortuna. Eu sabia que minha prima, contra a expressa vontade de seu pai, uma ou outra vez conversara da janela com o filho do corregedor. Não dei valor ao sucesso, e tomei-o como brincadeira própria da sua idade. Como eu freqüentasse o meu último ano em Coimbra, há dois anos, conheci de sobra Simão Botelho. Quando voltei, e me contaram a sua afeição ao acadêmico, pasmei da boa fé da priminha; depois entendi que a sua mesma inocência devia ser o seu anjo da guarda. Agora, como seu amigo, compunjo-me de a ver ainda fascinada pela perversidade do seu vizinho. Não se recorda de ter visto Simão Botelho sociando com a ínfima vilanagem desta terra?! Não viu os seus criados com as cabeças quebradas pelo tal varredor de feiras? Não lhe constou que êle, em Coimbra, abarrotado de vinho, andava pelas ruas armado como um salteador de estradas, proclamando à canalha a guerra aos nobres e aos reis, e à religião de nossos pais? A prima ignoraria isto por ventura?

— Ignorava parte disso e não me aflige o sabê-lo. Desde que conheci Simão, não me consta que êle tenha dado o menor desgosto à sua família, nem ouço falar mal dêle.

— E está por isso persuadida de que Simão deve ao seu amor a reforma de costumes?

— Não sei, nem penso nisso — replicou com enfado Teresa.

— Não se zangue, prima. Vou-lhe dizer as minhas últimas palavras: eu hei de, enquanto viver, trabalhar por salvá-la das garras de Simão Botelho. Se seu pai lhe faltar, fico eu. Se as leis a não defenderem dos ataques do seu demônio, eu farei ver ao valentão que a vitória sôbre os aguadeiros não o poupa ao desgosto de ser levado a pontapés para fora de casa de meu tio Tadeu d'Albuquerque.

— Então o primo quer-me governar!? — atalhou ela com desabrida irritação.

— Quero-a dirigir enquanto a sua razão precisar de auxílio. Tenha juízo e eu serei indiferente ao seu destino. Não a enfado mais, prima Teresa.

Baltasar Coutinho foi dali procurar seu tio, e contou-lhe o essencial do diálogo. Tadeu, atônito da coragem da filha e ferido no coração e direitos paternais, correu ao quarto dela, disposto a espancá-a. Reteve-o Baltasar, reflexionando-lhe que a violência prejudicaria muito a crise, sendo coisa de esperar que Teresa fugisse de casa. Refreou o pai a sua ira, e meditou. Horas depois chamou sua filha, mandou-a sentar ao pé de si, e, em termos serenos e gesto

bem composto, lhe disse que era sua vontade casá-la com o primo; porém que êle já sabia que a vontade de sua filha não era essa. Ajuntou que a não violentaria; mas também não consentiria que ela, sovando aos pés o pundonor de seu pai, se desse de coração ao filho do seu maior inimigo. Disse mais que estava a resvalar na sepultura, e mais depressa desceria a ela, perdendo o amor da filha, que êle já considerava morta. Terminou perguntando a Teresa, se ela duvidava entrar num convento, e aí esperar que seu pai morresse, para depois ser desgraçada à sua vontade.

Teresa respondeu, chorando, que entraria num convento, se essa era a vontade de seu pai; porém que se não privasse êle de a ter em sua companhia nem a privasse a ela dos seus afetos, por medo de que sua filha praticasse alguma ação indigna, ou lhe desobedecesse no que era virtude obedecer.

Prometeu-lhe julgar-se morta para todos os homens, menos para seu pai.

Tadeu ouviu-a, e não lhe replicou.

#### CAPÍTULO IV

O CORAÇÃO DE TERESA estava mentindo. Vão lá pedir sinceridade ao coração!

Para fins entendedores, o diálogo do anterior capítulo definiu a filha de Tadeu de Albuquerque. É mulher varonil, tem fôrça de caráter, orgulho fortalecido pelo amor, despêgo das vulgares apreensões, se são apreensões a renúncia que uma filha fêz do seu alvedrio às imprevidentes e caprichosas vontades de seu pai. Diz sea gente que não, e eu abundo sempre no voto da gente boa. Não será aleive atribuir-lhe uma pouca de astúcia, ou hipocrisia, se quiserem; perspicácia seria mais correto dizer. Teresa adivinha que a lealdade tropeça a cada passo na estrada real da vida, e que os melhores fins se atingem por atalhos onde não cabem a franqueza e a sinceridade. Estes ardis são raros na idade inexperta de Teresa; mas a mulher do romance quase nunca é trivial, e esta, de que rezam os meus apontamentos, era distintíssima. A mim me basta, para crer em sua distinção, a celebridade que ela veio a ganhar à conta da desgraça.

Da carta que ela escreveu a Simão Botelho, contando as cenas descritas, a crítica deduz que a menina de Vizeu contemporizava com o pai, pondo a mira no futuro, sem passar pelo dissabor do convento, nem romper com o velho em manifesta desobediência. Na narrativa que fêz ao acadêmico omitiu ela as ameaças do primo Baltasar, cláusula que, a ser transmitida, arrebataria de Coimbra o môço, em quem sobejavam brios e bravura para mantê-los.

Mas não é esta ainda a carta que surpreendeu Simão Botelho.

Parecia bonançoso o céu de Teresa. Seu pai não falava em clausuro nem em casamento. Baltasar Coutinho voltara ao seu solar de



Castro-d'Aire. A tranqüila menina dava semanalmente estas boas novas a Simão, que, aliando às venturas de coração as riquezas do espírito, estudava incessantemente, e desvelava as noites arquiteando o seu edifício de futura glória.

Ao romper da alva de um domingo de Junho de 1803, foi Teresa chamada para ir com seu pai à primeira missa da igreja paroquial. Vestiu-se a menina assustada, e encontrou o velho na ante-câmara a recebê-la com muito agrado, perguntando-lhe se ela se erguia de bons humores para dar ao autor de seus dias um resto de velhice feliz. O silêncio de Teresa era interrogador.

— Vais hoje dar a mão de espôsa a teu primo Baltasar, minha filha. É preciso que te deixes cegamente levar pela mão de teu pai. Logo que deres êste passo difícil, conhecerás que a tua felicidade é daquelas que precisam ser impostas pela violência. Mas repara, minha querida filha, que a violência de um pai é sempre amor. Amor tem sido a minha condescendência e brandura para contigo. Outro teria subjugado a tua desobediência com maus tratos, com os rigores do convento, e talvez com o desfalque do teu grande patrimônio. Eu, não. Esperei que o tempo te aclarasse o juízo, e felicito-me por te julgar desassombrada do diabólico prestígio do maldito que acordou o teu inocente coração. Não te consultei outra vez sobre êste casamento por temer que a reflexão fizesse mal ao zelo de boa filha com que tu vais abraçar teu pai, e agradecer-lhe a prudência com que êle respeitou o teu gênio, velando sempre a hora de te encontrar digna do seu amor.

Teresa não desfitou os olhos do pai; mas tão abstraída estava, que escassamente lhe ouviu as primeiras palavras, e nada das últimas.

— Não me respondes, Teresa?! — tornou Tadeu, tomando-lhe cariciosamente as mãos.

— Que hei de eu responder-lhe, meu pai? — balbuciou ela.

— Dás-me o que te peço? enches de contentamento os poucos dias que me restam?

— E será o pai feliz com o meu sacrifício?

— Não digas sacrifício, Teresa... Amanhã a estas horas verás que transfiguração se fêz na tua alma. Teu primo é um composto de tôdas as virtudes; nem a qualidade de ser um gentil môço lhe falta, como se a riqueza, a ciência e as virtudes não bastassem a formar um marido excelente.

— E êle quer-me, depois de eu me ter negado? — disse ela com amargura irônica.

— Se êle está apaixonado, filha!... e tem bastante confiança em si para crer que tu hás de amá-lo muito!...

— E não será mais certo odiá-lo eu sempre!? Eu agora mesmo o abomino como nunca pensei que se pudesse abominar! Meu pai... — continuou ela, chorando, com as mãos erguidas — mate-me; mas não me force a casar com meu primo! É escusada a violência porque eu não caso!

Tadeu mudou de aspecto, e disse irado:

— Hás de casar! — Quero que cases! Quero... Quando não, amaldiçoada serás para sempre, Teresa! Morrerás num convento! Esta casa irá para teu primo! Nenhum infame há de aqui pôr um pé nas alcátifas de meus avós. Se és uma alma vil, não me pertences, não és minha filha, não podes herdar apelidos honrosos, que foram pela primeira vez insultados pelo pai dêsse miserável que tu amas! Maldita sejas! Entra nesse quarto, e espera que daí te arranquem para outro, onde não verás um raio de sol.

Teresa ergueu-se sem lágrimas, e entrou serenamente no seu quarto. Tadeu de Albuquerque foi encontrar seu sobrinho e disse-lhe:

— Não te posso dar minha filha, porque já não tenho filha. A miserável, a quem dei êste nome, perdeu-se para nós e para ela.

Baltasar, que, a juízo de seu tio, era um composto de excelências, tinha apenas uma quebra: a absoluta carência de brios. Malograda a tentativa do seu amor de emboscada, tornou para a terra o primo de Teresa, dizendo ao velho que êle o livraria do assédio em que Simão Botelho lhe tinha o coração da filha. Não aprovou a reclusão no convento, discorrendo sobre as hipóteses infamantes que a opinião pública inventaria. Aconselhou que a deixasse estar em casa, e esperasse que o filho do corregedor viesse de Coimbra.

Ponderaram no ânimo do velho as razões de Baltasar. Teresa maravilhou-se da quietação inesperada de seu pai e desconfiou da incoerência. Escreveu a Simão. Nada lhe escondeu do sucedido; nem as ameaças de Baltasar por delicadeza suprimiu. Rematava comunicando-lhe as suas suspeitas de algum novo plano de violência.

O acadêmico, chegando ao período das ameaças, já não tinha clara luz nos olhos para decifrar o restante da carta. Tremia sezões, e as artérias frontais arfavam-lhe intumescidas. Não era sobressalto do coração apaixonado: era a índole arrogante que lhe escaldava o sangue. Ir dali a Castro-d'Aire e apunhalar o primo de Teresa na sua própria casa, foi o primeiro conselho que lhe segredou a fúria do ódio. Neste propósito saiu, alugou cavalo, e recolheu a vestir-se de jornada. Já preparado, a cada minuto de espera assomava-se em frenesis. O cavalo demorou-se meia hora, e o seu bom anjo, neste espaço, vestido com as galas com que êle vestia na imaginação Teresa, deu-lhe rebates de saudade daqueles tempos e ainda das horas daquele mesmo dia, em que cismava na felicidade que o amor lhe prometia, se êle a procurasse no caminho do trabalho, e da honra. Contemplou os seus livros com tanto afeto, como se em cada um estivesse uma página da história do seu coração. Nenhuma daquelas páginas tinha êle lido, sem que a imagem de Teresa lhe aparecesse a fortalecê-lo para vencer os tédios da continuada aplicação, e os ímpetos de um natural inquieto e ansioso de comoções desusadas. "É há de tudo acabar assim? — pensava êle, com a face entre as mãos, encostado à sua banca de estudo. — Ainda há pouco eu era tão feliz!... — Feliz! — repetiu êle erguendo-se de golpe — quem

pode ser feliz com a desonra de uma ameaça impune!... Mas eu peço-a! nunca mais hei de vê-la... Fugirei como um assassino, e meu pai será o meu primeiro inimigo, e ela mesma há de horrorizar-se da minha vingança... A ameaça só ela a ouviu, e, se eu tivesse sido aviltado no conceito de Teresa, pelos insultos do miserável, talvez que ela os não repetisse..."

Simão Botelho releu a carta duas vezes, e à terceira leitura achou menos afrontosas as bravatas do fidalgo cioso. As linhas finais desmentiam formalmente a suspeita do aviltamento, com que o seu orgulho o atormentava: eram expressões ternas, súplicas ao seu amor como recompensa dos passados e futuros desgostos, visões encantadoras do futuro, e novos juramentos de constância, e sentidas frases de saudade.

Quando o arrieiro bateu à porta, Simão Botelho já não pensava em matar o homem de Castro-d'Aire; mas resolvera ir a Vizeu, entrar de noite, esconder-se e ver Teresa. Faltava-lhe, porém, casa de confiança onde se ocultasse. Nas estalagens seria logo descoberto. Perguntou ao arrieiro se conhecia alguma casa em Vizeu onde êle pudesse estar escondido uma noite ou duas, sem receio de ser denunciado. O arrieiro respondeu que tinha, a um quarto de légua de Vizeu, um primo ferrador; e não conhecia em Vizeu senão os estalajadeiros. Simão achou aproveitável o parentesco do homem, e logo dali o presenteou com uma jaqueta de peles e uma faixa de sêda escarlate, à conta de maiores valores prometidos, se êle o bem servisse numa empresa amorosa.

No dia seguinte chegou o acadêmico à casa do ferrador. O arrieiro deu conta ao seu parente do que vinha tratado com o estudante.

Foi Simão Botelho cautelosamente hospedado, e o arrieiro abalou no mesmo ponto para Vizeu, com uma carta destinada a uma mendiga, que morava no mais impraticável beco da terra. A mendiga informou-se miudamente da pessoa que enviava a carta e saiu, mandando esperar o caminheiro. Pouco depois voltou ela com a resposta, e o arrieiro partiu a galope.

Era a resposta um grito de alegria. Teresa não refletiu, respondendo a Simão, que naquela noite se festejavam os seus anos, e se reuniam em casa os parentes. Disse-lhe que às onze horas em ponto ela iria ao quintal e lhe abriria a porta.

Não esperava tanto o acadêmico. O que êle pedia era falar-lhe da rua para a janela do seu quarto, e receava impossível êste prazer, que êle avaliava o máximo. Apertar-lhe a mão, sentir-lhe o hálito, abraçá-la talvez, cometer a ousadia de um beijo, estas esperanças, tão além de suas modestas e honestas ambições, igualmente o enlevavam. Enlêvo e susto em corações que se estreiam na comédia humana, são sentimentos congeniais.

À hora da partida, Simão tremia, e a si mesmo pedia contas da timidez, sem saber que os encantos da vida, os mais angélicos momentos da alma, são êsses lances de misterioso alvoroço que aos

mais serôdios de coração sucedem em tôdas as sazões da vida, e a todos os homens, uma vez ao menos.

Às onze horas em ponto estava Simão encostado à porta do quintal, e a distância convencionada o arrieiro com o cavalo à rédea. A toada da música, que vinha das salas remotas, alvoroçava-o, porque a festa em casa de Tadeu de Albuquerque o surpreendera. No longo termo de três anos nunca êle ouvira música naquela casa. Se êle soubesse o dia natalício de Teresa, espantara-se menos da estranha alegria daquelas salas, sempre fechadas, como em dias de mortório. Simão imaginou desvairadamente as quimeras que voejam, ora negras, ora translúcidas, em redor da fantasia apaixonada. Não há balisa racional para as belas, nem para as horrorosas ilusões, quando o amor as inventa. Simão Botelho, com o ouvido colocado à fechadura, ouvia apenas o som das flautas, e as pancadas do coração sobressaltado.

#### CAPÍTULO V

BALTASAR COUTINHO estava na sala, simulando vingativa indiferença por sua prima. As irmãs do fidalgo e a demais parentela da casa não deixavam respirar Teresa. Môças e velhas, tôdas à uma se repetiam, aconselhando-a a reconciliar-se com seu primo, e dar a seu pai a alegria que o pobre velho tanto rogava a Deus, antes de fechar os olhos. Replicava Teresa que não queria mal a seu primo, nem sequer estava sentida dêle; que era sua amiga, e sê-lo-ia sempre enquanto lhe êle deixasse livre o coração.

O velho esperava muito daquela noitada de festa. Alguns parentes, presumidos de circunspectos, lhe tinham dito que seria proveitoso regalar a filha com os prazeres congruentes à sua idade, dando-lhe ensejo a que ela repartisse o espírito, concentrado num só ponto, por diversões em que a natural vaidade se preocupa, e a fôrça do amor contrariado se vai a pouco e pouco quebrantando. Aconselharam as reuniões amiudadas, já em sua casa, já na dos seus parentes, para dêste modo Teresa se mostrar a muitos, ser cortejada por todos, e ter em opinião de menos valia o único homem com quem falava, e a quem julgava superior a todos. O fidalgo acedeu, mas com dificuldade: é que tinha lá um sistema seu de ajuizar as mulheres, vivera trinta anos de vida libertina e dispendiosa, e se estava agora saboreando na economia e na quietação. Os anos de Teresa eram pela primeira vez festejados com estrondo. A morgada viu então o que era o minuete da côrte, e certos jogos de prendas com que os intervalos naqueles tempos se aligeiravam em delícias, sem fadiga do corpo, nem desgosto da moral.

Mas, de agitada que estava, Teresa não compartia de gôzo dos seus hóspedes. Desde que soaram as dez horas daquela noite, a rainha da festa parecia tão alienada das finezas com que as senhoras

e homens à competência a lisonjeavam, que Baltasar Coutinho deu tento do desassossêgo de sua prima, e teve a modéstia de imaginar que ela se ofendera da indiferença dêle. Generoso até ao perdão, o morgado de Castro d'Aire, compondo o rosto com gesto grave e melancólico, dirigiu-se a Teresa, e pediu-lhe desculpa da frieza que êle disse ser como a das montanhas, que têm vulcões por dentro e neve por fora. Teresa teve a sinceridade de responder que não tinha reparado na frieza de seu primo, e chamou para junto dela uma menina, para evitar que a montanha se fendesse em vulcões. Pouco depois ergueu-se e saiu da sala.

Eram dez horas e três quartos. Teresa correrá ao fundo do quintal, abrira a porta, e, como não visse alguém, tornou de corrida para a sala. No momento, porém, de subir a escada que ligava o jardim à casa, Baltasar Coutinho, que a espiava desde que ela saiu da sala, chegou a uma das janelas sobre o jardim, bem longe de imaginar que a via. Retirou-se e entrou com Teresa na sala, ao mesmo tempo, por diversa porta. Decorridos alguns minutos, a menina saiu outra vez e o primo também. Teresa ouviu, a distância, o estrépito de um cavalo, quando passou ao patamar da escada. Baltasar também o ouviu, e notou que sua prima, receosa de ser vista e conhecida pela alvura do vestido, levava uma capa ou xale que a envolvia tôda. O de Castro d'Aire fêz pé atrás para não ser visto. Teresa, porém, num relance de olhar temeroso, ainda vira um vulto retirar-se. Teve mêdo e retrocedeu a largar a capa, e entrou na sala, ofegante de cansaço e pálida de mêdo.

— Que tens, minha filha?! — disse-lhe o pai — Já duas vêzes saíste da sala e vens tão alvoroçada! Tens algum incômodo, Teresa?

— Tenho uma dor: preciso de respirar de vez em quando... Nada é, meu pai.

Tadeu acreditou, e disse a tôda a gente que a sua filha tinha uma dor: só o não disse a seu sobrinho, porque o não encontrou, e soube que êle tinha saído.

Também Teresa dera pela ausência do primo, e fingiu que o ia procurar, resolução de que o velho gostou muito. Desceu ela ao jardim, correu à porta onde a esperava Simão, abriu-a, e com a voz cortada pela ansiedade, apenas disse:

— Vai-te embora; vem amanhã às mesmas horas... vai, vai!

Simão, quando isto ouvia, tinha os olhos fitos num vulto que se aproximava dêle, rente com o muro do quintal. O arrieiro, que primeiro o vira, dera um sinal, e entalara as rédeas do cavalo entre umas pedras, para ficar desembaraçado, se o estudante se não pudesse haver com o inimigo.

Simão Botelho não se moveu do local, e Baltasar Coutinho parou na distância de seis passos. O arrieiro tinha lentamente avançado a meio caminho do patrão, quando êste lhe disse que não se aproximasse. E, caminhando para o vulto, aperrou duas pistolas, e disse-lhe:

— Isto aqui não é caminho. Que quer?

O fidalgo não respondeu.

— Parece-me que lhe abro a bôca com uma bala! — tornou Simão.

— Que lhe importa o senhor quem está?! — disse Baltasar — Se um tiver um segrêdo como o senhor parece que tem o seu nestes sítios, sou obrigado a confessar-lho!?

Simão refletiu, e replicou:

— Êste muro pertence a uma casa onde mora uma só família e uma só mulher.

— Estão nesta casa mais de quarenta mulheres esta noite — redargüiu o primo de Teresa — Se o cavalheiro espera uma, eu posso esperar outra.

— Quem é o senhor? — tornou com arrogância o filho do corregedor.

— Não conheço a pessoa que me interroga, nem quero conhecer. Fiquemos cada um com o nosso incógnito. Boas noites.

Baltasar Coutinho retrocedeu, dizendo entre si: "Que partido tem uma espada contra dois homens e duas pistolas?"

Simão Botelho cavalgou, e partiu para casa do hospitaleiro ferrador.

O sobrinho de Tadeu de Albuquerque entrou na sala sem denunciar levemente alteração de ânimo. Viu que Teresa o observara de revés, e soube dissimular-se de modo que a sossegou. A pobre menina ansiosa por se ver sôzinha, viu com prazer erguer-se para sair a primeira família, que deu rebate às outras, menos as de Castro d'Aire e suas irmãs, que ficaram hospedados em casa de seu tio, com tenção de se demorarem oito dias em Vizeu.

Velou Teresa o restante da noite, escrevendo a Simão a longa história dos seus terrores, e pedindo-lhe perdão de o ela não ter advertido do baile, por ficar doida de alegria com a sua vinda. No tocante ao plano de se encontrarem na seguinte noite não havia alteração na carta. Isto espantou o acadêmico. A seu ver, o vulto era Baltasar Coutinho, e o pai de Teresa devia ser avisado naquela mesma noite.

Respondeu êle contando a história do incidente com o encapotado; receando, porém, assustar Teresa e privar-se da entrevista, escreveu nova carta, em que não transluzia mêdo de ser atacado, nem sequer receio de marear-lhe a fama. Quis parecer a Simão Botelho que êste era o digno porte de um amante corajoso.

Passou o estudante aquêle dia contando as longas horas, e meditando instantes nos funestos resultados que podia ter a sua temerária ida, se Baltasar Coutinho era aquêle homem que reservava para melhor relance a vingança da provocação insolente. Mas de si para si tinha êle que, pensar em tal, era mais cobardia que prudência.

O ferrador tinha uma filha, môça de vinte e quatro anos, formas bonitas, um rosto belo e triste. Notou Simão os reparos em que ela

se demorava a contemplá-lo, e perguntou-lhe a causa daquele olhar melancólico com que ela o fitava. Mariana corou, abriu um sorriso triste, e respondeu:

— Não sei o que me adivinha o coração a respeito de vossa senhoria. Alguma desgraça está para lhe suceder...

— A menina não dizia isso — replicou Simão — sem saber alguma coisa da minha vida.

— Alguma coisa sei... — tornou ela.

— Ouviu contar ao arriero?

— Não, senhor. É que meu pai conhece o paizinho de vossa senhoria, e também conhece o senhor. E há bocadinho que eu ouvi estar meu pai a dizer a meu tio, que é o arriero que veio com vossa senhoria, que tinha suas razões para saber que alguma desgraça lhe estava para acontecer...

— Por quê?

— Pr'amor de uma fidalga de Vizeu, que tem um primo em Castro-d'Aire.

Simão espantou-se da publicidade do seu segrêdo, e ia colhêr pormenores do que êle julgava mistério entre duas famílias, quando o mestre ferrador João da Cruz entrou no sobrado, onde o precedente diálogo se passara. A môça, como ouvisse os passos do pai, saíra lentamente por outra porta.

— Com sua licença — disse mestre João.

Dizendo, fechou por dentro ambas as portas, e sentou-se sôbre uma arca.

— Ora, meu fidalgo — continuou êle, descendo as mangas arregaçadas da camisa, e apertando-as com dificuldade nos grossos pulsos, como quem sabe as etiquêtas das mangas — há de desculpar que eu viesse assim em mangas de camisa: mas não dei com a jaqueta...

— Está muito bem, senhor João — atalhou o acadêmico.

— Pois, senhor, eu devo um favor a seu pai e um favor daquela casta. Uma vez armou-se aqui à minha porta uma desordem, a trôco de um couce que um macho de um almocreve deu numa égua, que eu estava ferrando, e, em tão boa hora foi, que lhe partiu rente o jarrete por aqui, salvo tal lugar.

João da Cruz mostrou na sua porta o ponto por onde fôra fraturada a da égua, e continuou:

— Eu tinha ali à mão o martelo, e não me tive que não pregasse com êle na cabeça do macho, que foi logo p'ra terra. O recoveiro de Carção, que era chibante, deitou as unhas a um bacamarte, que trazia entre uma carga, e desfechou comigo, sem mais tirtir nem garte. "Ó alma danada! — disse-lhe eu — pois tu vês que o teu macho me aleijou esta égua, que custou vinte peças a seu dono, e que eu tenho de pagar, e dás-me um tiro por eu te tordoar o macho!?"

— E o tiro acertou-lhe? — atalhou o Simão.

— Acertou; mas saberá vossa senhoria que me não matou; deu-me aqui, por êste braço esquerdo com dois quartos. E vai eu, entro em casa, vou à cabeceira da cama, e trago uma clavina, e desfecho-lhe na tábua do peito. O almocreve caiu como um tordo, e não fugiu nem mugiu. Prenderam-me, e fui para Vizeu e já lá estayá há três anos, no ano em que o paizinho de vossa senhoria veio corregedor. Andava muita gente a trabalhar contra mim, e todos me diziam que eu ia pernear na fôrça. Estava lá na enxovia comigo um prêso a cumprir sentença, e disse-me êle que o senhor corregedor tinha muita devoção com as sete dores de Nossa Senhora. Uma vez que êle ia passando com a família para a missa, disse-lhe eu: "Senhor corregedor, peço a vossa senhoria, pelas sete dores de Maria Santíssima, que me mande ir à sua presença para eu explicar a minha culpa a vossa senhoria." O paizinho de vossa senhoria chamou o meirinho geral, e mandou tomar o meu nome. Ao outro dia fui chamado ao senhor corregedor, e contei-lhe tudo, mostrando-lhe ainda as cicatrizes do braço. Seu pai ouviu-me, e disse-me: "Vai-te embora, que eu farei o que puder." O caso é, meu fidalgo, que eu saí absolvido, quando muita gente dizia que eu havia de ser enforcado à minha porta. Faz favor de me dizer se eu não devo andar com a cara onde o seu paizinho põe os pés!?

— Tem o senhor João motivo para lhe ser grato, não há dúvida nenhuma.

— Agora faz favor de ouvir o mais. Eu, antes de ser ferrador, fui criado de farda em casa do fidalgo de Castro-d'Aire, que é o senhor Baltasar. Conhece-o vossa senhoria? Ora, se conhece!...

— Conheço de nome.

— Foi êle que me abonou dez moedas de ouro para me estabelecer; mas paguei-lhas. Deus louvado. Há de haver seis meses que êle me mandou chamar a Vizeu, e me disse que tinha trinta peças para me dar se eu lhe fizesse um serviço. "O que vossa senhoria quiser, fidalgo." E vai êle disse-me que queria que eu tirasse a vida a um homem. Isto boliu cá por dentro comigo, porque, a falar a verdade, um homem que mata outro num apêto não é matador de ofício, acho eu, não é assim?

— De certo... — respondeu Simão, adivinhando o remate da história. — Quem era o homem que êle queria morto?

— Era vossa senhoria. Ó homem! — dissé o ferrador com espanto — O senhor nem sequer mudou de côr!

— Eu não mudo nunca de côr, senhor João — disse o acadêmico.

— Estou pasmado!

— E vossemecê não aceitou a incumbência, pelo que vejo — tornou Simão.

— Não, senhor; e então logo que êle me disse quem era, a minha vontade era pregar-lhe com a cabeça numa esquina.

— E êle disse-lhe a razão porque me mandava matar?

— Não, meu fidalgo; eu lhe conto: Na semana adiante, quando soube que o senhor Baltasar (raios o partam!) tinham saído de Vizeu, fui falar com o senhor corregedor, e contei-lhe tudo como se passara. O senhor corregedor estêve a cismar um pouquinho, e disse-me, e vossa senhoria há de perdoar por eu lhe dizer o que o seu pai me disse tal e qual.

— Diga.

— Seu pai começou a esfregar o nariz, e disse-me: “Eu sei o que é isso. Se aquêbre brejeiro de meu filho Simão tivesse honra, não olharia para a prima dêsse assassino. Cuida o patife que eu consentia que meu filho se ligasse a uma filha de Tadeu de Albuquerque!...” Ainda disse mais coisas que me não lembram; mas eu fiquei sabendo tudo. Ora aqui tem o que houve. Agora apareceu-me aqui vossa senhoria, e a noite passada foi a Vizeu. Perdoará a minha confiança; mas vossa senhoria foi falar com a tal menina: e eu estive vai não vai a segui-lo; mas como ia meu cunhado, que é homem para três, fiquei descansado. Êle contou-me um encontro que vossa senhoria teve à porta do quintal da menina. Se lá torna, senhor Simão, vá preparado para alguma coisa de maior. Eu bem sei que vossa senhoria não é medroso; mas de uma traição ninguém se livra. Se quer que eu vá também, estou às suas ordens; e a clavina que deu polícia ao almocreve ainda ali está, e dá fogo debaixo d’água, como diz o outro. Mas, se vossa senhoria dá licença que eu lhe diga a minha opinião, o melhor é não andar nessas encamisadas. Se quer casar com ela, vá pedir a seu pai licença, e deixe o resto cá por minha conta; ponto é que ela queira, que eu, num abrir e fechar de olhos, atiro com ela para cima de uma égua de chupeta, que ali tenho, e o pai e o mais o primo ficam a ver navios.

— Obrigado, meu amigo — disse Simão — Aproveitarei os seus bons serviços, quando me forem necessários. Esta noite hei de ir, como fui a noite passada, a Vizeu. Se houver novidade, então veremos o que se há de fazer. Conto com vossemecê, e creia que tem em mim um amigo.

Mestre João da Cruz não replicou. Dali foi examinar miudamente a fecharia da clavina, e entender-me com o cunhado sôbre cautelas necessárias, conquanto descarregava a arma, e a carregava de novo com uns zagalotes especiais, que êle denominava “amêndoas de pimpões”.

Neste intervalo, Mariana, filha do ferrador, entrou no sobrado, e disse com meiguice a Simão Botelho:

— Então sempre é certo ir?

— Vou; por que não hei de ir?!

— Pois Nossa Senhora vá na sua companhia — tornou ela, saindo logo para esconder as lágrimas.

## CAPÍTULO VI

ÀS DEZ HORAS e meia da noite daquele dia, três vultos convergiram para o local, raro freqüentado, em que se abria a porta do quintal de Tadeu de Albuquerque. Ali se detiveram alguns minutos discutindo e gesticulando. Dos três vultos havia um, cujas palavras eram ouvidas em silêncio e sem réplicas pelos outros. Dizia êle a um dos dois:

— Não convém que estejas perto dessa porta. Se o homem apparecesse aqui morto, as suspeitas caíam logo sôbre mim ou meu tio. Afastem-se vocês um do outro, e tenham o ouvido aplicado ao tropel do cavalo. Depois apressem o passo até o encontrarem, de modo que os tiros sejam dados longe daqui.

— Mas... — atalhou um — quem nos diz que êle veio ontem a cavalo, e hoje vem a pé?

— É verdade — acrescentou o outro.

— Se êle vier a pé, eu lhes darei aviso para o seguirem depois até o terem a jeito de tiro, mas longe daqui, percebem vocês? — Disse Baltasar Coutinho.

— Sim, senhor; mas se êle sai de casa do pai, e entra sem nos dar tempo?

— Tenho a certeza de que não está em casa do pai, já lho disse. Basta de palavreado. Vão esconder-se atrás da igreja, e não adormeçam.

Debandou o grupo, e Baltasar ficou alguns momentos encostado ao muro. Soaram os três quartos depois das dez. O de Castro-d’Aire colou o ouvido à porta, e retirou-se aceleradamente, ouvindo o rumor da folhagem sêca que Teresa vinha pisando.

Apenas Baltasar, cosido com o muro, desaparecera, um vulto assomou do outro lado a passo rápido. Não parou: foi direito a todos os pontos onde uma sombra podia figurar um homem. Rodeou a igreja que estava a duzentos passos de distância. Viu os dois vultos direitos com o recanto que formava a junção da capela mor, e sôbre o qual caíam as sombras da tórre. Fitou-os de passagem, e suspeitou: não os conheceu, mas êles disseram entre si, depois que êle desaparecera:

— É o João da Cruz, ferrador, ou o diabo por êle!...

— Que fará a esta hora por aqui?

— Eu sei!

— Não desconfias que êle entre nisto?

— Agora! se entrasse era por nós. Não sabes que êle foi mochila do nosso amo?

— E também sei que pôs a loja com o dinheiro do Sr. Baltasar.

— Pois então que mêdo tens?

— Não há mêdo; mas também sei que foi o corregedor que o livrou da fôrça...

havia de espedaçar-se, quando se deixasse dobrar ao amor humano, amor que encerra e esconde catástrofes sem nome, e maldições sem número.

Está completo o livro?

— Está. Acaba mal. Hei ver se, à custa de uma piedosa mentira, invento alguma peripécia, que espante o leitor, ou, pelo menos, o faça rir dos aleijões da minha fantasia.

— Não consinto que se minta em meu nome! — disse Antônio Joaquim solenemente.

FIM DE  
"VINTE HORAS DE LITEIRA"

## AMOR DE SALVAÇÃO

*A heavy price must all pay who thus err,  
In some shape; let none think to fly the danger,  
For soon or late Love is his own avenger.*

BYRON, *Don Juan*, c. IV, est. 73.

*L'amour n'a point de moyen terme: ou il  
perd, ou il sauve.*

V. HUGO, *Les Misérables*.

A  
JOSÉ GOMES MONTEIRO\*

Meu amigo.

Peço licença para inscrever o seu nome na primeira página deste livro. Esta fica sendo para mim a mais presente da obra. As outras são futilidades; porque lágrimas e alegrias de romance é tudo fútil.

No Minho, em 1864.

CAMILO CASTELO BRANCO.

\* Escritor cujas convicções liberais o levaram a emigrar para Inglaterra, onde auxiliou muito outros emigrados como, por exemplo, Garrett. Foi sócio gerente da Livraria Moré, do Porto, uma das casas editôras das obras de Camilo Castelo Branco. Abandonou por completo a gerência desta casa em 1877. Viveu entre 1807 e 1879.

## OBSERVAÇÃO

O LEITOR FOLHEIA duzentas páginas dêste livro, e o amor de felicidade e bom exemplo não se lhe depara, ou vagamente lhe preluz. Três partes do romance narram desventuras do amor de desgraça e mau exemplo. A crítica, superintendente em matéria de títulos de obras, querendo abater-se a esquadriñar a legitimidade do título desta, pode embicar, e ponderar — que o amor puro, o amor de salvação vem tarde para desvanecer as impressões do amor impuro, do amor infesto.

*Respondo humildemente:*

Amor de salvação, em muitos casos obscuros, é o amor que excrucia e desonra. Então é que o senso íntimo amostra ao coração a sua ignomínia e miséria. A consciência regenera-se, e o coração, reabilitado, avigora-se para o amor impoluto e honroso. Assim é que as enseadas serenas estão para além das vagas montuosas, que lá cospem o naufrago aferrado à sua tábuca. Sem o impulso da tormenta, o naufrago pereceria no mar alto. Foi a tempestade que o salvou.

Além de que a felicidade, como história, escreve-se em poucas páginas: é idílio de curto fôlego; no sentir intraduzível da consciência é que ela encerra epopéias infinitas; — enquanto que a desgraça não demarca balizas à experiência nem à imaginação.

Para o amor maldito, duzentas páginas; para o amor de salvação, as poucas restantes do livro. Volume que descrevesse um amor de bem-aventuranças terrenas, seria uma fábula.

O AUTOR.

## CAPÍTULO PRIMEIRO

ESTAVA CLARO o céu, tépido o ar, e as bouças e montados floridos. O mês era de dezembro, de 1863, em véspera de Natal.

A gente das cidades pergunta-me em que país do mundo florescem, em dezembro, bouças e montados.

Respondo que é em Portugal, no perpétuo jardim do mundo, no Minho, onde os inventores de deuses teriam ideado as suas teogonias, se não existisse a Grécia. No Minho, ao menos, se buscariam águas límpidas para Castálias e Hipocrenes. No Minho, a Citera para a mãe dos amôres. Nos arvoredos desta região de sonhos, de poemas, e rumôres de conversarem espíritos, é que os sátiros, as dríades, e os silvanos sairiam a cardumes dos troncos e regatos: que tudo aqui parece estar dizendo que a natureza tem segredos defesos ao vulgo, e como a entreabrirem-se à fantasia de poetas.

Mas que flôres... quer o leitor saber que flôres vestem os calvos e denegridos serros do Minho, em Portugal. São flôres a festões, cachos de corolas amarelas, viçosas, e aveludadas como as dos arbustos cultivados em jardins: é a florescência dos tojais, plantas repulsivas por seus espinhos, alegres de sua perpétua verdura, únicas a enfeitarem a terra quando a restante natureza vegetal amarelece, definha e morre. E dêsse privilégio como que o agreste arbusto se está gozando soberbamente; pois que vos amostra as suas pinhas de flôres, e com os inflexíveis espinhos vos defende o despojá-lo delas.

E naquele dia 24 de dezembro de 1863 andava eu no Minho, por aquela corda de chãs e outeiros, que abrangem quatro léguas entre Santo Tirso, Famalicão e Guimarães.

Eu, homem sem família, sem mão amiga neste mundo, há trinta anos sôzinho, sem reminiscências de carícias maternas, benquistado apenas duns cães, que pareciam amar-me com a cláusula de eu os sustentar e agasalhar; eu, que, naquele tão festivo dia da nossa terra, não tinha colmado onde me esperasse um amigo pobre para me dar entre os seus um lugar no escabêlo, nem parente abastado, que de mim se lembrasse à hora dos brindes com generosos vinhos em lúcidos cristais, eu, vendo-me com lágrimas em minha sombra, assim me fôra a contemplar a felicidade alheia pelas chãs e outeiros do devoto Minho.

Eu caminhava a pé, guiando-me ao sabor da imaginativa idéia, que se deleitava em vestir de folhagem a árvore nua, e tristemente inclinada sôbre o colmado do casalejo. Parava em frente de cada



choupana, e meditava, e escutava o rumor das vozes que lá dentro, ou no ressaio da horta, se misturavam em dizeres alegres ou cantilenas alusivas ao nascimento do Deus-menino. Diante dos portões gradeados do proprietário rico é que eu não parava nem meditava. Se lá dentro de suas salas iam alegrias, como em casa do jornalista, não sei: o certo era que as paredes da habitação opulenta não deixavam sair uma nota para o hino geral de graças e júbilo com que a pobreza saudava o Emancipador dos deserdados, o Senhor dos mundos, nascido e gasalhado nas palhinhas de um presépio.

O sol, desnublado de vapôres, como nas tardes serenas de julho, oscilava nas montanhas do pôente, e azuljava as grimpas dos pinheiros, de onde eu, a contemplá-lo, me esquecera da distância a que me alongara da casa hospedeira daquela noite. Transmontando o sol, desceu das cumeadas um tôlido pardacento a desdobrar-se pelos plainos, e confundir-se no fumo das aldeias, a identificar-se com o escuro dos arvoredos. Fêz-se um silêncio progressivo e rápido em redor de mim. Começava a noite sem bafejo de vento. Nem já a rama dos pinhais rumorejava aquêlo seu saudoso somido, que se me figura sempre a inarticulada toada de mui remontadas e remotíssimas vozes de mundos que giram nas profundezas do espaço.

Tirei-me do meu enleio contemplador, e retrocedi pelo mal sabido atalho, antes que a cerração completa me tolhesse de enxergar ao longe o alvejar da casa, entre dous outeiros. Não valeu a precaução. Às abas do declivoso montado, eram muitos os caminhos a cruzarem-se. Segui um à sorte; e, como prova de que a sorte nem em escolha de caminhos deixou de ser-me sempre boa, segui o pior e o mais transviado de todos. Por volta de sete horas, depois de dobrar uns serros inabitados, achei-me numa póvoa, onde me disseram que eu, por aquêlo caminho, chegaria mais cedo a Roma que ao local onde me destinava.

A pessoa, que respondeu assim à minha pergunta, falou-me duma janela envidraçada, e acrescentou:

— O senhor, se não sabe o caminho, como de fato não sabe, pelo tino é incapaz de acertar. O que eu posso fazer é mandar alguém ensiná-lo; mas, se não é força ir hoje, pernoite nesta casa, e amanhã irá. Verdade é que, nesta noite, custa muito a ficar em casa estranha; porém...

— Tôdas as casas são estranhas para mim... — respondi eu.

— Pois então, aceite esta que se lhe oferece da melhor vontade. O portão está aberto. Lá vou abaixo recebê-lo.

Entre num vasto pátio, contornado de arcadas semelhantes às da claustra monástica. Logo em seguida, o hospitaleiro senhor do magnífico edifício saiu do escuro da arcaria, e disse-me antes de me ver de perto:

— Eu já sei quem recebo em minha casa, e o meu hóspede, se tiver memória dos seus relacionados de há quinze anos, também me vai conhecer.

— Pela voz ainda não — disse eu, encarando-o, sem vislumbres de vaga recordação.

— Ali temos luz — replicou êle. — Muito velho e desfigurado devo estar, se nem à candeia me reconhecer você!...

Examinei-o à luz atentamente; e, como nem assim me acudisse à memória semelhança de tal homem, retorquii:

— O senhor talvez esteja enganado comigo. É provável que nos vejamos agora pela primeira vez.

— Então qual de nós é o romancista? Você que os anda a procurar, ou eu que estou manso, quieto e estúpido em minha casa? Quererá você ir dizer em alguma novela que encontrou num recanto do Minho um visionário chamado Afonso de Teive...

— Afonso de Teive! — exclamei eu — Afonso de Teive... o senhor!? Essas barbas... essa nutrição...

— E êstes óculos... — atalhou êle.

— É verdade... êsses óculos...

— E êstes tamancos!...

— Pois, deveras, o senhor é Afonso de Teive... tu és Afonso... aquêlo que tinha em Lisboa...

— Uma casa no Campo Grande, e uma parelha de hanoverianas, e um faetonte, e uma berlinda, e cavalos árabes, e paixões ideais, e muitas paixões sem faísca de idéia... Sou eu! É êste homem gordo, intonso, de óculos, de tamancos, êste lavrador que aqui vês, possuidor dum tesouro que os reis do universo disputam há dezanove séculos uns aos outros, e as nações disputam aos reis, e os indivíduos disputam às nações, e cada indivíduo disputa e destrói em si próprio e com as suas próprias mãos: sabes que tesouro eu possuo, homem?

— A paz?

— A felicidade.

— Isso é uma história! — atalhei eu — Pois tu achaste a felicidade?... e tu és realmente Afonso de Teive?... E êstes dous pequenos? — perguntei eu, quando vi dous meninos entre seis e oito anos a correrem em direitura dêle — são teus filhos decerto...

— São, e lá em cima não ouves o tropel que fazem os outros seis?

— Pois tens oito filhos?

— Espero o nono brevemente.

— E és...

Retive a palavra. Ia eu perguntar-lhe grosseiramente se êle era feliz com oito filhos; pergunta desculpável ao Afonso, que eu conhecera desde 1845 até 1851.

Eu tinha visto Afonso de Teive em Coimbra, naquela primeira época, matriculado no curso filosófico. Pertencia ao círculo de literatos, criadores da *Revista Acadêmica\** e *Trovador\*\** e também, nas

\* *Revista Acadêmica* (literária e científica). Publicou-se em Coimbra de 1845 a 1853 e de 1853 a 1855.

\*\* *Trovador* ou *Coleção de Poesias* (Coimbra, 1848, 2.ª ed. 1853). O editor e principal colaborador dêste livro foi A. X. Rodrigues Cordeiro, e nela colaboraram João de Lemos, Serpa Pimentel e outros.

horas furtadas às palestras literárias — quase sempre controvérsias acêrca da primazia de Lamartine ou Vitor Hugo — pertencia à grande tribo dos *trocistas*, gente arruadora e desatinada para quem as saudosas tradições do famigerado José Lobo não tinham ainda esquecido. Esta dualidade em Afonso de Teive era uma distinção que o tornava menos agradável aos literatos circunspectos, e menos estimável também aos camaradas das assuadas e motins noturnos. Afonso era poeta num gênero galhofeiro; quando queria; e dedilhava o alaúde das elegias, se lhe dava para lastimar-se, ou carpir saudades imaginárias de mulheres, suas amadas, fugidas dêste lamacento globo para os plainos balsâmicos do céu. É o que me parecera a mim. Tinha dias de escrever jaculatórias em verso que dariam fama a um eremita da Tebaida; noutros dias, satirizava a religião, os dogmas, e a própria divindade com os apodos e dialética dum desbragado discípulo de Voltaire. E o mais para assombro é que êle parecia sentir no coração o ascetismo de hoje, e a impiedade de amanhã: agora, iria depós o pálido da extrema-unção murmurando as preces do povo, que não se peja de orar em público e alta voz; e logo bem poderia suceder que, encontrando o mesmo préstito, não levasse a mão à frente para tirar o gorro. A um homem assim dotado de tão contraditórios espíritos, fácil seria agourar-lhe grandíssimos dissabores do trajeto da existência: para os semelhantes daquele funesto modêlo, as estradas comuns da humanidade não conduzem a paragem nenhuma certa; nem o coração nem o espírito aceitam leis imutáveis; a moral é um fato, cujas condições deve e pode infringir aquêle a quem elas não aproveitam; em suma, Afonso de Teive dava a prever um desgraçado, a menos que em sua índole não sobreviesse uma das raras revoluções, que inopinadamente trãsfiguram o homem moral, se não é o abalo da mesma desgraça que opera êsses prodigiosos reviramentos.

Tal conheci em 1845 em Coimbra o meu hospedeiro minhoto de 1863.

Encontrei-o, depois, no Pôrto em 1848.

Achei-lhe a mudança que influem os salões nos espíritos, para assim dizer, incultos da cortesia e graciosidade de que em geral carecem os mancebos saídos dos cursos escolares.

Afonso de Teive tinha fama de rico. Escutei o que diziam os almo-tacês dos haveres de cada sujeito admitido à sociedade portuense — pessoas que, à vista do zêlo com que indagam os mínimos valores do sujeito, parecem habilitar-se para mordomizarem os bens de quem chega — e ouvi que Afonso era natural do Minho, filho único já órfão de pai, e senhor de sua casa, estimada em cento e cinqüenta mil cruzados. Enquanto a costumes, dizia-se que o rapaz era dado ao namôro, borboleteava por diversos camarotes do Teatro de S. João, assoprava zelos e raivas entre umas tantas senhoras nos bailes, e pouco mais digno de censura. De escândalos, não rosnava cousa importante a opinião pública. A mocidade do Pôrto, por

despeito, ou por outro qualquer sentimento igualmente natural que desculpável é que, no intento de deprimir o Tenório do Minho, divulgava, como quem diz muito secretamente a cousa, que vários maridos andavam enganados com Afonso de Teive; porém, como acontecia que os maridos indigitados se satirizavam uns aos outros, observando e censurando cada um a demasiada confiança do outro, é hoje cousa difficilima de tirar a limpo se algum dos maridos se enganava, ou se todos se enganavam, ou se não se enganava nenhum. Se o leitor considera que seria curioso esquadrihar o caso, eu de mim entendo que a humanidade não ganha com isso nada, e portanto neste, e em muitos outros artigos advenientes de moral duvidosa, ponho, e porei ponto, quando não seja preciso à contextura dêste romance desvelar fatos censuráveis.

Afonso saiu do Pôrto naquele mesmo ano de 1848, com destino à França, segundo uns, e à Turquia, segundo outros. Os desta opinião diziam que êle, convencido de que tinha uma cara oriental, ia para terra onde pudesse vestir-se de modo que o rosto lhe saísse melhor do que entre uma gravata de laçarias portentosas e um canudo de fêlpo lustroso. E certo era que o tipo fisionômico do cavalheiro minhoto era sobremaneira árabe, por causa do nariz fino, dos olhos coruscantes, da tez azeitonada, do espêsso bigode negro, e do comprimento e magreza do rosto. Se ajuntarmos a êste composto de venturosas e aventureiras feições o estar êle sempre fume-gando por cachimbo turco, dir-se-á que os turcos é que prôpriamente, lá na sua terra, o andavam imitando a êle.

Se foi à Turquia, é de presumir que rivalidades com o sultão, ou — pior ainda — tentativas de invasão ao harém o obrigaram a voltar a Portugal, onde os direitos de cada homem e de cada mulher estão muito mais razoavelmente definidos e garantidos. A verdade é que eu, no fim do ano seguinte, encontrei Afonso de Teive em Lisboa, cavalgando um donoso alazão ao lado de uma amazona, cujo murzelo fazia admiráveis gentilezas de picaria. Deu-se êste encontro no Campo Grande, numa tarde de corridas equestres. Alguém cuidaria que a soberba cavaleira, duma formosura invejável na Circássia, devia de ser a espôsa raptada dalgum *grão-vizir*; pessoas, porém, melhor informadas, disseram-me que a esvelta dama era portugêsa do Minho, dos arrabalde de Braga, onde os riais sensualistas do Islão mandariam subornar as suas sultanas, se soubessem que nestas regiões as mulheres que, por acaso, saem feias das mãos da natureza, aprendem a ser bonitas com as flôres. Releve-se êste orientalismo a quem está tratando de cousas asiáticas como a cara de Afonso, e o garbo peregrino de Palmira.

Palmira me disseram que se chamava a gentil criatura.

Pôsto que eu, em Coimbra e no Pôrto, me houvesse relacionado algum tanto intimamente com Afonso de Teive, ainda assim, azado o ensejo de perguntar-lhe pormenores daquela conquista — conquista se diz vulgarmente do que devera mais de siso chamar-se, fartas

vêzes, derrota — nada indaguei, visto que êle, com insólito resguardo, se absteve de me dar ansa a esgaravatar-lhe cousas particulares da vida — *particulares*, dissemos, para sustentar à palavra a fama que o dicionário faz correr; sendo aliás de tôda a evidência que não há aí coisa mais nua, mais pública e assoalhada que tudo quanto se chamam *particularidades da vida privada*, mormente quando o divulgarem-se torna e redundante em filáucia duns tolos célebres que seriam invejáveis, se as próprias coroas, com que cingem as frentes, lhes não dessem muito que doer com os espinhos escondidos — quero dizer em estilo espalmado: se às próprias mulheres, que lhes dão os triunfos, não fôsem os instrumentos com que a justiça infinita inflige aos vangloriosos o castigo infernal do seu orgulho.

Foi-me preciso escutar os boatos correntes à conta da mulher que Afonso de Teive me não apresentou. Observei que ninguém a julgava honestamente, e assim mesmo ninguém lhe dava um epíteto indecoroso. A civilização beneficia assim as mulheres que não podem adjetivar-se publicamente virtuosas, nem mesmo quando visitam com a esmola a mansarda do doente desvalido. Nesta especialidade, o jornalismo comporta-se louvavelmente. Quando um localista pregoa o donativo de alguns lençóis que opulenta matrona, por variar prazeres de alma, já cansada dos transitórios gozos de outra espécie, mandou a um asilo de lázaros, e diz que a humanidade abençoá a virtuosa senhora, não nos havemos de entalar com êste decreto de virtude: a humanidade manda que o engulamos. O localista tem razão: é bom que a palavra *virtude* sirva de piedoso visco à liberalidade de pessoas, que desejam alguma vez, ao lerem-se *virtuosas*, experimentar a satisfação de se verem ir à posteridade na seção do noticiário.

“O noticiário! Ninguém, que me conste, aprofundou ainda o que esta palavra encerra em si de humanitário! S. Paulo, todos os evangelistas, as catequeses derramadas de ângulo a ângulo da terra, em matéria de caridade, não se avantajaram à missão do noticiário.

Se eu não tivesse de convicção minha que as ações meritórias dos gabos do mundo, quando disparam em proveito geral, não podem desmerecer no juízo divino, havia de cuidar que a mão, aberta em fontes caudais de ouro vertido, como bálsamo, sôbre as chagas sociais, bateria às portas da região pavorosa, onde o pecado da soberba, aliado da vaidade, sofre a condenação prescrita nos códigos de tôdas as religiões. A vaidade levanta o palácio em que se acolhem os desamparados dum teto de palha e duma enxêrga de fôlha. A vaidade, doura-lhe os frontais do asilo, atapeta-lhe os pórticos, ventila-lhe por janelas de luxuosa alvenaria os dormitórios, tudo lhe dá em desconto das dores da velhice alanceada de enfermidades; tudo, exceto o pão da alma, a doutrina da paciência, a comunhão santíssima, que refaz o espírito quando o corpo des-

falece. Tudo lhe dá, exceto um padre, um intérprete do Cristo, que dê vida de amor ao seio trespassado, e palavra de pai aos lábios roxos daquele crucificado, que lá do fundo do dormitório contempla inertemente o deslaçar-se fibra a fibra daqueles corpos, ali postos como prêsas disputadas, por mais alguns dias, à aniquilação...

— E não é isto o máximo quilate da beneficência?

Que hei de eu responder ao leitor ilustrado que me interrompe, assim de golpe, um discurso que lhe havia de mortificar o fôlego, pelo menos?!

Peço-lhe que me deixe contar-lhe em cinqüenta linhas, pouco mais ou menos, como eu vi, numa terra dêstes reinos, criar-se e prosperar um asilo de pobres.

D. Elvira era uma dama casada, que não tinha por seu marido aquêle amor que dá ao peito da boa espôsa arnês de aço contra as frechas de um cupido estranho. O marido, nimiamente confiado em seus direitos, descuidou-se. Aqui está um mal enorme de onde vamos ver brotar uma enchente de benefícios à humanidade. O paradoxo demonstra-se dêste teor:

D. Elvira, desconfiada dos seus servos e servas, tomou como medianeira dos seus ilícitos amôres, uma octogenária, que tinha quatro irmãos velhos, um marido velho, duas cunhadas velhas, e cinco sobrinhos velhos, todos mais ou menos glutões que ela, e alguns muito mais ociosos e patifes. D. Elvira ocorreu por algum tempo às precisões de tôda esta tribo de imorais, em obséquio à inventora indispensável. Uma vez, D. Elvira, orçou as despesas anuais desta pecaminosa obrigação, e pasmou do seu desperdício. As avultadas esmolas, de mais a mais, eram secretas, porque o descobrirem-se daria rasto à suspeita. Na terra havia dous jornais, e nenhum lhe tinha ainda chamado virtuosa, ao passo que a sua presumida rival D. Benedita por mais duma vez tinha sido abençoada pelas gazetas, em nome do gênero humano, em virtude de ter mandado aos presos os sobejos dum jantar dado no dia natalício do marido, a quem ela estimava tanto como a mim, quando souber que eu duvidei grandemente da virtude que os jornais lhe deram. D. Elvira despeitada, um dia que o marido entrara de ouvir o tocante sermão de um missionário acerca de caridade, comoveu-se, e pregou também sôbre a mesma virtude teologal. O marido maravilhou-se, enterneceu-se, e ouviu com lágrimas a proposta da fundação dum abrigo de velhos e velhas desamparados, com as economias da espôsa. Discutido o programa, escolhido o edifício, orçadas as obras de pedra e madeira, chegou a notícia às gazetas. No dia seguinte, ambos os jornais da terra retiraram os seus artigos de fundo para darem a circunstanciada notícia do caritativo instituto da virtuosíssima senhora D. Elvira. Ambos os periódicos, à compita, lhe deram êstes regalados e maviosos nomes: Pomba de beneficência; anjo da caridade; sacerdotisa da lei de Jesus; mãe dos pobres; bálsamo dos aflitos; esteio da decrepidez; lâmpada do Evangelho!

Lâmpada não gostou ela que lhe chamassem, porque já a sua rival D. Benedita costumava, não sabemos bem por que, chamar-lhe lampadário; seria talvez porque D. Elvira usava muito de vidrilhos na cabeça, os quais brilhavam e cintilavam à maneira de lustre. Seria isso, mas D. Elvira aceitou os outros nomes com muita satisfação, e, com grande faina, em menos de três semanas recolheu os doze velhos que estavam no segrêdo da sua caridade. O asilo tinha capacidade para vinte e quatro. Oito dias depois o número estava preenchido.

E vai depois D. Benedita, ciosa da popularidade que a sua rival vingara, combina-se com o marido, e delinea um outro asilo com capacidade para quarenta e oito velhos. Os jornais que tinham gasto com a outra senhora os adjetivos, substantivos e pronomes, empregaram em honra de D. Benedita as interjeições. O artigo dum começava por *Ah!* o artigo do outro jornal por *Oh!* Fundou-se o asilo de Benedita. Como na terra não havia tanto velho, alguns marmanjolas de trinta anos, inimigos do trabalho, ou encanecidos nas cadeias, apresentaram certidão de idade de sessenta, e esconderam a sua bargantice sob as asas caritativas de D. Benedita, a quem as gazetas chamavam *a santa!*

Aconteceu que passados quatro anos D. Elvira mudasse de residência para outro mundo, onde os necrologistas disseram que ela ia receber a palma do triunfo. A caridade do viúvo esfriou, e veio a um acôrdo com o marido da *santa*. Transformaram-se num os dous asilos, já abundantes de esmolas doutras senhoras virtuosas, e assim chegou êste humaníssimo estabelecimento a um grau de prosperidade que não deixa nada a desejar, segundo asseveram as gazetas da terra.

Agora queira o meu leitor curvar-se um pouquinho, e contemplar a raiz desta árvore evangélica, que braceja tão ridentes frondes e tantos frutos de bênção! Veja que herpês, que podridão, que bicharia lá vai!

E com êste episódio respondi à sua pergunta: e peço perdão de ter ultrapassado as cinquenta linhas prometidas.

## CAPÍTULO II

SINCERAMENTE não sei corrigir-me do vício das divagações. Há quem defenda e demonstre que o romance filosófico deve ser assim alinhavado a exemplo de Balzac, Sainte-Beuve, Staël, etc. Na Alemanha então dizem-me que as novelas são tratados de metafísica. Se as minhas derramadas e extraviadas divagações fôssem ao menos metafísica! Ser eu, sem dar tino de mim, um escritor subtil, imperceptível, impertinente, medonho, e, acima de tudo, sério! *Escritor sério!* quando se agarra a fama pelas orelhas, e a gente a obriga a dar pregão da nossa seriedade de escritor, a glória vai procurar os

nossos livros sérios às estantes dos livreiros, e lá se fica a conversar delícias com as brochuras imóveis, enquanto a traça não dá nêles e nela.

O universo, e a humanidade principalmente ganha muito com os romances sérios: excetuam-se da humanidade os editôres. Um meu amigo publicou seis volumes de novelas de costumes morais a ponto de tôda a gente dizer que não havia tais costumes em Portugal. Recebeu muito abraço dumas pessoas que tinham ouvido contar que o meu amigo aconselhava aos filhos a obediência aos pais, aos próximos o mútuo amor, e à humanidade o temor de Deus. As seis novelas eram glosas aos dez mandamentos. Esperava-se a regeneração das velhas virtudes portuguezas. Logo que o espírito público se balsamificasse da unção dos seis livros. Volvidos porém uns dous anos, as estatísticas iam delatando em aumento a criminalidade pública. Espanto no meu amigo autor, e desanimação melancólica nos editôres! Não obstante, a gente grave continuava a dizer que o meu amigo, continuando a escrever por aquêle teor e jeito, endireitaria o mundo. Os editôres, porém, observando que o mundo se entortava cada vez mais para êles, recomendaram ao escritor moralista que vendesse a êles romances, e a quem quisesse os sermões. Ora, deu-se o caso de que êste meu amigo era eu em pessoa.

Apesar dos baixios em que foram a pique os meus livros sérios, teimo em ir neste rumo, discorrendo oportunamente acêrca das grandes cousas e dos grandes fatos como se viu do anterior capítulo.

Volvendo a concluir as reminiscências que tenho do antigo Afonso de Teive; restá-me ajuntar que o deixei em Lisboa no ano de 1851, e vim para o Minho onde me disseram quem era Palmira, falando eu em Afonso de Teive a um cavalheiro de Braga.

Em primeiro lugar, Palmira tinha outro nome na sua terra. Fôra educada num convento; saíra do convento para casar com o filho do seu tutor, môço idiota e abominável; e saíra de sua casa para a de Afonso de Teive, o qual por um acaso a vira nos arvoredos do Senhor do Monte, e de se verem à mesma hora em que ambos, embelezados no rumorejar de árvores e fontes, pediam ao céu, ela o homem, e êle a mulher do seu destino, resultou amarem-se tanto que logo dali protestaram tácitamente imolar aos deuses infernais o marido idiota — destino misérrimo que não discrimina entre idiotas e atilados. Estas informações saíram-me com o tempo inexatas em muitos accidentes.

Não adiantou mais nada o cavalheiro bracarense; e isto já não era pouco para o meu espanto.

Nessa mesma época occasionou-se-me conhecer o marido de Teodora, melhorada em Palmira. Andava êle na feira de S. Brás em Landim, a tantos de fevereiro, comprando bois e vendendo cevados. Não lhe vi no semblante leve sombra de dissabor, nem osso descarnado. Vi que êle comia à tripa fôrra um chorumento jantar de carnes frias, em que predominavam as galináceas. À sua direita

estava uma mocetona espadada, escarlate, alta de peitos, e refratária a tôda a idéia de amor fino.

Disseram-me que esta môça apreciara devidamente o coração rejeitado por Teodora, e assava com perfeição as louras galinhas de que o marido abandonado hauria vigor com que resistia briosamente à sua desgraça. Vi tudo isto, e fiquei satisfeito. A gente folga de ver assim remediadas as enfermidades da natureza. Quando em casos análogos não há vítima nem algoz e os personagens se acomodam na livre prática da liberdade dos cultos, bem que o vício não deixa de ser vício, é contudo consolador observarmos que uma certa filosofia é a melhor ortopedia para os aleijões de nascença de que a torta humanidade coxeia há dezanove séculos.

É o que eu sabia e mais nada.

Como Afonso caiu em esquecimento, nunca me deu para perguntar que feito era dêle. As minhas desventuras não me davam férias para farejar as alheias. Se alguma vez me passou pela idéia a espôsa infiel do feirante de bois e cevados, imaginei-a reconciliada com o marido, e assim duramente castigada pela Providência. Enquanto ao sedutor, apostaria que êle, depois de ter desbaratado a casa, andava por Lisboa obscuramente, solicitando um lugar de amanuense de secretaria ou aspirante de alfândega, se é que não tinha ido para o Brasil, com o seu diploma de bacharel em filosofia, colecionar conchas por conta de algum museu de história natural.

Agora vê o leitor o meu assombro justificado! É inquestionavelmente êste homem gordo, de barbas intonsas, óculos e tamancos, o Afonso de Teive da Palmira de Lisboa.

Êle aqui vai subindo as escadas, que nos levam à primeira sala. Cá estão em redor dêle e de mim os oito filhos, que fazem bulha como trinta e dous. Creio que estou no pátio dum mestre-escolá à saída da aula. Dous dêstes ferozes meninos tiram-me da mão o guarda-sol, abrem-no e fecham-no repetidas vêzes, arremetendo contra os irmãos, que se defendem espancando a murros as varas da umbrela que gemem e entortam. Afonso gosta de ver aquilo, e eu finjo também que não desgosto, nem que receio de ser esfarrapado por aquêles inocentes.

Passamos ao seguinte repartimento da casa: era a sala de visitas, mobilada de alfaias antigas, cadeiras encouradas com chapas reluzentes, grandes bancas de pau-santo, com gavetas atauxiadas de frisos metálicos e de marfim.

— A decoração diz com as minhas barbas! — refletiu o risonho Afonso. — Aqui é tudo português — acrescentou, mandando inutilmente calar a gritaria dos meninos que, a meu ver, legitimavam a raiva infanticida do Herodes. — Até a linguagem é portuguesa de lei: olha que estou falando vernâculamente, meu amigo. Há catorze anos que tu me convidavas urbanamente a não insultar os Lucenas e os Sousas com as minhas francesias. Vem ver a minha livraria; se não queres primeiramente ver minha mulher...

— Tenho muita honra e satisfação em ser apresentado a tua senhora — atalhei eu.

— Joaquim! — disse Afonso ao filho mais velho — vai ver onde está tua mãe; se estiver na cozinha, dize-lhe que temos cá um hóspede, que não exige vestido de sêda. Que apareça como estiver.

O menino saiu aos saltos de cegonha, e Afonso ajuntou:

— Minha mulher é um anjo, cujas asas brancas se não mancham na felugem da cozinha. Eu gosto que ela por lá se entretenha, senão bate-me nestes brejeiros que, como vês, são digníssimos de grossa pancadaria; mas eu amo êstes diabinhos, que zombam de mim, e aturo-os, porque a dizer-te a verdade já me dói a cabeça quando não ouço esta algazarra. E tu, gostas de rapazes?

— Gosto muito, acho muito galantes os teus meninos; mas se me dás licença, dir-te-ei que em doenças de enxaqueca, o teu remédio não seria tão eficaz nas minhas como nas tuas.

— Bem sei — atalhou Afonso. — Falta-te cabeça de progenitor, falta-te ouvido de pai que converte em música no coração êstes berreiros, que nem no inferno se poderiam receber como orquestra.

Não se fêz esperar a espôsa de Afonso.

Era uma senhora para se não descrever em romances, e para admirar-se entre seus filhos.

É muito difícil e requiere engenho grande tirar as semelhanças duma mulher, que se apresenta simples, modesta, e, logo à primeira vista, imprópria de novela.

— Aqui está, e te apresento, minha mulher — disse Afonso; e tomou-lhe dos braços a criança mais nova, que lhe saltara ao pescoço, apenas a vira entrar na sala.

A espôsa de Afonso de Teive respondeu acanhadamente ao meu palavroso cumprimento, e tomou nos braços outro filho, que marinava pelas costas da cadeira, e mostrava a cabeça sôbre o alto espaldar de couro.

Como se não ajeitava outra espécie de conversação, falei nos meninos, gabando-lhes a formosura e a esperteza. Afonso, que parecia não querer outra cousa, começou a contar-me anedotas das suas crianças entusiasticamente, algumas medianamente engraçadas, e outras que eu não pude ouvir; à conta da bulha que os pequenos faziam em volta da mãe. No entanto, fiz reparo nela.

A senhora teria trinta e oito anos, e formosura, por fôrça natural, já decadente. Trajava roupas largas, talhadas sem esmêro, de droga ordinária; a beleza das formas corporais, denunciava-se apesar do traço descuidado. Semblante assinalado de tanta doçura e bondade não sei que o haja. Poderia chamar-se tristeza de santa àquele mavioso rosto pálido, quebrantado e não sei que de cismador; a expressão, porém, dos olhos brandos, do sorriso quase imperceptível, do colo um pouco inclinado em postura humilde, eram nela a alegria exuberante de santa sim, mas santa como espôsa, santa como mãe, santidade de coração e alma repartidos entre Deus, espôso e filhos.

Pouquíssimas palavras lhe ouvi na meia hora que se deteve conosco. Conheci-lhe a inquietação cuidadosa no relancear de olhos ao marido.

— Bem sei, — disse êle. — Vai, vai, que estás a pensar nas rabinadas, e nos mexidos.

E ela, sorrindo, disse:

— Ainda me não apresentaste ao teu amigo como uma sofrível intérprete da arte de cozinha.

— Intérprete! — exclamou êle. — Tu és mais! Tu inventaste a ciência da cozinha, que é muito mais sublime que arte. A tua modéstia é que te não deixa vir à luz do mundo, dêste mundo cujas aspirações confluem tôdas para a gastronomia, com um tratado que ao mesmo tempo, me desse orgulho de ser teu marido, a quem tu deves esta vida retirada, sem a qual te faltaria espaço e remanso para as tuas especulações, em resultado do que vamos hoje ceiar as mais ambrosíacas rabinadas que ainda os deuses coaram em suas celestiais gargantas. A aldeia, meu bom amigo, — continuou Afonso voltando-se para mim com solene e galhofeira seriedade — a aldeia dispensa ao espírito investigador um curso completo de ciências. A poesia do estômago, esta mais que tôdas poesias humanitárias, não se dá nas cidades; lá come-se materialmente; aqui dá-se ao espírito a presidência em tôdas as matérias assimiláveis. Estou com o nosso admirável Castilho nestas memorandas palavras: "Longe de mim negar puerilmente às cidades suas vantagens sociais; digo só que para a poesia se não fizeram elas; e que, se nessa frágua algum engenho poético resiste, se aí canta, nunca há de ser tanto, nem tão bom, nem tão inocente, nem tão perfumado como seria sem dúvida nos campos". E a poesia que é? — acudiu Afonso cortando-me o riso com que eu celebrava o desconchavo da citação — o que é a poesia senão aquê estado diáfano e sublimado da alma, que se está engolfando e gozando num invólucro sadio, depurado de ruins vapores, e puro de tôda a exalação crassa dum estômago derrancado, azêdo, e intumescido? Pois hás de tu saber que um estômago limpo é a fonte de todo saber; e que a ciência construtora dos seletos alimentos do sangue é a que mais de perto se relaciona e ata com a arte de exprimir cadentemente os afetos da alma — Logo...

A espôsa tinha saído quando esta abstrusa parlenda ia em meio, com ameaças de longo fôlego.

Eu estava ouvindo, como quem sonha, Afonso de Teive. Andavam já a formigar-me suspeitas de que o homem estava o seu tanto ou quanto embrutecido na aldeia; e pôsto que a defesa do paradoxal consórcio entre estômago e poesia viesse absolvida por um sorriso facêto, nem assim me descapacitei de que o espírito de Afonso havia sofrido profundas comoções que de todo em todo o transfiguraram, ou lhe transfiguraram os objetos do mundo exterior. Eu não podia convencer-me de que a felicidade alterasse daquele modo o gênio e maneiras dum homem, que eu jamais ouvira preconizar as regalias

do estômago. Crer que o bem-estar da alma procedia duma brutificação dela mesma, e que o encontrar êsse bem obrigava a desatar-se a gente da convivência de sujeitos policiados, de mulheres inspiradoras e das magnificências da arte, enfim, de tudo que todos buscam sôfregamente, parecia-me absurdez, e falsificação no caráter de Afonso de Teive.

Preparei-me, pois, para devassar o secreto reviramento que transformou em poucos anos o espírito menos propenso que eu vira à paz dos campos, e ao absoluto apartamento da sociedade.

Estava a ceia na mesa. Que enorme ceia comemos, e que estrondoso ruído fizeram os meninos!

### CAPÍTULO III

NO DIA SEGUINTE ao domingo de festa que eu passei com Afonso reaparecera o sol magnífico da véspera.

Afonso de Teive mandou aparelhar um ordinário garrano, o qual, no dizer do dono, era um luxo nas suas cavalariças, visto que Afonso raras vêzes saía para além dos muros da sua quinta. Da residência do reitor veio de empréstimo uma égua aparelhada de albardão, e estribos de pau que pareciam alqueires. Depois de almoço cavalgamos, embrenhamo-nos por uns quinchosos pedregosos, e saímos à estrada entre Guimarães e Famalicão. Estava destinado um passeio de duas léguas. A égua abacial era tão firme no piso, que eu dei de mão às rédeas, formei dum estribo o travesseiro, e deitei-me no albardão, para admirar horizontalmente a natureza, maneira de ver que eu recomendo aos curiosos que ainda não viram assim a natureza. Ao meu lado ia Afonso de Teive, corcovado sôbre o pescoço do garrano, que não obedecia à rédea nem à espora: era preciso falar-lhe rijo, ou espertá-lo à paulada. E Afonso ria-se.

— Quem te viu e quem te vê, Afonso de Teive! — exclamei eu. — Quem te viu em Lisboa naquele cavalo prêto, que levantava ferozmente as patas, como para te cuspir à calçada, e as abaixava humildemente e a tremer, se tu lhe murmuravas uma palavra! Quem te viu ao lado daquela Palmira...

Mal proferi esta palavra, Afonso cravou-me os olhos súbito abraçados do antigo fogo. Fingiu que sorria, querendo esconder a mutação do rosto. Voltou a face para onde eu não podia ver-lha; e, passados alguns segundos, murmurou:

— Lá se foi a alegria do nosso passeio.

— Por quê?! — acudi eu — perdoa-me, se involuntariamente ferir a tua sensibilidade... Eu cuidei que entre ti e o teu passado estava um abismo incompreensível aos olhos da tua saudade... Pensei que ao homem feliz eram indiferentes as recordações dos bons e dos ruins tempos da mocidade.

Afonso deteve-se a encarar-me, e disse de golpe:

- Tu ignoras a minha vida desde 1850?
- Juro-te que não sei nada da tua vida — respondi.
- E dessa mulher, que chamaste Palmira?
- Nada sei, senão que...
- Dize o que sabes... que hesitação é a tua?

— Apenas soube que era casada, que saíra daqui para Lisboa contigo, e mais nada. As pessoas a quem perguntei por ti eram os teus velhos amigos, que encolhiam os ombros e diziam: "quem sabe lá!" Desde 1856 que te esqueci completamente. Argúí, se quiseres, a minha desmemoriada amizade; mas a verdade é esta. Eu sou, pouco mais ou menos, como todos os teus amigos.

Asserenou-se o aspecto de Afonso de Teive, e fomos indo silenciosos, até aparmos em Guimarães na estalagem da Joanhinha, que está neste mundo a competir em graças, limpeza e poesia com a Joanhinha de Almeida Garrett, nas *Viagens*.

Jantamos, saímos a ver a terra, que eu nunca viça em dezembro, enxergamos à luz crepuscular umas famosas damas da velha cidade que resistiam ao frio da tarde encostadas aos peitoris das suas janelas; entrevimos galantísimos olhos doutras através das rótulas, que ainda agora nos estão contando virtudes doutras eras, virtudes que precisavam de rótulas, como as belas flôres exóticas precisam de estufa.

Voltamos à estalagem, tomamos chá, e uns pastelinhos que hão de ir futuro além lembrando o mavioso nome da Sr.<sup>a</sup> Joanhinha. Depois pedimos duas camas num quarto, e tivemos a satisfação de ver que nos davam um quarto com cinco camas, ou coisa assim.

— Há dez anos — disse Afonso — é esta a primeira vez que durmo fora de minha casa. Acho-me só e estranho. Penso que estou a mil léguas de minha mulher e de meus filhos.

— Eu vou mandar aparelhar as cavalgaduras — disse eu — e vamos embora, que está magnífica a noite.

— Não, — redargüiu Afonso — que preciso estar a sós contigo, uma noite. Debaixo das telhas que cobrem minha mulher os meus lábios não proferem o nome de outra. Ela já sabe que eu fico em Guimarães. Falarei, e tu ouvirás, ou dormirás. Falarei do homem que conheste em 1851, para explicar o homem de 1863. Hás de ver que lamaçais atravessai, que ressacas afrontei, como eu me bati, de peito com as puas de ferro da desgraça, para chegar ao abrigo onde me encontraste. Não pasmarás então da minha velhice precoce: ser-te-á assombro a minha vida. Se és infeliz, consolar-te-ás. Se o não és, recearás sê-lo.

A noite, como sabem, era de dezembro.

Às onze horas consumiu-se de todo a vela. Afonso de Teive continuou a falar às escuras. Ao rasgar da manhã, abrimos as portadas, e Afonso falava ainda.

## CAPÍTULO IV

NO PRINCÍPIO dêste ano de 1864, saí de Ruivães, onde, por espaço de oito dias, me escondi à minha estrêla funesta — a vigilantíssima desgraça, que eu ia esquecendo. No termo dêste prazo, estranhei o sossêgo das minhas noites, faltou-me a mão do demônio que me arregaçava com dedos de fogo as pálpebras quebrantadas de sono, e fui à procura dêle.

Deixei o meu amigo na cumeada do outeiro, vizinho de casa com sua espôsa e filhos. As últimas palavras dêle foram: "quando tiveres o livro escrito, deixa-me gozar a não vulgar satisfação de me ver personagem e herói dum romance, que me promete uma imortalidade..."

— De quinze dias — interrompi eu.

Não longe da obscura paragem de Afonso de Teive, à margem do córrego chamado Pele, riacho que, pela primeira vez, é revelado ao mundo em letra redonda, assentei eu a minha tenda nômade. A minha tenda são uns vinte volumes, um tinteiro de ferro e um cabo de pena de osso, que me deram noutra ponta do mundo, onde há quatro anos assentara também a minha tenda, — ponto do mundo que por um singular acaso implicava ao meu sestro vagabundo: era no ano do Senhor de 1860, nos cárceres da Relação do Pôrto, o menos conveniente dos paradeiros para homem de gostos impermanentes em objeto de aposentadoria. Isto, sem embargo, não impedia que esta minha tão querida pena, tão amiga confidente daquelas trezentas e oitenta noites — de janeiro tôdas, que lá a dentro dos congelados firmamentos de pedra, reina perpétuo inverno, e geiam as abóbadas, não sei se lágrimas, se sangue, se água represada nos poros do granito, — não impedia, vinha eu dizendo, que a minha pena, com o seu incansável fremir sôbre o papel, me aligeirasse as noites, e aos assomos da alvorada me convidasse para a banca do trabalho, que foi meu altar de graças ao Senhor, e o confessionário onde abri minha alma ao perscrutar do anjo providencial que me dava a unção dos atletas e dos grandes desgraçados, para mais afrontosos e excruciantes suplícios.

Os meus vinte volumes, e o meu tinteiro de ferro, estão hoje sob o teto gasalhoso duma alma que eu noutras eras encontrei na minha. Não sei há que séculos isto foi, nem que congêrie de abismos nos separam para sempre. Parei aqui, porque ainda aqui, a tempos, se me figura rediviva a imagem do passado, ainda aquela alma se me hospeda no coração em instantes de sonhos do céu, ainda a pedra tumular das afeições caídas à voragem infernal do desengano, está pendida sôbre a derradeira: que a saudade é ainda um afeto, excelso amor, o melhor amor e o mais incorruptível que o passado nos herda.

A casa, onde vivo, rodeiam-na pinhais gementes, que sob qualquer

lufada desferem suas harpas. Este incessante soído é a linguagem da noite que me fala: parece-me que é voz d'além-mundo, um como burburinho que referve longe às portas da eternidade. Se eu não amasse de preferência o sossêgo do túmulo, amaria o rumor destas árvores, o murmúrio do córrego onde vou cada tarde ver a folhinha sêca derivar na onda límpida; amaria o pobre presbitério, que há trezentos anos acolhe em seu seio de pedra bruta as gerações pacíficas, ditosas, e incultas dêstes selvagens felizes que tão iluminadamente amaram e serviram o seu Criador. Amaria tudo; mas amo muito mais a morte.

Aqui, se Deus se amercear de mim, embargando o passo ao anjo exterminador, que contínuo me assalteia os áditos do meu éden de quinze dias, aqui escreverei, com quanta fidelidade a memória me sugerir, a narrativa que Afonso de Teive me fêz.

Seis meses há que se fêz noite no meu espírito. Por arrebatados ímpetos de quem quere furtar-se às garras de um imaginário dragão, tenho fugido para defronte do meu tinteiro de ferro, e avocado as graciosas imagens, filhas do céu, que, nos dias da mocidade fremente de más paixões, me refrigeravam a frente, e disputavam ao encanto do mal, salmeando-me o hino de amor ao trabalho. O perdimento dêsse amor foi a suprema provação, a forja ardentíssima em que minha alma foi lançada à voracidade dum fogo depurante. Mas, no interior, por tudo em que sombreava a negrura do coração, eram tudo trevas, frio, letargia, esquecimento.

Não sei de que futuro abril do meu porvir me veio esta manhã um bafejo aromático de flôres, umas ondulações de luz, que me pareciam as da minha juventude. Tudo me visitou como em mãos do fugace arcanjo do contentamento. Passou o nuncio misterioso, passou depressa, mas o meu espírito ergueu-se alvorçado a saudar o sol de Deus, do Deus imenso que na imensidade dos seus mundos ainda guardará para mim um quinhão de alegrias parcas e modestas, as que unicamente podem dar consciência repousada, prelibações de bem-aventurança, e honrada aliança com os homens.

Penso que estou escrevendo as tuas palavras, ó meu amigo, redimido a lágrimas, a ultrajes, e a desapêgo do mundo. O clarão, que hoje alumiou a minha alvorada, seria porventura um reflexo das tuas alegrias. Há dias me disseste:

"Sabes tu o que é ter um Deus, que nos escuta, que nos reprová, que nos louva, que nos povoa o espaço onde a alma insaciável do homem encontra um vazio horrendo, uma respiração aflitiva?" Querias tu dizer-me que orasse? A ti o confesso em grandes enchenes de consolação, e ao mundo o confessarei sem o ímpio rubor dos miseráveis que perderiam sua alma antes que a irreligiosidade os escarnecesse: OREI, meu amigo; porque, num dôs mais apertados trances de tua vida, quando mo acabavas de contar, interrompi o teu silêncio, perguntando:

— E que fizeste depois?

E tu respondeste-me:

— Depois, OREI.

#### CAPÍTULO V

AFONSO DE TEIVE estudava, há hoje vinte anos, em Braga, os elementos preparatórios para o curso universitário, quando viu Teodora, conhecida pela morgadinha da Fervença. Era ela então menina de catorze anos. Afonso tinha dezassete.

As mães dêstes dous meninos, entrevistados e amados com o inocente atrativo do beijo aéreo na flor a desatar-se e a enrubecer na tige, tinham sido condiscípulas na educação dum convento. Apartaram-se para serem espôsas, com promessa de se continuarem a amar em seus filhos, se a sorte lhos desse com vocação para se unirem. Votos de virgens ainda, feitos com as faces purpureadas do calor do coração, que as levava contentes aos seus novos destinos.

A mãe de Teodora igualou em fidelidade da palavra prometida a mãe de Afonso. Uma tristeza, porém, a desconsolava, e cada dia se espessava mais a escuridade em seu espírito: sentia-se morrer, aos trinta e três anos, de enfermidade de peito, e deixava Teodora em anos verdes, solteira ainda, à mercê e alvedrio de tutores.

Na última fase de sua vida, foi ela a Braga com sua filha, de propósito a encontrarem-se com o môço predestinado a espôso, já esquecido, talvez, dos primeiros anos em que se haviam conhecido crianças. O ver com que alegria êles se reconheceram, e saudaram, como avezinhas pousadas em uma mesma fronde ao mesmo arrebol da manhã, melhorou temporariamente a enfôrma; porém, a muita rogada vontade do Senhor não lhe concedeu os dous anos de vida pedidos para a efetuação do casamento. Segredos do céu previdentíssimo; que, a não o serem, êstes rogos de mãe, em favor da virgem, que vai ficar sôzinha no mundo, com os seus dous inimigos — inocência e formosura — tais rogos baldados, e indeferidos em Deus, induziriam a argumentar contra a mediação do Criador nas misérias que criou.

Apenas falecida sua mãe, Teodora foi recolhida ao convento das Ursulinas, por deliberação dum tio paterno, constituído espontaneamente tutor da órfã.

Afonso, aconselhado pelo coração e por sua mãe, visitava a educanda, disfarçando as freqüentes visitas com a inocente mentira de parentesco.

Teodora, com dous meses de convento, desenvolveu-se e granjeou ciência da vida que não alcançaria em dous anos de aldeia, da sua solitária aldeia, onde tinha apenas aves, flôres, e estrêlas a segredarem-lhe iniciações para amor. No convento, as preleções eram menos vagas, e mais acomodadas à capacidade das educandas. É certo que as mestras não lecionavam ternuras; mas o zêlo, com que elas vedavam o pomo, dava a desconfiar que as precauções religiosas lhe tinham saboreado o travor, a não ser que o desdenhavam à míngua



de dentes incisivos com que entrassem na casca daquele execrável e tão convidativo fruto de Pentápolis.

Com menos de quinze anos, Teodora completou o exterior de suas graças, e o interior do seu espírito. A beleza sabia ela já quantas invejas lhe ganhava entre as condiscípulas, quantas intrigas, quantas repreensões da mestra, à conta do muito enfeitar-se e remirar-se ao espelho. Não importava. A morgadinha da Fervença gostava de ser bela, de ser invejada e perseguida das inimigas, com condição e ressalva de ser admirada pelos galanteadores das suas perseguidoras. Enquanto ao espírito, o saber precoce de grades a dentro igualou-a, se não antes avantajou-a muito ao estudantinho de Ruivães que, contra tôda a natureza e arte, em colóquio amoroso ficava muito aquém de Teodora, e saía do locutório admirado da esperteza palavrosa da morgadinha.

Estas delícias do palratório, porém, foram repentinamente suspensas.

O tio e tutor de Teodora, sabedor dos amorinhos que as religiosas, contra o seu costume, tomaram entre dentes, impôs a sua jurisdição tutelar. A educanda reagiu sem proveito, e Afonso desafogou em lágrimas a sua saudade.

A velha fidalga de Ruivães, avisada pelo filho aflito, foi a Braga consolá-lo, e dali partiu a casa do tutor, a lembrar-lhe o consórcio de Afonso e Teodora, desde muito pactuado entre ela e a sua defunta amiga. O tutor replicou, dando como nulos tais arranjos, enquanto os meninos não estivessem em idade de os ratificar.

Afonso esmorecera em dolorosa letargia, ao passo que Teodora pensava em fugir do convento. O instinto de associação, irreçusável em emprêsa tão arriscada, deu-lhe a conhecer a única pessoa capaz de auxiliá-la.

Estava nas Ursulinas uma menina de Trás-os-Montes, de família distinta, e costumes também distintos em natureza depravada. Entrara ali como em prisão; não obstante, como o anjo das trevas nunca desampara as suas diletas, lá mesmo lhe espiritou traças de poder entender-se com quem quer que foi que a viera seguindo desde a hora em que a família a desterrara. E que traças, infando sucesso, que revelação afrontadora da humanidade vai hoje estampar-se nesta página!

A menina transmontana, abrindo à flor dos lábios o sorriso condolente dum anjo de candura, asselou com um beijo no rosto da sua recente amiga o pacto de se coadjuvarem contra a tirania de pais e tutores.

E posta, desde logo, em discuss[ ] matéria, quis a morgadinha da Fervença, sem mais rodeios, saber de que modo poderia fugir do convento. Libana achou arrojado o intento da fuga, e desesperado sem razão, quando se podia melhorar de sorte, sem correr o risco de ser prêsa e repostada no convento para nunca mais ver sol nem lua. Contou ela, para exemplificar o perigo da fuga, a desgraça

acontecida naquele mesmo convento, uns trinta anos antes. Era a longa história duma senhora, reclusa ali por violência, que cuidando salvar-se pelos encanamentos subterrâneos dos escoadouros do mosteiro, morrera asfixiada; e quando as freiras, a família e as justiça a julgavam foragida no estrangeiro, um operário ocupado da limpeza dos valos, encontrou um cadáver quase esfacelado, mas ainda reconhecível pelos trajos. Semelhante história, contada e ouvida naquela casa sempre com horror, fêz sorrir a morgadinha, e tirou-lhe do peito virginal esta observação: "Tendo eu de morrer na imundície dos canos, antes me deixaria morrer entre a imundície das freiras. Lá enquanto aos aromas enjoativos, tanto faz estar lá embaixo como cá em cima". A resposta foi mais estirada e espirituosa no seu gênero; mas assuntos desta grossura só podem tratá-los curiosamente engenhos claros e eminentes como o poeta dos *Miseráveis*, que poetiza os escoadouros de Paris com o mesmo acume de estilo com que falaria dos jardins perpétuamente olorosos do Elísio.

Resolvida a sobreestar no plano da fugida, Teodora travou-se de mui íntima amizade com Libana, e formavam a sós um partido, que se fazia respeitar pela audácia da língua, e soberba de sua prosápia e abundância de meios. Neste concluiu entrava uma servente de fora e uma criada de dentro, mediante as quais Afonso de Teive recebia cartas de Teodora, e um cavalheiro de imberbe de Trás-os-Montes, primo de Libana, recebia as cartas de sua prima.

Numa tarde de agosto saíram as duas meninas a tomarem a fresca na cêrca. Com o jeito cismador e melancólico em que iam, diríeis que eram as duas graças a procurarem a terceira, que lhes fugira enamorada dalguma divindade incógnita. Quem as visse, àquela hora, depurativa das fezes de maus pensamentos e más palavras, havia de cuidar que o seu diálogo, todo ferventes arrobos e cantares ao empíreo, versava sôbre os céus de Santa Teresa de Jesus, ou semelhantes devaneios do espírito embebido no foco luminoso dos bem-aventurados.

Agora se recostam elas num escabêlo de cortiça, cujo espaldar lhe formam almofadas de fôfas murtas, matizadas da flor do maracujá. Perto delas trepida uma fonte; no tanque, onde a lua já principia a espelhar-se, coaxam as rãs; a viração cicia nas ramas do pomar; zumbem os insetos, espanejando-se ao frescor da tardinha. As duas cândidas meninas, enleadas na poesia do quadro, realçam-no e completam-no.

Ouçamos a música daqueles serafins.

Dizia Teodora:

— Se me eu pilhasse fora daqui!... Nestas tardes tão bonitas, havia de ser tão bom andar eu a passear com o meu Afonso!... Queimado morra o meu tutor e mais o filho! Se não fôsse aquêlê bruto, não estava eu engradada! Ó Libana, tu não farás com que nos escapemos dêste inferno! Olha... lá está a madre porteira a espreatar-nos da grade do canto!...

Libana voltou desabridamente as costas à madre porteira, e acudiu nestes têrmos aos anelantes desejos da sua amiga:

— Olha, Loló, não te zangues. A gente, afinal, há de sair daqui muito a tempo de gozar a vida. Se não formos tôlas, podemos ir gozando mais do que temos feito. Queres tu saber o que me diz o meu Alfredo? Queres ver quanto êle me ama? que sacrifício quere fazer por amor de mim? Olha, eu não quis dizer-te o que me êle pediu na carta de hoje, com mêdo que tu me aconselhasses a não ceder; mas cedo, filha, cedo, que a paixão não tem leis. Pede-me para vir ser minha criada.

— Tua criada! — exclamou Teodora.

— Minha criada! Pois então? — replicou Libana abaixando o tom de voz, abafada pelo frouxo do riso. — Não há nada mais fácil. O meu Alfredo tem cara de mulher, e não tem ainda barba. Diz êle que se veste à moda das raparigas da minha terra, que me procura com uma carta fingida de minha mãe a pedir-me que receba a portadora como criada; cá no convento ninguém pode impedir-me que eu a receba; a gente há de ter todo o cuidado que se não descubra o lôgro; e... tu... que me dizes, Loló?

Teodora acudiu com o rosto chamejante de alegria:

— Olha lá, Lili, o meu Afonso também tem cara de mulher, pois não tem?!... Se êle viesse também para minha criada era tão bom!

— O pior é que êle é conhecido, por ter cá vindo muitas vêzes — observou Libana. — O meu Alfredo é que só veio aqui no princípio uma vez, e ninguém o conhece... Não vamos nós botar tudo a perder, Loló!

— Que pena! — exclamou a morgadinha com os olhos no céu e a mão direita sôbre o coração latejante. — Que pena que o meu Afonso não venha também para cá!... Ó Libaninha, vê se inventas alguma cousa, senão a tua amiga morre de tristeza!...

E, dizendo, escondeu o rosto, aljofrado de quatro lágrimas, no seio da amiga.

Que lágrimas! Donde veio ou para onde foi o anjo da inocência, quando um peito virgem tem daquelas lágrimas, e uns olhos, que ainda não viram os hediondos espetáculos da farsa do mundo, podem chorá-las!

Fechou-se a noite. Já a sinêta havia chamado as duas meninas rebeldes ao primeiro e segundo aviso. Ergueram-se, deram-se o braço, e foram, na cela de Teodora, continuar o recendente colóquio do jardim.

Teodora, a não poder ser feliz, exultava com as venturas da sua amiga. Animou-a à temeridade de receber o atrevido rapazola de Trás-os-Montes, idólatra dum personagem de romance, único que em sua vida lera, o *Lovelace*,\* de quem se propunha imitar o

\* Personagem de um romance de Richardson (1689-1761). Lovelace é o tipo do libertino, temerário e galante.

entrajamento de mulher. O tolo! Ainda bem que as asneiras, copiadas dos romances, costumam ter, na vida real, umas saídas muito desgraçadas ou irrisórias! Ainda bem, para desdouro dos livros desmoralizadores, e luzimento doutros livros de sã moral, que só fazem mal ao publicador que os não vende.

Êste Alfredo, que vivia oculto nas cercanias de Braga, aplaudido por Libana em seu projeto foi à sua terra preparar os vestidos, e ensaiar-se em trejeitos mulheris.

Libana tinha uns irmãos, oriundos do mesmo tronco de pai e mãe, os quais, pelos modos, não tinham de que espantar-se do descomedimento e desatino da filha e irmã; donde vinha o serem êles grandemente avelhacados, astutos, e espiões das tramóias de Alfredo.

A vila era pequena e de soalheiro. Correu logo por algumas bôcas, até aos ouvidos dos interessados, o estar-se fazendo roupinhas e saiotas, outros atafais de mulher, afeiçoados ao corpo de Alfredo. Sem detença, um dos irmãos de Libana saiu para Braga; o outro ficou de atalaia aos movimentos do imitador de Lovelace. O que se escondera em Braga foi avisado a tempo que Alfredo vinha de jornada. Uma engenhosa combinação com as autoridades lançou a rêde tão a ponto que o infeliz foi capturado na portaria das Ursulinas, vestido de camponesa transmontana, e dali, entre baionetas, e escoltado de rapazio, percorreu tôdas as estações judiciárias desde o regedor até às carícias do carcereiro.

As religiosas, cõscias do escândalo, requereram ao prelado bracarensa a expulsão da reclusa que desonrava o convento e contaminava de sua desmoralização as outras meninas. Foi, portanto, Libana entregue a seu irmão, que a levou para casa. Esperava-se geralmente que esta donzela, agourada para extremados desastres, tivesse um fim de exemplo a mulheres desgarradas do trilho da virtude. Os prognósticos da opinião pública erraram, como se há de ver num futuro livro.

A gente não sabe ainda bem como êste mundo está feito.

## CAPITULO VI

O ESCÂNDALO, que felizmente abortou à portaria do convento, pôs de sobre-rola os pais de família, que tinham meninas a educar nas Ursulinas, e deu às insones freiras um sexto sentido de observação. Dentro do mosteiro reinava a opinião de que Teodora tinha bastante capacidade para tomar criada, conforme o gorado sistema de Libana. Além disto, depois da expulsão da transmontana, a morgadinha, em vez de quebrar de orgulho e reportar-se, enfuriou-se mais, e saía com invectivas e chacotas às freiras velhas, clamando a vozes descompostas que a mandassem embora, se lhes não servia assim. A comunidade ofendida e esgotada de paciência, consultado o tutor da educanda, assumiu o uso ou o abuso dos antigos poderes monásticos

e encerrou-a no seu quarto, com ameaças de a fecharem no tronco. Teodora esmoreceu diante da força mista das freiras e dos padres capelães, que prometiam suprir com o pulso a ineficácia da eloquência persuasiva.

Vagamente informado da situação da sua amada, Afonso de Teive foi à portaria do convento, no heróico propósito de ir arrancar a vítima de sobre as asas da teocracia despótica. A porteira, senhora de óculos e de muita virtude, ofereceu peito de mártir às injúrias ímpias do acriançado amante. Porém, como quer que o acaso ali encaminhasse um menos mau improviso contra os conventos, o cabo, com as mãos atadas na cabeça, correu ao regedor, e este acudiu no supremo lance, já quando o alucinado aluno de retórica estrondeava na porta valentes murros, chamando Teodora a clamorosos gritos.

Travado pelos braços pujantes das autoridades, Afonso não pôde resistir à surpresa do assalto. Escabujou e esbravejou enquanto as forças da raiva o aqueceram; afinal caiu exânime nos braços da lei, balbuciando ainda "Teodora!" Estava a instaurar-se-lhe processo, quando a fidalga de Ruivães chegou a desfazer com a sua respeitável presença, e auxílio dos mais importantes cavalheiros de Braga, a criminalidade pueril do filho.

Afonso, levado por sua mãe, foi para casa, deliberado a deixar-se morrer. Caiu de cama, e tresvariou em febres de mau caráter. Todavia, os cuidados maternos, cooperados pela robusta natureza dos dezasseis anos, salvaram-no. Os olhos, durante a morosa convalescença, choraram-lhe de contínuo; os sonhos eram-lhe ainda suplícios de que despertava em brados e soluços; não obstante, a cura do amor que chora, é certa: ferida de coração, onde possa chegar o agro e adstringente de uma lágrima, cicatriza cedo ou tarde. Amôres incuráveis são os que desabafam em rancorosas explosões.

A parentela do ilustre pimpolho, alvorotada pelas lástimas da fidalga, reuniu-se em conselho, e alvidrara que Afonso de Teive fôsse completar os estudos preparatórios em Lisboa, hospedando-se em casa dum seu tio desembargador. O moço obedeceu às exortações e rogos de sua mãe, depois que a extremosa senhora lhe prometeu e asseverou que, a despeito de tudo e de todos, Teodora, no prazo de um ano, seria sua espôsa.

Os parentes embicaram, resmoneando que o morgadio da Fervença o era só em nome, sem vínculo, nem fôro em ascendente conhecido. Contra estas razões se insurgiu Afonso em têrmos que feriam a ilustração democrática dum botequineiro antes de ser cavaleiro do hábito de Cristo. A fidalga, mais ufana de proceder do tronco dos primitivos cristãos, iguais entre si e iguais ante Deus, que vaidosa de aparentar-se com os Pinheiros de Barcelos, e os Correias e Lacerdas da Honra de Farelães, votou com seu filho, dizendo "que na casa de Ruivães sobejava a fidalguia e faltava a felicidade".

Foi Afonso para Lisboa com o capelão. O tio desembargador gasalhou-o nos braços, e as primas, filhas do bondoso magistrado, à míngua dum irmão, começaram logo a dizer que Deus lhes dera um, e, como tal, o não deixariam voltar mais, sem elas, à província.

Pouco montam tantas carícias para o contentamento de Afonso. Ralam-no saudades, emagrecem-no os jejuns, amarelece-o a tristeza. Nas aulas é um autômato que ri por comprazer, e vai sem saber que vai para onde o impelem; em casa com as primas é um aborrecido, que nem ao menos as acha bonitas, nem cisma sequer em adivinhar as charadas métricas e logogrifos figurados, em que tôdas são exímias, e sobremodo impertinentes.

A senhora de Ruivães recebe de todos os correios instantes cartas de Afonso acelerando as diligências para o casamento. A consternada mãe já por terceiras pessoas mandou sondar as dificuldades que importa combater. De Braga dizem-lhe que Teodora já saiu do encerramento da cela, e tem o convento todo por homenagem, salvo o palatário e a cêrca. Ajuntam as informações que o tutor da morgada freqüenta semanalmente o convento, e algumas vêzes vai com êle um filho, rapaz de figura absurda, com uma gravata vermelha, capaz de seduzir uma nação de pretos, e uma casaca arqueológica, de cabeção tão copioso que parecia enrolar um capote.

A descrição poderia ser acoimada de desgraciosa; mas de hipérbole não.

Este sujeito chama-se Eleutério Romão dos Santos, por ser filho de Eleutéria Joaquina, e de Romão dos Santos, tutor de Teodora, lavrador abastado, vizinho do mosteiro de Tibães.

Eleutério tem vinte e dous anos; quis aprender a ler com seu tio padre Hilário; mas a natureza opôs-se-lhe, logo que êle, após um ano de canseira, entrou a soletrar palavras de três sílabas. Vencido pela natureza, padre Hilário desistiu, visto que lhe era vedado arejar o cérebro do sobrinho por uma fresta aberta a machado.

O filho único de Romão dos Santos recebeu em upas de alegria a notícia da sua incapacidade para soletrar nomes de três sílabas. No dia seguinte, o pai mandou-o à feira dos nove com uma junta de bois. O rapaz efetuou a venda dos bois com tamanha astúcia e vantagem que logo dali se deu a conhecer a sua vocação. Uma segunda mercancia robusteceu-lhe o crédito, que outras vieram confirmando, até que Romão deu ordem ilimitada de dinheiro a Eleutério para poder negociar em bezerros e vitelas.

Estava o rapaz neste auge de glorificação própria, e inveja dos vizinhos, quando faleceu a mãe de Teodora. A órfã, apenas sua mãe cerrou olhos, foi conduzida para casa de Romão, seu tio paterno. A criança ia lagrimosa e carecida de meiguices e consolações de alguma senhora, que lhe falasse a linguagem polida à qual estava afeita. Em casa de Romão havia somente a Sr.<sup>a</sup> Eleutéria Joaquina, criatura chã, que, a cada solução da sobrinha, dizia quase sempre:

— Não chores, pequena; que a morte é portelo que todos temos de passar.

E, para não dizer sempre o mesmo, variava dêste teor:

— Isto, como o outro que diz, é hoje tu, amanhã eu.

Eleutério, porém, menos versado em lugares-comuns de pêsames aldeãos, querendo consolar sua prima, tirou estas palavras do peito:

— Senhora prima, olhe que o chorar faz mal às meninas-dos-olhos. Deixe-se de estar a suspirar, que não lhe dá remédio. Agora o mais acertado é divertir-se pelas feiras. Vem aí a de Vila Nova de Famalicão, onde eu levo vinte e duas juntas de bezeros. Se a senhora prima quiser, vamos comprar de meias algum gado, e deixe cá isso à minha vigilância, que eu, dentro dum ano, prometo dar-lhe dinheiro de ganho com que há de comprar um grillhão de duzentos mil-réis, e umas arreçadas de lhe chegarem aos ombros. O mais quem morreu morreu, é ditado dos velhos.

— Quem morreu é rezar-lhe por alma — atalhou com má gramática, mas com piedosa intenção, o tio Padre Hilário.

Teodora estava a rebentar de raiva, quando Eleutério recolheu ao bucho das cruas sandices outras muitas que já lhe ferviam nos gorgomilos.

Aí está uma amostra de Eleutério Romão dos Santos.

O conselho de família deliberou o ingresso da órfã nas Ursulinas. A menina acolheu agradavelmente a notícia, por se desentalar assim da opressão do primo alvar, e da tia, mais boçal do que racionalmente se deve permitir à bondade de uma pessoa qualquer.

Logo que a mãe de Teodora morreu, o tio, que lhe conhecia o valor dos bens, lançou contas ao futuro; e deu como realizável um casamento, que vinha a ligar as duas casas maiores da freguesia. Custou-lhe a ceder que a pupila se lhe distanciasse de casa; mas os votos dos outros membros venceram, fundados na precisão de educar a menina, que fôra criada com mestras, e de todo estranha à vida agrícola.

Entretanto, Romão predispôs o filho a cuidar seriamente no bonito arranjo, que lhe saía a talho de fouce: estilo figurado e pitoresco em que são inventivos os nossos camponeses, e em que Romão primava sempre que tinha entre mãos algum bonito arranjo, o qual vinha a ser sempre um arranjo feio para o próximo.

Eleutério, ao princípio, disse que a prima lhe parecia um arenque. Fundava o desdenhoso a sua crítica na magreza delicada e cortesã de Teodora. Entre galãs da estôfa de Eleutério, mulher de encher ôlho queria-se vermelhaça, alta de peitos, ancha de quadris, roliça e grossa de pulsos, com os queixos túmidos de gargalhadas estrídulas, e as facécias equívocas, e os estribilhos patuscos sempre engatilhados nos beijos grossos e oleáceos. Teodora era o invés de tudo isto.

Faz pena vir aqui a ponto o descrevê-la, quando o contraste lhe fica tão de perto.

Teodora, aos dezasseis anos, era um modêlo acabado de formosura,

como raras se vos deparam nas raças patricias, que o concurso de circunstâncias, umas espirituais, outras fisiológicas, aprimoraram. A palidez era nela o principal característico das belezas de eleição, à escolha de olhos onde parece que os nervos óticos vêm da alma, e não do cérebro, a tecerem a retina. A mulher pálida é a que vem cantada em poemas e estremada em romances: ora, quando a poesia e prosa conspiram a dar a realeza do amar e padecer à mulher pálida, havemos de curvar-lhe o joelho, na certeza de que ela se fará amante e mártir, por amor do poema e do romance, ainda mesmo que a natureza lhe tenha temperado o coração de aço. Pode ser que semelhante cláusula, no decurso dêste livro, acuda à retentiva do leitor.

Relumbravam no alvor das faces de Teodora olhos negros, não vivos, antes mórbidos, como se a queda das longas pálpebras, iriadas de veias azuladas, lhes vedasse o raio de luz em cheio que rebrilha, aquece, e regira os globos visuais. Do nariz diremos que, nesta feição, a mais rebelde aos desvelos da natureza, tão extremada se mostrara ela, que bastante lhe fôra aquela perfeição para desmentir os que a tacham de desprimorosa. Em lábios, não sei se me valha das figuras antigas — rosas e corais, romãs e carmim — se me avenha com esta verdade pronta e fluentíssima que dum traço copia como o pincel, e dum frase exprime tudo, como em frases de Castilho: “era um ósculo perpétuo de inocência.” Como isto sai bem na música da expressão; e que belo seria o mundo, se as bôças formosas estivessem sempre absorvidas no ósculo perpétuo da inocência! Ó Teodora, se tu então morresses, o teu rosto, trasladado em marfim, ainda agora nos seria a imagem dos lábios nunca despregados do beijo dalgum anjo, resabiado ainda da voluptuosidade dos anjos mal-avindos com o candor celestial. Mas tu cresceste, e deformaste-te, ó crisálida! A tua essência do céu vaporou para lá no alar-se de alguma virgem, irmã tua, que o Senhor chamou na antemanhã do primeiro dia nebuloso de sua vida; e o que de ti ficou foi a formosura e a desgraça da mulher.

Mas, afora a essência pura do céu, que esbelta, que peregrina mulher cá se ficou a ostentar as galas mundanas, êsse opulento nada que desaba do altar da nossa idolatria a um roer surdo de vermes e podridão!

Esta última palavra tolhe-me de continuar a descrever Teodora. Esmoreceram-me os espíritos. Caí da minha fantasia na lagoa fétida da verdade. Achei-me como às margens dum sepultura regélida do gear de uma noite de dezembro. Parou-me o sangue no pulso, inteiriçaram-se-me os dedos e a pena desprende-se. Assobia o nordeste pelas arestas dos jazigos, e remexe e sacode de sôbre esta pedra umas coroas úmidas de orvalho, cristalizado em lágrimas; são coroas de perpétuas sagradas à formosura, que se julgou imorredoura, à sexta hora do seu breve dia. Lá vão as coroas no bulcão do vento; lá vão esgalhadas as frondes do chorão e do cipreste; lá vai tudo;

a memória dos vivos lá se foge também desta sepultura: tudo foi; só tu ficaste, ó Cruz!

### CAPÍTULO VII

BELEZA ABSOLUTA, de telhas abaixo, há uma só, que é a da mulher formosa; e, na variada manifestação de beleza em diversidade de tipos, há uma superior formosura, que constitui o belo universal, o belo que prende e leva todos os olhos. A mulher, assim dotada, tanto impressiona o espírito educado na visão e admiração das maravilhas da natureza e arte, como o espírito desculto de toda a compostura e discernimento. Dá-se o exemplo desta cousa formulada em tese abstrusa na embriagadora influência dos olhos de Teodora no ânimo selvagem de Eleutério. A menina de catorze anos, que o lerdo vaqueiro comparava a um arenque, apareceu-lhe aos dezasseis na grade do convento e atordoou-o. O môço, querendo exprimir ao pai a sensação recebida naquela hora, disse com expansiva naturalidade:

— Quando ela me espetava os olhos, havia de dizer que a minha alma estava fora do corpo! Eu queria dizer-lhe alguma cousa, e a língua grudava-se-me ao céu da bôca. Quem me dera ser rei, e que ela fôsse uma pastora de cabras!

Se a linguagem fôsse mais joeirada de plebeísmos, a concisão da idéia poderia atribuir-se a Shakespeare. A mais cristalina água é a que rebenta de penhascos ermos: assim, de espíritos selváticos, ressaltam por vêzes umas idéias límpidas, duma sensibilidade original, que faz pensar.

Romão ficou contente da resposta, decorou-a, e assim a pespegou a Teodora. A menina, vezada à linguagem mais florida ou mais delicada de Afonso, riu interiormente dos têrmos rústicos do primo, e de fora compôs o gesto para fingir que o não entendera. O tutor, porém, instintivo avaliador do capital do tempo, sem saber que os economistas ingleses chamavam ao tempo capital, repetiu, já dilucidando-as, as palavras de Eleutério, aproando o discurso ao ditoso remanso do casamento, que êle, na sua locução figurativa, denominava um *lindo arranjo*.

A morgadinha ouviu ansiada o tio, e respondeu com um ataque de nervos, que era já o terceiro que a insultava; simpática doença em meninas pálidas, se é o amor contrariado que lhes desmancha o aparelho nervoso. Teodora soluçava agudos gemidos, que iam reboando pelos dormitórios. Acudiram algumas freiras, e transferiram-na à sua cela. A prelada foi à grade averiguar do acidente, e saiu convencida de que a órfã era uma douda a quem Libana, de impudica memória, ensinara a fingir ataques nervosos. Romão dos Santos saíra do convento no propósito de consultar um egresso do Carmo sobre os trejeitos e feitios que vira em sua sobrinha, para aplicar-se-lhe a reza purgativa de demônios, se o frade entendesse

que ela os tinha no corpo. O zeloso e invencível demonífugo foi ao convento, avistou-se com a suspeita energúmena, mandou às freiras que depusessem acerca das malfetorias atribuídas ao espírito imundo, e retirou-se capacitado de que a morgada da Fervença estava possessa duma legião de travessos e intrigantes diabinhos que usam, contra todo o natural, aninhar-se entre religiosas, não as poupando mesmo, quando elas tomassem o expediente salvador do conhecido galego da fábula de Almeida Garrett.\* Era ilustrado o egresso.

No entretanto, soubera Teodora que Afonso de Teive fôra para Lisboa. Esta partida azedou-lhe a vaidade, sem embargo de ter sabido a destemperada arremetida que êle fizera contra a porteira, e as vergonhas e trabalhos que lhe ia custando ao pobre môço aquela façanha. Porém, ninguém lhe dissera que dores o puseram à borda da sepultura, que saudades o crucificavam em Lisboa e que vãs solicitações fazia à mãe de Afonso para assegurar à filha da sua defunta amiga a certa realização do casamento.

Sobreveio ao despeito o enôjo crescente, que mortificava a reclusa, sempre espiada e perseguida de velhas conselheiras, que tomaram à sua conta salvá-la. Ao despeito e ao enôjo, acresceu o visitá-la com mais freqüência, e um pouco melhorado de figura, seu primo Eleutério. Dantes, a cabeça exterior do môço era hórrida, toda escadeada de tesoura hábil em tosquiar reses, tufada de grenhas, com umas repas caracoladas sobre as orelhas, e aquêle todo lustroso de azeite. Depois, apareceu Eleutério com o cabelo cortado à escovinha, e os caracóis banidos. Depôs a casaca no gavetão-museu da família, e envergou uma judia, como se usava então, com matizes e florões nas costas, e borlas de apertar no pescoço. A pantalonina continuava-se em polaina até à ponta do pé, e abotoava sobre meio palmo do artelho com botões de madrepérola. Além disto, o pai deu-lhe o relógio avoengo, que, no continente e conteúdo de caixas sobrepostas, parecia a baixela duma família, desde a tina do banho até à bacia do lavatório. Os berloques dêste tesouro, que não regulava há quarenta anos, eram placas de diferentes pedras, e sinêtes periformes de tal tamanho, que pareciam armas de defesa.

Teodora custou-lhe a reconhecer o primo Eleutério, afora mãos e pés, que nenhuns outros podiam confundir-se com os dêle, a despeito mesmo das torturas em que os trazia entalados. O rapaz tinha conquistado de sua prima uma admiração comparativa: era já grande salto dado para dentro do coração da menina.

Li em algures, e estou convencido duma verdade que soa como paradoxo; e é que o espírito de cada pessoa tem muito que ver com o modo como ela está entrajada. A intelectualidade apouca-se e confrange-se quando o sujeito se olha em si, e se desgosta da composição dos seus vestidos. O desaire do espírito como que se identifica

\* Alusão à fábula "O Galego e o Diabo", onde um galego evita que o Diabo lhe entre no corpo, pondo o traseiro de mólho na pia da água benta.

Cesário Verde (1855-1886)

## DE TARDE

Naquele pic-nic de burguesas,  
Houve uma coisa simplesmente bela,  
E que, sem ter história nem grandezas,  
Em todo o caso dava uma aguarela.

Foi quando tu, descendo do burrico,  
Foste colher, sem imposturas tolas,  
A um granzoal azul de grão-de-bico  
Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima duns penhascos,  
Nós acampamos, inda o Sol se via;  
E houve talhadas de melão, damascos,  
E pão-de-ló molhado em malvasia

Mas, todo púrpuro a sair da renda  
Dos teus dois selos como duas rolas,  
Era o supremo encanto da merenda  
O ramalhete rubro das papoulas!

## NUM BAIRRO MODERNO

Dez horas da manhã; os transparentes  
Matizam uma casa apalaçada;  
Pelos jardins estancam-se as nascentes,  
E fere a vista, com brancuras quentes,  
A larga rua macadamizada.

*Rez-de-chaussée* repousam sossegados,  
Abriram-se, nalguns, as persianas,  
E dum ou doutro, em quartos estucados,  
Ou entre a rama dos papéis pintados,  
Reluzem, num almoço, as porcelanas.

## A Manuel Ribeiro

Como é saudável ter o seu conchego,  
E a sua vida fácil! Eu descia,  
Sem muita pressa, para o meu emprego,  
Aonde agora quase sempre chego  
Com as tonturas dum a apoplexia.

E rota, pequenina, azafamada,  
Notei de costas uma rapariga,  
Que no xadrez marmóreo dum a escada,  
Como um retalho de horta aglomerada,  
Pousara, ajoelhando, a sua giga.

(3)

(1)

(4)

(2)

- (5) E eu, apesar do sol, examinei-a:  
Pôs-se de pé; ressoam-lhe os tamancos;  
E abre-se-lhe o algodão azul da meia.  
E ela se curva, esguedelhada, feia,  
E pendurando os seus bracinhos brancos.
- (6) Do patamar responde-lhe um criado:  
“Se te convém, despacha; não converses.  
Eu não dou mais.” E muito descansado,  
Atira um cobre lívido, oxidado,  
Que vem bater nas faces duns alperces.
- (7) Subitamente - que visão de artista! -  
Se eu transformasse os simples vegetais,  
À luz do Sol, o intenso colorista,  
Num ser humano que se mova e exista  
Cheio de belas proporções carnaís?!
- (8) Bóiam aromas, fumos de cozinha;  
Com o cabaz às costas, e vergando,  
Sobem padeiros, claros de farinha;  
E às portas, uma ou outra campainha  
Toca frenética, de vez em quando.
- (9) E eu recompunha, por anatomia,  
Um novo corpo orgânico, aos bocados.  
Achava os tons e as formas. Descobria  
Uma cabeça numa melancia,  
E nuns repolhos seios injetados.
- (10) As azeitonas, que nos dão o azeite,  
Negras e unidas, entre verdes folhos,  
São tranças dum cabelo que se ajeite;  
E os nabos - ossos nus, da cor do leite,  
E os cachos de uvas - os rosários de olhos.
- (11) Há colos, ombros, bocas, um semblante  
Nas posições de certos frutos. E entre  
As hortaliças, tímido, fragrante,  
Como dalguem que tudo aquilo jante,  
Surge um melão, que me lembrou um ventre.
- (12) E, como um feto, enfim, que se dilate,  
VÍ nos legumes carnes tentadoras,  
Sangue na ginja vívida, escarlate,  
Bons corações pulsando no tomate  
E dedos hirtos, rubros, nas cenouras.
- (13) O Sol dourava o céu. E a regateira,  
Como vendera a sua fresca alface  
E dera o ramo de hortelã que cheira,  
Voltando-se, gritou-me, prazenteira:  
“Não passa mais ninguém!...Se me ajudasse?!...”
- (14) Eu acerquei-me dela. sem desprezo;  
E, pelas duas asas a quebrar,  
Nós levantamos todo aquele peso  
Que ao chão de pedra resistia preso,  
Com um enorme esforço muscular.
- (15) “Muito obrigada! Deus lhe dê saúde!”  
E recebi, naquela despedida,  
As forças, a alegria, a plenitude,  
Que brotam dum excesso de virtude  
Ou duma digestão desconhecida.
- (16) E enquanto sigo para o lado oposto,  
E ao longe rodam umas carruagens,  
A pobre, afasta-se, ao calor de Agosto,  
Descolorida nas maçãs do rosto,  
E sem quadris na saia de ramagens.
- (17) Um pequerrucho rega a trepadeira  
Duma janela azul; e, com o ralo  
Do regador, parece que joeira  
Ou que borriфа estrelas; e a poeira  
Que eleva nuvens alvas a incensá-lo.
- (18) Chegam do gigo emanações sadias, (18)  
Oíço um canário - que infantil chilrada! -  
Lidam *ménages* entre as gelosias,  
E o sol estende, pelas frontarias,  
Seus raios de laranja destilada.
- (19) E pitoresca e audaz, na sua chita,  
O peito erguido, os pulsos nas ilhargas,  
Duma desgraça alegre que me incita,  
Ela apregoa, magra, enfezadita,  
As suas couves repolhudas, largas.
- (20) E, como as grossas pernas dum gigante,  
Sem tronco, mas atléticas, inteiras,  
Carregam sobre a pobre caminhante,  
Sobre a verdura rústica. abundante.  
Duas frugais abóboras carneiras.

Uma estética da atenuação:  
leitura intratextual de *Eça de Queirós*.

Marlise Vaz Bridi

O Crime do Padre Amaro<sup>1</sup>

1. " [...] sentiu atrás passos rápidos, uma voz cantarolando. Voltou-se e n'um susto, n'um estremeção, n'um frio de espinha - reconheceu o escrevente com seu chale-manta claro! Santo Deus! E não podia voltar, encontra-se com elle de frente; não podia saltar para os lados da estrada, que era alli d'altos aterros, abruptos. Tinha de continuar direito pela estrada. Se fugisse? Mas o escrevente era destemido; reconhecera-o de certo e, desconfiado já, perseguil-o-ia, luctariam, e elle tinha alli, sob o capote, encostada ao peito, a creança embrulhada n'um chale!" 1ª versão<sup>2</sup>

" [...] sentiu atrás de si passos rápidos. Voltou-se. E num terror, numa estremeção, num frio de espinha, reconheceu João Eduardo com seu chale-manta claro. Santo Deus! E não podia voltar, encontrar-se-ia com ele de frente; não podia saltar para os lados da estrada, que era ali de altos aterros abruptos. Tinha de continuar direito pela estrada. Se fugisse? Mas o escrevente era destemido, já o seguira outra noite, reconhecera-o decerto, e, desconfiado já, perseguil-o-ia, lutariam, ele tinha ali, sob o capote, encostada ao peito, uma criança embrulhada num chale!" 2ª versão<sup>3</sup>

2. "Estava como um animal instintivo. Tinha medo! medo! um medo physico, bestial, vil." 1ª versão<sup>4</sup>

"Agachou-se, e ficou exausto, inerte, ofegando, todo crispado, como um animal perseguido." p. 2ª versão<sup>5</sup>

3. "A criança já não chorava; apalpou-a por baixo do chale, pareceu-lhe morna, como uma carne que vai morrer. Se estivesse morta! Baixou o rosto, desembrulhou-a mais: sentiu um gemido fraco, como o agudo chiar de um rato. Vivia. E então de repente, sem razão, como um trovão que estala, veio-lhe um a ideia: matá-lo! Matá-lo ali! Não raciocinava, não calculava. Sentia só aquela ideia, com uma fixidez dentro da cabeça, que quasi lhe fazia uma dor - matá-lo! Era o fim de

<sup>1</sup> QUEIROZ, Eça de. *O Crime do Padre Amaro*. Edição Crítica baseada nas versões de 1875, 1876, 1880. 2 v. Porto, Lello & Irmãos, 1964. Todas as citações do texto em questão foram retiradas dessa edição.

<sup>2</sup> IDEM, *Ibidem*, pp. 429-430.

<sup>3</sup> IDEM, *Ibidem*, p.415.

<sup>4</sup> IDEM, *Ibidem*, p.433.

<sup>5</sup> IDEM, *Ibidem*, p.418.



tudo! Acabavam os sustos, os perigos, as denúncias, as angústias! E veio-lhe um **egoísmo terrível, bestial**. Aquela criança seria para ele um perigo, o mal, a desonra, o pecado, o crime, a ignomínia. E tinha medo - um medo físico, vil; medo que o descobrissem, que o acusassem ao chantre, que lhe voltassem as costas na rua, que o metessem numa enxovia, que o degradassem tiritando de febre no fundo de um porão. Estas ideias vinham-lhe às pontadas, **como ferraduras de animais**. A perseguição de João Eduardo pusera-lhe no sangue um medo febril. Aquela criança parecia-lhe uma coisa odiosa, que vinha para o acusar, para o caluniar, para o esfomear, para o matar! Tinha **vontade de a esganar com as mãos**. Olhou em redor; havia um pequeno canavial, que ramalhava ao vento, e a fria água reluzia vagamente ao pé." 2ª versão<sup>6</sup>

4. "Abaixou-se, poz a creança no chão; abriu-lhe o chale; os pannos brancos destacavam-se da terra escura; tomou uma pedra, que ali estava, grande, musgosa, humida, pesada; pô-la ao lado da creança; tornou a entrouxar tudo n'um fardo pesado, apertado, atado, submersivo. Pareceu-lhe gemer baixinho a creança, o filho. A agoa escura, vagamente lúsidia estava ali. Umas canas curvadas arrastavam n'agua que as fazia vibrar. E Amaro crispado, com o arquejar sêco, os dentes que lhe rangiam, deixou cair o embrulho. Aquilo fez **pchah!** E a serena agoa correu. Então positivamente sentiu passos, ruidos, movimentos. Deitou a correr, febrilmente, covardemente." 1ª versão<sup>7</sup>

"Abaixou-se, pôs a criança no chão, abriu o chale; as faixas brancas, uma toalha em que tinham embrulhado, destacavam na terra escura. Ergueu-se hirto, com os cabelos eriçados. A criança gemia. De repente abaixou-se, tomou um pedregulho, pô-lo sobre criança, entrouxou tudo num embrulho apertado, agarrou-o convulsivamente, atirou-o à água. Aquilo fez **pchah!** umas rãs saltaram assustadas. Amaro ficou imóvel, gelado, fitando o rio. Agachou-se a escutar, debruçou-se mais sobre a água, e instintivamente mergulhou a mão. A frialdade fê-lo estremecer, ergueu-se de um salto, olhou ao redor estúpidamente, e de repente deitou a correr ao comprido do rio."p. 2ª versão<sup>8</sup>

5. "Amaro sentia nos braços uma coisa molle, embrulhada, que gemia baixinho. Deitou a correr pelo terraço; achou-se na estrada!

Mas então o contacto d'aquella creança, do seu filho, perturbou-lhe as suas idéas, tão arranjadas, tão firmes!

<sup>6</sup> IDEM, *Ibidem*, pp.420-423 (todos os grifos são meus) .

<sup>7</sup> IDEM, *Ibidem*, pp.433-434.

<sup>8</sup> IDEM, *Ibidem*, pp.423-424.

Deixal-o á porta d'um casal! Abandonal-o! Perdél-o! Se os cães o mordessem! Se o frio o matasse! Se não houvissem! Se a criança, gemendo toda a noute, morresse, como um bicho, só, arrefecido, hirtó! E pô-lo nos campos, na humidade da herva! Abandonal-o! Havia frio! Mas não podia voltar. Dyonisia não tinha leite!" 1ª versão<sup>9</sup>

"Amaro sentia nos braços uma coisa mole, embrulhada, que gemia baixinho. Deitou a correr pelo terraço, e achou-se na estrada.

Mas então o contacto daquela criança, do seu filho, perturbou-lhe as ideias tão arranjadas, tão firmes. Deixá-lo á porta de um casal! Abandoná-lo! Perde-lo! Se os cães o mordessem! Se o frio o matasse! Se não ouvissem! Se a criança, gemendo toda a noite, morresse, como um bicho, só, arrefecido, e hirtó! E pô-lo nos campos, na humidade da erva! Abandoná-lo! Por aquele frio!

Mas que havia de fazer? Dyonisia não tinha leite!" 2ª versão<sup>10</sup>

6. "Então o contacto do seu filho, contra o seu peito, desmanchou como um vendaval todas as ideias de Amaro. O quê! ir dá-lo àquela mulher, à tecedeira de anjos, que na estrada o atiraria a algum valado, ou em casa o arremessaria à latrina? Ah, não, era o seu filho!

Mas que fazer, então? Não tinha tempo de correr aos Poiais e acordar a outra ama... A Dyonisia não tinha leite..." 3ª versão<sup>11</sup>

"De dentro do embrulho saiu um gemido. Correu então para o casebre - quase esbarrou com a Carlota, que se apoderou logo da criança.

- Aí está, disse ele. Mas ouça lá. Isto agora é sério. Agora é outra coisa. Olhe que o não quero morto... É para o tratar. O que se passou não vale... É para o criar! É para viver. Você tem a sua fortuna... Trate dele!..." 3ª versão<sup>12</sup>

7. "[...]Mas não podia leval-o para a cidade, dizer claramente "Aqui está, é meu filho!" Não podia! não podia! [...]Não podia! Era padre! padre! condenado, maldito, celibatario! Seria o sacrilegio, a excomunhão da igreja, a prisão, a grilheta!" 1ª versão<sup>13</sup>

"[...]Não podia levá-lo para a cidade, dizer claramente - "Aqui está, é meu filho!" [...] Mas não podia, era padre!

<sup>9</sup> IDEM, *Ibidem*, pp.425-426.

<sup>10</sup> IDEM, *Ibidem*, p.413.

<sup>11</sup> IDEM, *Ibidem*, pp.412-413.

<sup>12</sup> IDEM, *Ibidem*, p.413.

<sup>13</sup> IDEM, *Ibidem*, pp.426-428.

condenado, maldito, celibatário! Seria o sacrilégio, a excomunhão da igreja, a prisão, a grilheta!" 2ª versão<sup>14</sup>

"[...]Não o podia levar para a cidade...[...]Mas que, era padre! Maldita fosse a religião que assim o esmagava!" 3ª versão<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> IDEM, *Ibidem*, pp.413-414.

<sup>15</sup> IDEM, *Ibidem*, p.413.



ÓLEO DE COLUMBANO. PINTADO EM 1889  
PELO GRANDE ARTISTA PORTUGUÊS E PERDIDO NUM NAUFRÁGIO

# EÇA DE QUEIRÓS

## OBRA COMPLETA

*Organização Geral, Introdução, Explicações Marginais e Apêndices de*  
JOÃO GASPAR SIMÕES  
*Fixação do texto de* HELENA CIDADE MOURA  
*Fixação Ortográfica de* JOAQUIM C. MARQUES

VOLUME II

FICÇÃO

ROMANCE / NOVELA / CONTO



RIO DE JANEIRO, GB, COMPANHIA JOSÉ AGUILAR EDITORA, 1970

# OS MAIAS\*

## EPISÓDIOS DA VIDA ROMÂNTICA

### ANOTAÇÃO LIMINAR

EM CARTA de Bristol, de outubro de 1887, ao seu editor escreve Eça de Queirós: "*Je n'ai pas eu le temps de vous l'écrire et j'espère que vous n'avez pas encore commencé à faire brocher le 1<sup>er</sup> volume. D'abord je voudrai voir une épreuve de la capa — surtout parce que le roman a un sous-titre qui doit paraître dans la couverture.*" Ainda mais duas cartas, de dezembro de 1887 e de abril de 1888; na última destas cartas, de novo insiste: "*Il ne faut pas oublier que le roman a un sous-titre — épisodes da vida romântica.*"

Dez anos antes, em janeiro de 1878, Eça propusera, também ao seu editor,

como possível décima segunda novela da série a publicar, *Cenas da Vida Portuguesa*, um livro que teria como título, *Os Maias*.

Vemos nesta carta de 1888 a importância que Eça de Queirós dá ao subtítulo "episódios da vida romântica". Ele deveria enquadrar o novo romance num todo, que se processa durante estes dez anos, e de que *O Mandarim* e *A Relíquia* são marginais, na medida em que representam, como sugere Gaspar Simões em *Eça de Queirós — O Homem e o Artista*, um transbordar de fantasia do artista para fora dos moldes realistas que se tinha imposto. De fato, qualquer destas

\* De acordo com a primeira edição (1888).

o seu brilho de deusa pisando a Terra?... Não seria, por fim, aquela descoberta do Guimarães uma libertação providencial? Daí a anos Carlos estaria consolado, sereno como se nunca tivesse sofrido — e livre, e rico, com o largo mundo diante de si!

O relógio do café deu dez horas. “Bem, vamos a isto”, pensou Ega.

De nôvo a tipóia bateu para a Rua da Prata. O Sr. Vilaça ainda não viera, o escrevente estava realmente pensando que o Sr. Vilaça fôra ao Alfeite. E diante desta incerteza, de repente, Ega ficou de nôvo descoroçoado, sem coragem. Despediu a tipóia: com o embrulho do cofre na mão foi andando pela Rua do Ouro, depois até ao Rossio, parando distraidamente diante de um ourives, lendo aqui e além a capa de um livro na vitrina dos livreiros. Pouco a pouco o negrume da véspera, um momento adelgado, recaía-lhe na alma mais denso. Já não via as “libertações”, nem as “compensações”. Só sentia em tôrno de si, como flutuando no ar, aquê horror — Carlos a dormir com a irmã.

Voltou pela Rua da Prata, de nôvo subiu a suja escadaria de pedra; e logo no patamar, diante da porta de baeta verde, deu com o Vilaça, que saía, atarefado, calçando as luvas.

— Homem, até que enfim!

— Ah! era o amigo que me tinha procurado?... Pois tenha paciência, que está o Visconde de Torral à minha espera...

Ega quase o empurrou. Qual visconde!... Tratava-se de uma coisa muito urgente, muito séria! Mas o outro não se arredava da porta, acabando de calçar a luva, com o mesmo ar vivo de negócio e de pressa.

— O amigo bem vê... Está o homem à espera! É um *rendez-vous* para as onze!

Ega, já furioso, agarrou-lhe a manga, murmurou-lhe junto à face, trágicamente, que se tratava de Carlos, de um caso de vida ou de morte! Então o Vilaça, num grande espanto, atravessou bruscamente o escritório, fêz entrar Ega num cubículo ao lado, estreito como um corredor, com um canapé de palhinha, uma mesa onde os livros tinham pó, e um armário ao fundo. Fechou a porta, atirou o chapéu para a nuca:

— Então que é?

Ega, com um gesto, indicou fora o escrevente que podia escutar. O procurador abriu a porta, gritou ao rapazola que voasse ao Hotel Pelicano, pedir ao senhor Visconde do Torral a fineza de esperar meia hora... Depois, fechada a porta no ferrôlho, foi a mesma exclamação ansiosa:

— Então que é?

— É um horror, Vilaça, um grande horror... Nem eu sei por onde hei de começar.

Vilaça, já muito pálido, pousou lentamente o guarda-chuva sobre a mesa.

— É duelo?

— Não... É isto... Você sabia que o Carlos tinha relações com

uma Sra. Mac Gren, que veio o inverno passado a Portugal, ficou aí?...

Uma senhora brasileira, mulher de um brasileiro, que passara o verão nos Olivais?... Sim, Vilaça sabia. Falara até nisso com o Eusébiozinho.

— Ah, com o Eusébio?... Pois não é brasileira! É portuguesa, e é irmã dêle!

Vilaça caiu para o canapé, batendo as mãos num assombro.

— Irmã do Eusébio!

— Qual do Eusébio, homem!... Irmã de Carlos!

Vilaça ficara mudo, sem compreender, com os olhos terrivelmente arregalados para o outro, que se movia pelo cubículo, repetindo: “Irmã! irmã legítima!” Ega por fim sentou-se no canapé de palhinha; e baixo, muito baixo, apesar da solidão do escritório, contou o seu encontro com o Guimarães no sarau, e como a verdade terrível estalara casualmente, numa palavra, à esquina do Aliança... Mas quando falou dos papéis, entregues pela Monforte ao Guimarães, há tantos anos guardados, nunca reclamados, e que o democrata agora, tão de repente, tão urgentemente, queria restituir à família — Vilaça, até aí esmagado e como emparvecido, despertou, teve uma explosão:

— Aí há marosca! Tudo isso é para apanhar dinheiro!...

— Apanhar dinheiro! Quem?

— Quem!? — exclamou Vilaça de pé, arrebatadamente. — Essa senhora, êsse Guimarães, essa tropa!... É que o amigo não percebe! Se aparecer uma irmã do Maia, legítima e autêntica, são quatrocentos contos e pico que cabem à irmã do Maia!...

Então os dois ficaram-se devorando com os olhos, na forte impressão daquela idéia inesperada que, a seu pesar, abalava o Ega. Mas como o procurador, trêmulo, voltava à grande soma de quatrocentos contos, lembrava a “Companhia do Ôlho Vivo”, Ega terminou por encolher os ombros:

— Isso não tem verossimilhança nenhuma! Ela é incapaz, absolutamente incapaz, de semelhante intriga. Além disso, se é uma questão de dinheiro, que necessidade tinha de se fazer passar como irmã, desde que Carlos lhe prometera casar com ela?

Casar com ela! Vilaça erguia as mãos, não queria acreditar. O quê! o Sr. Carlos da Maia dar a sua mão, o seu nome, a essa criatura amigada com um brasileiro!... Santíssimo nome de Deus! E através do assombro, recrescia-lhe a desconfiança, via aí um nôvo feito do “Ôlho Vivo”.

— Não senhor, Vilaça, não senhor! — insistiu Ega, já impaciente. — Se a questão é de documentos e se ela os tinha, verdadeiros ou falsificados, apresentava-os logo, não ia primeiro dormir com o irmão!

Vilaça baixou lentamente os olhos para o sobrado. Um terror invadia-o diante daquela grande casa, que era o seu orgulho, partida em metade, empolgada por uma aventureira... Mas como o Ega, muito nervoso, lembrava que de resto a questão não era de docu-

mentos, nem de legalidade, nem de fortuna — o procurador teve outro grito, com a face de nôvo alumiada:

— Espere, homem, há outra coisa!... Talvez ela seja filha do italiano!

— E então?... Vem a dar na mesma.

— Alto lá! — berrou o procurador, batendo com o punho na mesa. — Não tem direito à legítima do pai, e não apanha um real desta casa!... Irra, aí é que está o ponto!

Ega teve um gesto desolado. Não, nem isso, desgraçadamente! Esta era a filha de Pedro da Maia. O Guimarães conhecia-a de a trazer ao colo, de lhe dar bonecas quando ela tinha sete anos, e quando apenas havia quatro ou cinco anos que o italiano estivera em Arroios, de cama, com uma chumbada. A filha dêsse morrera em Londres, pequenina.

Vilaça recaiu no canapé, sùcumbido.

— Quatrocentos contos, que bolada!

Então Ega resumiu. Se não existia ainda uma certeza legal, havia já uma forte suspeita. E desde logo não se podia deixar o pobre Carlos, inocentemente, a chafurdar naquela sordidez. Era pois indispensável revelar tudo a Carlos, nessa noite...

— E você, Vilaça, é que tem de lho dizer.

Vilaça deu um salto, que fêz bater o canapé contra a parede.

— Eu!?

— Você, que é o procurador da casa!

Que havia ali senão uma questão de filiação, portanto de legítima? A quem pertenciam êsses detalhes legais senão ao procurador?

Vilaça murmurou com todo o sangue na face:

— Homem, o amigo mte-me numa!...

Não, Ega metia-o apenas naquilo em que o Vilaça, como procurador, logicamente e profissionalmente devia estar.

O outro protestou, tão perturbado que gaguejava. Que diabo! Não era esquivar-se aos seus deveres! Mas é que êle não sabia nada! Que podia dizer ao Sr. Carlos da Maia? "O amigo Ega veio-me contar isto, que lhe contou um tal Guimarães ontem à noite no Loreto..." Não tinha a dizer mais nada...

— Pois diga isso.

O outro encarou Ega com olhos que chamejavam:

— Diga isso, diga isso... Que diabo, senhor, é necessário ter topête!

Deu um puxão desesperado ao colête, foi bufando até ao fundo do cubículo, onde esbarrou com o armário. Voltou, tornou a encarar o Ega:

— Não se vai a um homem com uma coisa dessas, sem provas... Onde estão as provas?...

— Ó Vilaça, desculpe, você está obtuso!... A que vim eu aqui senão trazer-lhe as provas, as que há, boas ou más, a história do Guimarães, essa caixa com os papéis da Monforte?...

Vilaça, que resmungava, foi examinar a caixa, virando-a nas mãos, decifrando o mote do sinête: *Pro Amore*.

— Então abrimo-la?

Já Ega puxara uma cadeira para a mesa. Vilaça cortou o papel, gastou nos cantos, que envolvia o cofre. E apareceu efetivamente uma velha caixa de charutos, pregada com duas tachas, cheia de papéis, alguns em maços apertados por fitas, outros soltos dentro de sobrescritos abertos, que tinham o monograma da Monforte, sob uma coroa de marquês. Ega desembulhou o primeiro maço. Eram cartas em alemão, que êle não percebia, datadas de Budapeste e de Karlsruhe.

— Bem, isto não nos diz nada... Adiante!

Outro embrulho, a que Vilaça cuidadosamente desapertou o nó côr-de-rosa, resguardava, uma caixa oval, com a miniatura de um homem de bigodes e suíças ruivas, entalado na alta gola dourada de uma farda branca. Vilaça achou a pintura "linda".

— Algum oficial austríaco — rosnou Ega. — Outro amante...  
*Ça marche*.

Iam tirando os papéis por ordem, com a ponta dos dedos, como tocando em relíquias. Um largo envelope atulhado de contas de modistas, algumas pagas, outras sem recibo, interessou profundamente o Vilaça — que percorria os itens, espantado dos preços, das infinitas invenções do luxo. Contas de seis mil francos! Um só vestido, dois mil francos!... Outro maço trouxe uma surpresa. Eram cartas de Maria Eduarda à mãe, escritas do convento, numa letra redonda e trabalhada como um desenho, com frasezinhas cheias de gravidade devota, ditadas decerto pelas boas irmãs; e nestas composições, virtuosas e frias como temas, o sincero coração da rapariga só transparecia nalguma florzinha, agora sêca, pregada no alto do papel com um alfinête.

— Isto põe-se de parte — murmurou Vilaça.

Então Ega, já impaciente, esvaziou tôda a caixa sôbre a mesa, alastrou os papéis. E entre cartas, outras contas, bilhetes de visita, um grande sobrescrito destacou com esta linha a tinta azul: "Pertence a minha filha Maria Eduarda." Foi Vilaça que lançou os olhos, rapidamente, à enorme fôlha de papel que êle continha, luxuosa e documental, com o monograma de ouro sob a coroa de marquês. Quando o passou em silêncio para a mão do Ega, parecia sufocado, com todo o sangue nas orelhas.

Ega leu-o alto, devagar. Dizia:

Como a Maria teve a pequena e anda muito fraca, e eu também me não sinto nada boa com umas pontadas, parece-me prudente, para o que possa vir a suceder, fazer aqui uma declaração que te pertence a ti, minha querida filha, e que só sabe o Padre Talloux (M. l'abbé Talloux, coadjuteur à Saint-Roch) porque lho disse há dois anos, quando tive a pneumonia. E é o seguinte: Declaro que minha filha Maria Eduarda, que costuma assinar Maria Calzaski, por supor ser êsse o nome de seu pai, é portuguesa e filha de meu marido Pedro da Maia, de que me separei voluntariamente, trazendo-a comigo para Viena, depois para Paris, e que agora vive em companhia de Patrick Mac Gren, em Fontainebleau, com quem vai casar. E o pai de meu marido era meu sogro Afonso da Maia, viúvo, que vivia em Benfica e também em Santa Olávia, ao pé do Rio Douro. O que tudo se pode verificar em Lisboa,

pois devem lá estar os papéis; e os meus erros, de que vejo agora as consequências, não devem impedir que tu, minha querida filha, tenhas a posição e fortuna que te pertencem. E por isso aqui declaro tudo isto que assino, no caso que o não possa fazer diante de um tabelião, o que tenciono logo que esteja melhor. E de tudo, se eu vier a morrer, o que Deus não permita, peço perdão a minha filha. E assino com o meu nome de casada

MARIA MONFORTE DA MAIA.

Ega ficou a olhar para o Vilaça. O procurador só pôde murmurar, com as mãos cruzadas sobre a mesa:

— Que bolada! Que bolada!

Então Ega ergueu-se. Bem! Agora tudo se simplificava. Havia unicamente a entregar aquêlê documento a Carlos, sem comentários. Mas o Vilaça coçava a cabeça, retomado por uma dúvida:

— Eu não sei se êste papelinho faria fé em juízo...

— Qual fé, qual juízo! — exclamou Ega violentamente. — É o bastante para que êle não torne a dormir com ela!...

Uma pancada tímida na porta do cubículo fê-lo estacar, inquieto. Desandou a chave. Era o escrevente, que segredou através da frincha:

— O Sr. Carlos da Maia ficou agora lá em baixo no carrinho, quando eu entrei, perguntou pelo Sr. Vilaça.

Houve um pânico! Ega, atarantado, agarrara o chapéu do Vilaça. O procurador atirava às mãos ambas, para dentro de uma gaveta, os papéis da Monforte.

— É talvez melhor dizer que não está — lembrou o escrevente.

— Sim, que não está! — foi o grito abafado de ambos.

Ficaram à escuta, ainda pálidos. O *dogcart* de Carlos rolou na calçada: os dois amigos respiraram. Mas agora Ega arrependia-se de não terem mandado subir Carlos — e ali mesmo, sem outras vacilações nem pieguices, corajosamente, contarem tudo, diante daqueles papéis bem abertos. E estava saltado o barranco!

— Homem — dizia o Vilaça passando o lenço pela testa — as coisas querem-se devagar, com método. É necessário preparar-se a gente, respirar para dar bem o mergulho...

Em todo o caso, concluiu o Ega, eram ociosas mais conversas. Os outros papéis da caixa perdiam o interesse, depois daquela confissão da Monforte. Só restava que Vilaça aparecesse à noite no Ramalhete, às oito e meia, ou nove horas, antes de Carlos sair para a Rua de S. Francisco.

— Mas o amigo há de lá estar! — exclamou o procurador, já aterrado.

Ega prometeu. Vilaça teve um pequeno suspiro. Depois, no pátio, onde viera acompanhar o outro:

— Uma destas, uma destas!... E eu, ainda tão contente, a jantar no Ramalhete...

— Eu, com êles, na Rua de S. Francisco!...

— Enfim, até à noite!

— Até à noite.

Ega não se atreveu nesse dia a voltar ao Ramalhete, a jantar diante de Carlos, a ver-lhe a alegria e a paz — sentindo aquela negra desgraça que descia sobre êle à maneira que a noite descia. Foi pedir as sopas ao marquês, que desde o sarau se conservava em casa, de garganta entapada. Depois, às oito e meia, quando calculou que Vilaça devia estar já no Ramalhete, deixou o marquês, que se enfronhara com o capelão numa partida de damas.

Aquêlê lindo dia, toldado de tarde, findara numa chuvinha miúda que transia às ruas. Ega tomou uma tipóia. E parava no Ramalhete, já terrivelmente nervoso, quando avistou Vilaça no portal, de guarda-chuva sob o braço, arregaçando as calças para sair.

— Então? — gritou-lhe o Ega.

Vilaça abriu o guarda-chuva, para murmurar de baixo, mas em segredo:

— Não foi possível... Disse que tinha muita pressa, que não me podia ouvir.

Ega bateu o pé, desesperado:

— Oh, homem!

— Que quer o amigo? Havia de o agarrar à fôrça? Ficou para amanhã... Tenho de cá estar amanhã às onze horas.

Ega galgou as escadas, rosnando entre dentes: "Irra! Não saímos desta!" Foi até ao escritório de Afonso. Mas não entrou. Através de uma fenda larga do reposteiro meio franzido, um canto da sala aparecia, quente e cheio de conchego, no doce tom côr-de-rosa da luz, caindo sobre os damascos: as cartas esperavam na mesa do uíste: no sofá bordado a matiz, D. Diogo, murcho e molc, olhava o lume, cofiando os bigodes. E, travadas nalguma questão, a voz do Craft, que perpassou de cachimbo na mão, e a voz mais lenta de Afonso, tranqüilo na sua poltrona, misturavam-se, abafadas pela do Sequeira, que berrava furiosamente: "Mas se amanhã houvesse uma bernarda, êsse exército com que os senhores querem acabar, por ser uma escola de vadiagem, é que lhes havia de guardar as costas... É bom falar, ter muita filosofia! Mas quando elas chegam, se não há meia dúzia de baionetas prontas, então são as cólicas!..."

Ega foi dali aos quartos de Carlos. As velas ardiam ainda nas serpentinas: um aroma errava, de água de Lubin e charuto: e o Batista disse-lhe que o Sr. D. Carlos "saíra havia dez minutos". Fôra para a Rua de S. Francisco! Ia lá dormir! Então enervado, com a longa e triste noite diante de si, Ega teve um apetite de se atordoar, dissipar numa excitação forte as idéias que o torturavam. Não despedira a tipóia, abalou para S. Carlos. E findou por ir cear ao Augusto, com o Taveira e duas reparigas, a Paca e a Carmen Filósofa, prodigalizando o champanha. As quatro da manhã estava bêbedo, estatelado sobre o sofá, gemendo sentimentalmente, só para si, as estrofes de Musset à Malibran... O Taveira e a Paca, juntinhos na mesma cadeira, êle com o seu ar terno de chulo, ela *muy caliente* também, debicavam copinhos de gelatina. E a Carmen Filósofa, empanturrada, desapertada, com o colête embrulhado já num



*Diário de Notícias*, repicava a faca na borda do prato, cantarolando de olhos perdidos nos bicos de gás:

*Señor alcalde mayor,  
No prenda usted los ladrones...*

Acordou ao outro dia às nove horas, ao lado da Carmen Filósofa, num quarto de grandes janelas rasgadas, por onde entrava tôda a melancolia da escura manhã de chuva. E, enquanto não vinha a tipóia fechada que a servente corraera a chamar, o pobre Ega, enojado, vexado, com a língua pastosa, os pés nus sôbre o tapête, reunindo o fato espalhado, tinha só uma idéia clara — fugir dali para um grande banho, bem perfumado e bem fresco, onde se purificasse de uma sensação viscosa de Carmen e de orgia que o arrepiava.

Esse banho lustral, foi tomá-lo ao Hotel Bragança, para se encontrar com Carlos e com Vilaça às onze horas, já lavado e preparado. Mas precisou esperar pela roupa branca que o cocheiro, com um bilhete para o Batista, voara a buscar ao Ramallete: depois almoçou: e já batera meio-dia quando se apeou à porta particular dos quartos de Carlos, com a roupa suja numa trouxa.

Justamente Batista atravessava o patamar com camélias num açafate.

— O Vilaça já veio? — perguntou-lhe Ega baixo, andando em pontas de pés.

— O Sr. Vilaça já lá está dentro há bocado. Vossa Excelência recebeu a roupa branca? Eu também mandei um fato, porque nesses casos sempre dá mais frescura...

— Obrigado, Batista, obrigado!

E Ega pensava: "Bem, Carlos já sabe tudo, o barranco está passado!" Mas demorou-se ainda, tirando as luvas e o paletó com uma lentidão cobarde. Por fim, sentindo bater alto o coração, puxou o reposteiro de veludo. Na antecâmara pesava um silêncio; a chuva grossa fustigava a porta envidraçada, por onde se viam as árvores do jardim esfumadas na névoa. Ega levantou o outro reposteiro, que tinha bordadas as armas dos Maias.

— Ah! és tu? — exclamou Carlos, erguendo-se da mesa de trabalho, com uns papéis na mão.

Parecia ter conservado um ânimo viril e firme: apenas os olhos lhe rebrilhavam, com um fulgor sêco, ansiosos e mais largos na palidez que o cobria. Vilaça, sentado defronte, passava vagarosamente pela testa, num movimento cansado, o lenço de sêda da Índia. Sôbre a mesa alastravam-se os papéis da Monforte.

— Que diabo de embrulhada é esta, que me vem contar o Vilaça? — rompeu Carlos, cruzando os braços diante do Ega, numa voz que apenas dê leve tremia.

Ega balbuciou:

— Eu não tive coragem de te dizer...

— Mas tenho eu para ouvir!... Que diabo te contou êsse homem?

Vilaça ergueu-se imediatamente. Ergueu-se com a pressa de um

galucho tímido que é rendido num pôsto arriscado, pediu licença, se não precisavam dêle, para voltar ao escritório. Os amigos decerto preferiam conversar mais livremente. De resto, ali ficavam os papéis da Sra. D. Maria Monforte. E se êle fôsse necessário, um recado encontrava-o na Rua da Prata ou em casa...

— E Vossa Excelência compreende — acrescentou êle, enrolando nas mãos o lenço de sêda — eu tomei a iniciativa de vir falar, por ser o meu dever, como amigo confidencial da casa... Foi essa também a opinião do nosso Ega...

— Perfeitamente, Vilaça, obrigado! — acudiu Carlos. — Se fôr necessário lá mando...

O procurador, com o lenço na mão, lançou em redor um olhar lento. Depois espregueitou debaixo da mesa. Parecia muito surpreendido. E Carlos seguiu com impaciência os passos tímidos que êle dava pelo quarto, procurando...

— Que é, homem?

— O meu chapéu. Imaginei que o tinha pôsto aqui... Naturalmente ficou lá fora... Bem, se fôr necessário alguma coisa...

Mal êle saiu, atirando ainda os olhos inquietos pelos cantos, Carlos fechou violentamente o reposteiro. E voltando para o Ega, caindo pesadamente numa cadeira:

— Dize lá!

Ega, sentado no sofá, começou por contar o encontro com o Sr. Guimarães, em baixo, no botequim da Trindade, depois de ter falado o Rufino. O homem queria explicações sôbre a carta do Dâmaso, sôbre a bebedeira hereditária... Tudo se aclarara, ficando daí entre êles um comêço de familiaridade...

Mas o reposteiro mexeu de leve — e surdiu de nôvo a face do Vilaça:

— Peço desculpa, mas é o meu chapéu... Não o acho, havia de jurar que o deixei aqui...

Carlos conteve uma praga. Então Ega procurou também, por trás do sofá, no vão da janela. Carlos, desesperado, para findar, foi ver entre os cortinados da cama. E Vilaça, escarlate, aflito, esquadrinhava até a alcova do banho...

— Um sumiço assim! Enfim, talvez me esquecesse na antecâmara!... Vou ver outra vez... O que peço é desculpa.

Os dois ficaram sós. E Ega recomeçou, detalhando como Guimarães, duas ou três vêzes nos intervalos, lhe viera falar de coisas indiferentes, do sarau, de política, do papá Hugo, etc. Depois êle procurara Carlos para irem um bocado ao Grêmio. Terminara por sair com o Cruges. E passavam defronte do Aliança...

Novamente o reposteiro franziu, Batista pediu perdão a Suas Excelências:

— É o Sr. Vilaça que não acha o chapéu, diz que o deixou aqui...

Carlos ergueu-se furioso, agarrando a cadeira pelas costas, como para despedaçar o Batista.

— Vai para o Diabo tu e o Sr. Vilaça!... Que saia sem chapéu! Dá-lhe um chapéu meu! Irra!

Batista recuou, muito grave.

— Vá, acaba lá! — exclamou Carlos, recaindo no assento, mais pálido.

E Ega, miudamente, contou a sua longa, terrível conversa com o Guimarães, desde o momento em que o homem, por acaso, já ao despedir-se, já ao estender-lhe a mão, falara da "irmã do Maia". Depois entregara-lhe os papéis da Monforte à porta do Hotel Paris, no Pelourinho...

— E aqui está, não sei mais nada. Imagina tu que noite eu passei! Mas não tive coragem de te dizer. Fui ao Vilaça... Fui ao Vilaça com a esperança sobretudo de êle saber algum fato, ter algum documento que atirasse por terra tôda esta história do Guimarães... Não tinha nada, não sabia nada. Ficou tão aniquilado como eu!

No curto silêncio que caiu, um chuvaireiro mais largo, alagando o arvoredo do jardim, cantou nas vidraças. Carlos ergueu-se arrebatadamente, numa revolta de todo o ser:

— E tu acreditas que isso seja possível? Acreditas que suceda a um homem como eu, como tu, numa rua de Lisboa? Encontro uma mulher, olho para ela, conheço-a, durmo com ela e, entre tôdas as mulheres do mundo, essa justamente há de ser minha irmã! É impossível... Não há Guimarães, não há papéis, não há documentos que me convençam!

E como Ega permanecia mudo, a um canto do sofá, com os olhos no chão:

— Dize alguma coisa — gritou-lhe Carlos. — Duvida também, homem, duvida comigo!... É extraordinário! Todos vocês acreditam, como se isto fôsse a coisa mais natural do mundo, e não houvesse por essa cidade fora senão irmãos a dormir juntos!

Ega murmurou:

— Já ia sucedendo um caso assim, lá ao pé da quinta, em Celorico...

E nesse momento, sem que um rumor os prevenisse, Afonso da Maia apareceu numa abertura do repositório, encostado à bengala, sorrindo todo com alguma idéia que decerto o divertia. Era ainda o chapéu do Vilaça.

— Que diabo fizeram vocês ao chapéu do Vilaça? O pobre homem andou por aí aflito... Teve de levar um chapéu meu. Caía-lhe pela cabeça abaixo, enchumaçaram-lho com lenços...

Mas subitamente reparou na face transtornada do neto. Reparou na atarantação do Ega, cujos olhos mal se fixavam, fugindo ansiosamente dêle para Carlos. Todo o sorriso se lhe apagou, deu no quarto um passo lento:

— Que é isso, que têm vocês?... Há alguma coisa?

Então Carlos, no ardente egoísmo da sua paixão, sem pensar no abalo cruel que ia dar ao pobre velho, cheio só de esperança que êle, seu avô, testemunha do passado, soubesse algum fato, possuísse

alguma certeza contrária a tôda essa história do Guimarães, a todos êsses papéis da Monforte — veio para êle, desabafou:

— Há uma coisa extraordinária, avô! O avô talvez saiba... O avô deve saber alguma coisa que nos tire desta aflição!... Aqui está, em duas palavras. Eu conheço aí uma senhora que chegou há tempos a Lisboa, mora na Rua de S. Francisco. Agora, de repente, descobre-se que é minha irmã legítima!... Passou aí um homem que a conhecia, que tinha uns papéis... Os papéis aí estão. São cartas, uma declaração de minha mãe... Enfim, uma trapalhada, um montão de provas... Que significa tudo isto? Essa minha irmã, a que foi levada em pequena, não morreu?... O avô deve saber!

Afonso da Maia, que um tremor tomara, agarrou-se um momento com fôrça à bengala, caiu por fim pesadamente numa poltrona, junto do repositório. E ficou devorando o neto, o Ega, com um olhar esgazeado e mudo.

— Êsse homem — exclamou Carlos — é um Guimarães, um tio do Dâmaso... Falou com o Ega, foi ao Ega que entregou os papéis... Conta tu ao avô, Ega, conta tu do começo!

Ega, com um suspiro, resumiu a sua longa história. E findou por dizer que o importante, o decisivo ali era que êsse homem, o Guimarães, que não tinha interêsse em mentir e só por acaso, puramente por acaso, falara em tais coisas, conhecia essa senhora, desde pequenina, como filha de Pedro da Maia e de Maria Monforte. E nunca a perdera de vista. Vira-a crescer em Paris, andara com ela ao colo, dera-lhe bonecas. Visitara-a com a mãe no convento. Frequentara a casa que ela habitava em Fontainebleau, como casada...

— Enfim — interrompeu Carlos — viu-a ainda há dias, numa carruagem, comigo e com o Ega... Que lhe parece, avô?

O velho murmurou, num grande esforço, como se as palavras saindo lhe rasgassem o coração:

— Essa senhora, está claro, não sabe nada...

Ega e Carlos, a um tempo, gritaram: "Não sabe nada!" Segundo afirmava o Guimarães, a mãe escondera-lhe sempre a verdade. Ela julgava-se filha de um austríaco. Assinava-se ao princípio Calzaski...

Carlos, que remexera sôbre a mesa, adiantou-se com um papel na mão:

— Aqui tem o avô a declaração de minha mãe.

O velho levou muito tempo a procurar, a tirar a luneta de entre o colête, com os seus pobres dedos que tremiam; leu o papel devagar, empalidecendo mais a cada linha, respirando penosamente; ao findar deixou cair sôbre os joelhos a mãos, que ainda agarravam o papel, ficou como esmagado e sem fôrça. As palavras por fim vieram-lhe apagadas, morosas. Êle nada sabia... O que a Monforte ali assegurava, êle não o podia destruir... Essa senhora da Rua de S. Francisco era talvez, na verdade, sua neta... Não sabia mais...

E Carlos diante dêle vergava os ombros, esmagado também sob

a certeza da sua desgraça. O avô, testemunha do passado, nada sabia! Aquela declaração, tôda a história do Guimarães aí permaneciam inteiras, irrefutáveis. Nada havia, nem memória de homem, nem documento escrito, que as pudesse abalar. Maria Eduarda era, pois, sua irmã!... E um defronte do outro, o velho e o neto pareciam dobrados por uma mesma dor — nascida da mesma idéia.

Por fim Afonso ergueu-se fortemente encostado à bengala, foi pousar sôbre a mesa o papel da Monforte. Deu um olhar, sem lhes tocar, às cartas espalhadas em volta da caixa de charutos. Depois, lentamente, passando a mão pela testa:

— Nada mais sei... Sempre pensamos que essa criança tinha morrido... Fizeram-se tôdas as pesquisas... Ela mesma disse que lhe tinha morrido a filha, mostrou já não sei a quem um retrato...

— Era outra mais nova, a filha do italiano — disse o Ega. — O Guimarães falou-me nisso... Foi esta que viveu. Esta, que tinha já sete a oito anos, quando havia apenas quatro ou cinco que êsse sujeito italiano aparecera em Lisboa... Foi esta.

— Foi esta — murmurou o velho.

Teve um gesto vago de resignação, acrescentou, depois de respirar fortemente:

— Bem! Tudo isto tem de ser mais pensado... Parece-me bom tornar a chamar o Vilaça... Talvez seja necessário que êle vá a Paris... E antes de tudo precisamos sossegar... De resto não há aqui morte de homem... Não há aqui morte de homem!

A voz sumia-se-lhe, tôda trêmula. Estendeu a mão a Carlos, que lhe beijou, sufocado; e o velho, puxando o neto para si, pousou-lhe os lábios na testa. Depois deu dois passos para a porta, tão lentos e incertos que Ega correu para êle:

— Tome Vossa Excelência o meu braço...

Afonso apoiou-se nêle, pesadamente. Atravessaram a antecâmara silenciosa, onde a chuva contínua batia os vidros. Por detrás dêles caiu o grande reposteiro, com as armas dos Maias. E então Afonso, de repente, soltando o braço do Ega, murmurou-lhe junto à face, no desabafo de tôda a sua dor:

— Eu sabia dessa mulher!... Vive na Rua de S. Francisco, passou todo o verão nos Olivais... É a amante dêle!

Ega ainda balbuciou: "Não, não, Sr. Afonso da Maia!" Mas o velho pôs o dedo nos lábios, indicou Carlos dentro, que podia ouvir... E afastou-se, todo dobrado sôbre a bengala, vencido enfim por aquêlê implacável destino que, depois de o ter ferido na idade da fôrça com a desgraça do filho — o esmagava ao fim da velhice com a desgraça do neto.

Ega enervado, exausto, voltou para o quarto — onde Carlos começara naquele agitado passeio que abalava o soalho, fazia tilintar finamente os frascos de cristal sôbre o mármore do consolo. Calado, junto da mesa, Ega ficou percorrendo outros papéis da Monforte: cartas, um livrinho de marroquim com *addresses*, bilhetes de visita de membros do Jôquei Clube e de senadores do Império. Súbita-

mente Carlos parou diante dêle, apertando desesperadamente as mãos:

— Estarem duas criaturas em pleno Céu, passar um *quidam*, um idiota, um Guimarães, dizer duas palavras, entregar uns papéis e quebrar para sempre duas existências!... Olha que isto é horrível, Ega!

Ega arriscou uma consolação banal:

— Era pior se ela morresse...

— Pior por quê? — exclamou Carlos. — Se ela morresse, ou eu, acabava o motivo desta paixão, restava a dor e a saudade, era outra coisa... Assim estamos vivos, mas mortos um para o outro, e viva a paixão que nos unia!... Pois tu imaginas que por me virem provar que ela é minha irmã, eu gosto menos dela do que gostava ontem, ou gosto de um modo diferente? Está claro que não! O meu amor não se vai de uma hora para a outra acomodar a novas circunstâncias, e transformar-se em amizade... Nunca! Nem eu quero!

Era uma brutal revolta — o seu amor defendendo-se, não querendo morrer, só porque as revelações de um Guimarães e uma caixa de charutos cheia de papéis velhos o declaravam impossível, e lhe ordenavam que morresse!

Houve outro melancólico silêncio. Ega acendeu uma *cigarette*, foi-se enterrar ao canto do sofá. Uma fadiga ia-o vencendo, feita de tôda aquela emoção, da noite no Augusto, da estremunhada manhã na alcova da Carmen. Todo o quarto ia entristecendo, à luz mais triste da tarde de inverno que descia. Ega terminou por cerrar os olhos. Mas bem depressa o sacudiu outra exclamação de Carlos, que de nôvo, diante dêle, apertava as mãos com desespêro:

— E o pior ainda não é isto, Ega! O pior é que temos de lhe dizer tudo, de lhe contar tudo, a ela!...

Ega já pensara nisso... E era necessário que se lhe dissesse imediatamente, sem hesitações.

— Vou-lhe eu mesmo contar tudo — murmurou Carlos.

— Tu!?

— Pois quem, então? Querias que fôsse o Vilaça...

Ega franziu a testa:

— O que tu devias fazer era meter-te esta noite no comboio, e partir para Santa Olávia. De lá contavas-lhe tudo. Estavas assim mais seguro.

Carlos atirou-se para uma poltrona, com um grande suspiro de fadiga:

— Sim, talvez, amanhã, no comboio da noite... Já pensei nisso, era o melhor... Agora o que estou é muito cansado!

— Também eu — disse o Ega espreguiçando-se. — E já não adiantamos nada, atolamo-nos mais na confusão. O melhor é serenar... Eu vou-me estirar um bocado na cama.

— Até logo!

Ega subiu ao quarto, deitou-se por cima da roupa; e no seu imenso cansaço, bem depressa adormeceu. Acordou tarde a um

rumor da porta. Era Carlos que entrava, raspando um fósforo. Anoi tecera, em baixo tocava a campainha para o jantar.

— De mais a mais esta maçada do jantar! — dizia Carlos acendendo as velas no toucador. — Não têrmos um pretexto para irmos fora, a uma taberna, conversar em sossêgo! Ainda por cima convidei ontem o Steinbroken.

Depois voltando-se:

— Ó Ega, tu achas que o avô sabe tudo?

O outro saltara da cama, e diante do lavatório arregaçava as mangas:

— Eu te digo... Parece-me que teu avô desconfia... O caso fêz-lhe a impressão de uma catástrofe... E, se não suspeitasse o que há, devia-lhe causar simplesmente a surpresa de quem descobre uma neta perdida.

Carlos teve um lento suspiro. Daí a um instante desciam para o jantar.

Em baixo encontraram, além de Steinbroken e de D. Diogo — o Craft, que viera “pedir as sopas”. E em tórno àquela mesa, sempre alegre, coberta de flôres e de luzes, uma melancolia flu tuava nessa tarde, através de uma conversa dormente sôbre doenças — o Sequeira que tinha reumatismo, o pobre marquês que piorara.

De resto Afonso, no escritório, queixara-se de uma forte dor de cabeça, que justificava o seu ar consumido e pálido. Carlos, a quem Steinbroken achara “má cara”, explicou também que passara uma noite abominável. Então Ega, para desanuviar o jantar, pediu ao amigo Steinbroken as suas impressões sôbre o grande orador do sarau da Trindade, o Rufino. O diplomata hesitou. Surpreendera-o bastante saber que o Rufino era um político, um parlamentar... Aquêles gestos, o bocado da camisa a ver-se-lhe no estômago, a pêra, a grenha, as botas, não lhe pareciam realmente de um homem de Estado:

— *Mais cependant, cependant... Dans ce genre là, dans le genre sublime, dans le genre de Demosthènes, il m'a paru très fort... Oh, il m'a paru excessivement fort!*

— E você, Craft?

Craft, no sarau, só gostara do Alencar. Ega encolheu violentamente os ombros. Ora histórias! Nada podia haver mais cômico que a Democracia romântica do Alencar, aquela República meiga e loura, vestida de branco como Ofélia, orando no prado, sob o olhar de Deus... Mas Craft justamente achava tudo isso excelente por ser sincero. O que feria sempre, nas exibições da literatura portuguesa? A escandalosa falta de sinceridade. Ninguém, em verso ou prosa, parecia jamais acreditar naquilo que declamava com ardor, esmurrando o peito. E assim fôra na véspera. Nem o Rufino parecia acreditar na influência da religião; nem o homem da barba bicuda, no heroísmo dos Castros e dos Albuquerque; nem mesmo o poeta dos olhinhos bonitos, na boniteza dos olhinhos... Tudo contrafeito e postiço! Com o Alencar, que diferença! Esse tinha

uma fé real no que cantava, na fraternidade dos povos, no Cristo republicano, na Democracia devota e coroada de estrêlas...

— Já deve ser bem velho esse Alencar — observou D. Diogo, que rolava bolinhas de pão entre os longos dedos pálidos.

Carlos, ao lado, emergiu enfim do seu silêncio:

— O Alencar deve ter bons cinqüenta anos.

Ega jurou pelo menos sessenta. Já em 1836 o Alencar publicava coisas delirantes, e chamava pela morte, no remorso de tantas virgens que seduzira...

— Há que anos, com efeito — murmurou lentamente Afonso — eu ouvi falar dêsse homem!

D. Diogo, que levava os lábios ao copo, voltou-se para Carlos:

— O Alencar tem a idade que havia de ter teu pai... Eram íntimos, dessa roda *distingue* de então. O Alencar ia muito a Arroios com o pobre D. João da Cunha, que Deus haja, e com os outros. Era tudo uma fina flor, e regulavam pela mesma idade... Já nada resta, já nada resta!

Carlos baixara os olhos: todos por acaso emudeceram: um ar de tristeza passou entre as flôres e as luzes, como vinda do fundo dêsse passado, cheio de sepulturas e dores.

— E o pobre Cruges, coitado, que fiasco! — exclamou Ega, para sacudir aquela névoa.

Craft achava o fiasco Justo. Para que fôra êle dar Beethoven a uma gente educada pela chulice de Offenbach? Mas Ega não admitia êsse desdém por Offenbach, uma das mais finas manifestações modernas do cepticismo e da ironia! Steinbroken acusou Offenbach de não saber contraponto. Durante um momento discutiu-se música. Ega acabou por sustentar que nada havia, em arte, tão belo como o fado. E apelou para Afonso, para o despertar.

— Pois não é verdade, Sr. Afonso da Maia? Vossa Excelência também é como eu, um dos fiéis ao fado, à nossa grande criação nacional.

— Sim, com efeito — murmurou o velho, levando a mão à testa, como a justificar o seu modo desinteressado e murcho. — Há muita poesia no fado...

Craft, porém, atacava o fado, as *malagueñas*, as *peteneras*, tôda essa música meridional, que lhe parecia apenas um garganteado gemebundo, prolongado infinitamente, em ais de esterilidade e de preguiça. Êle, por exemplo, ouvira uma noite uma malaguenha, uma dessas famosas malaguenhas, cantada em perfeito estilo por uma senhora de Málaga. Era em Madri, em casa dos Villa-Rubia. A senhora pôe-se ao piano, rosna uma coisa sôbre *pieira* e *sepultura*, e rompe a gemer num gemido que não findava: *Ã-ã-ã-ã-ah...* Pois senhores, êle aborrece-se, passa para outra sala, vê jogar todo um *robber* de uíste, folheia um imenso álbum, discute a guerra carlista com o General Jovellos, e quando volta, lá estava ainda a senhora, de cravos na trança e olhos no teto, a gemer o mesmo *Ã-ã-ã-ã-ah!*...

Todos riram. Ega protestou com ímpeto, já excitado. O Craft

era um sêco inglês, educado sôbre o chato seio da Economia Política, incapaz de compreender todo o mundo de poesia que podia conter um ai! Mas êle não falava das *malagueñas*. Não estava encarregado de defender a Espanha. Ela possuía, para convencer Craft e outros britânicos, bastante pilhéria e bastante navalha... A questão era o fado!

— Onde é que você tem ouvido o fado? Aí pelas salas, ao piano... Com efeito, assim, concordo, é chôcho! Mas ouça-o você por três ou quatro guitarristas, uma noite, no campo, com uma bela Lua no céu... Como nos Olivais êste verão, quando o marquês lá levon o *Vira-Vira!* Lembra-te, Carlos?...

E estacou, como entalado, no arrependimento daquela memória da Toca, que levemente evocara. Carlos permanecera silencioso, com uma sombra na face. Craft ainda rosou que, numa linda noite de luar, todos os sons no campo eram bonitos, mesmo o chiar dos sapos. E de nôvo uma estranha desanimação amoleceu a sala; os escudeiros serviam os doces.

Então, no silêncio, D. Diogo disse pensativamente, com a sua majestade de leão saudoso que relembra um grande passado:

— Uma música também muito *distinguée*, antigamente, eram os *Sinos do Mosteiro*. Parecia mesmo que se estavam ouvindo sinos... Já não há disso!

O jantar terminava friamente. Steinbroken voltara àquela falta da família real no sarau, que desde a véspera o inquietava. Ninguém ali se interessava pelo Paço. Depois, D. Diogo surdiu com uma velha fastidiosa história sôbre a Infanta D. Isabel. Foi um alívio quando o escudeiro trouxe, em volta, a larga bacia de prata e o jarro de água perfumada.

Ao fim do café, servido no bilhar, Steinbroken e Craft começaram uma partida "às cinqüenta" e a quinze tostões, para interessar. Afonso e D. Diogo tinham recolhido ao escritório. Ega enterrara-se no fundo de uma poltrona, com o *Figaro*. Mas bem depressa deixou escorregar a fôlha no tapête, cerrou os olhos. Então Carlos que passeava pensativamente fumando, olhou um momento o Ega adormecido, e sumiu-se por trás do reposteiro.

Ia à Rua de S. Francisco.

Mas não se apressava, a pé pelo Atêrro, abafado num paletó de peles, acabando o charuto. A noite clareara, com um crescente de Lua entre farrapos de nuvens brancas, que fugiam sob um norte fino.

Fôra nessa tarde, só no seu quarto, que Carlos decidira ir falar a Maria Eduarda — por um motivo supremo de dignidade e de razão, que êle descobrira e que repetia a si mesmo, incessantemente, para se justificar. Nem ela nem êle eram duas crianças frouxas, necessitando que a crise mais temerosa da sua vida lhes fôsse resolvida e arranjada pelo Ega ou pelo Vilaça: mas duas pessoas fortes,

com o ânimo bastante resoluto, e o juízo bastante seguro, para êles mesmos acharem o caminho da dignidade e da razão naquela catástrofe que lhes desmantelava a existência. Por isso êle, só êle, devia ir à Rua de S. Francisco.

Decerto era terrível tornar a vê-la naquela sala, quente ainda do seu amor, agora que a sabia sua irmã... Mas por que não? Havia acaso ali dois devotos, possuídos da preocupação do Demônio, espavoridos pelo pecado em que se tinham atolado, ainda que inconscientemente, ansiosos por irem esconder, no fundo de mosteiros distantes, o horror carnal um do outro? Não necessitavam êles acaso pôr imediatamente entre si as compridas léguas que vão de Lisboa a Santa Olávia, com receio de cair na antiga fragilidade, se de nôvo os seus olhos se encontrassem, brilhando com a antiga chama? Não! Ambos tinham em si bastante fôrça para enterrar o coração sob a razão, como sob uma fria e dura pedra, tão completamente que não lhe sentissem mais nem a revolta nem o chôro. E êle podia desafogadamente voltar àquela sala, toda quente ainda do seu amor.

De resto, que precisavam apelar para a razão, para a sua coragem de fortes?... Êle não ia revelar bruscamente *tôda* a verdade a Maria Eduarda, dizer-lhe um adeus patético, um adeus de teatro, afrontar uma crise de paixão e dor. Pelo contrário! Toda essa tarde, através do seu próprio tormento, procurara ansiosamente um meio de adoçar e graduar àquela pobre criatura o horror da revelação que lhe devia. E achara um por fim, bem complicado, bem covarde! Mas quê! Era o único, o único que, por uma preparação lenta, caridosa, lhe pouparia uma dor fulminante e brutal. E êsse meio justamente só era praticável indo êle, com toda a frieza, com todo o ânimo, à Rua de S. Francisco.

Por isso ia — e ao longo do Atêrro, retardando os passos, resumia, retocava êsse plano, ensaiando mesmo consigo, baixo, palavras que lhe diria. Entraria na sala, com um grande ar de pressa — e contava-lhe que um negócio de casa, uma complicação de feitôres, o obrigava a partir para Santa Olávia daí a dias. E imediatamente saía, com o pretexto de correr a casa do procurador. Podia mesmo ajuntar: "É um momento, não tardo, até já." Uma coisa o inquietava. Se ela lhe desse um beijo?... Decidia então exagerar a sua pressa, conservando o charuto na boca, sem mesmo pousar o chapéu... E saía. Não voltava. Pobre dela, coitada, que ia esperar até tarde, escutando cada rumor de carruagem na rua!... Na noite seguinte abalava para Santa Olávia com o Ega, deixando-lhe a ela uma carta a anunciar que, infelizmente, por causa de um telegrama, se vira forçado a partir nesse comboio. Podia mesmo ajuntar: "Volto daqui a dois ou três dias..." E aí estava longe dela para sempre. De Santa Olávia escrevia-lhe logo, de um modo incerto e confuso, falando de documentos de família, inesperadamente descobertos, provando entre êles um parentesco chegado. Tudo isto atrapalhado, curto, "à pressa". Por fim, noutra carta, deixava escapar *tôda* a verdade, mandava-lhe a declaração da mãe; e mostrando a necessidade de uma separação, enquanto se não esclarecessem tôdas as

dúvidas, pedia-lhe que partisse para Paris. Vilaça ficava encarregado da questão de dinheiro, entregando-lhe logo, para a viagem, trezentas ou quatrocentas libras... Ah! tudo isto era bem complicado, bem covarde! Mas só havia êsse meio. E quem, senão êle, o podia tentar com caridade e com tato?

E, entre o tumulto dêstes pensamentos, de repente achou-se na Travessa da Parreirinha, defronte da casa de Maria. Na sala, através das cortinas, transparecia uma luz dormente. Todo o resto estava apagado — a janela do gabinete estreito onde ela se vestia, a varanda do quarto dela com os vasos de crisântemos.

E pouco a pouco, aquela fachada muda donde apenas saía, a um canto, uma claridade lânguida de alcova adormecida, foi-o estranhamente penetrando de inquietação e desconformação. Era um mêdo dessa penumbra mole que sentia lá dentro, tôda cheia de calor e de perfume, em que havia jasmim. Não entrou; seguiu devagar pelo passeio fronteiro, pensando em certos detalhes da casa — o sofá largo e profundo com almofadas de sêda, as rendas do toucador, o cortinado branco da cama dela... Depois parou diante da larga barra de claridade que saía do portão do Grêmio; e foi para lá, maquinalmente, atraído pela simplicidade e segurança daquela entrada, lajeada de pedra, com grossos bicos de gás, sem penumbras e sem perfumes.

Na sala, em baixo, ficou percorrendo, sem os compreender, os telegramas soltos sôbre a mesa. Um criado passou, êle pediu conhaque. Teles da Gama, que vinha de dentro assobiando, com as mãos nos bolsos do palêto, deteve-se um momento para-lhe perguntar se ia na terça-feira aos Gouvarinhos.

— Talvez — murmurou Carlos.

— Então venha!... Eu ando a arrebanhar gente... São os anos do Charlie, de mais a mais. Cai lá o pêso do mundo, e há ceia!

O criado entrou com a bandeja — e Carlos, de pé junto da mesa, remexendo o açúcar no copo, recordava, sem saber por quê, aquela tarde em que a condêssa, pondo-lhe uma rosa no casaco, lhe dera o primeiro beijo; revia o sofá onde ela caíra com um rumor de sêdas amarrotadas... Como tudo isto era já vago e remoto.

Apenas acabou o conhaque, saiu. Agora, caminhando rente das casas, não via aquela fachada, que o perturbava, com a sua claridade de alcova morrendo nos vidros. O portão ficara cerrado, o gás ardia no patamar. E subiu, sentindo mais, pela escada de pedra, as pancadas do coração que o pousar dos seus passos. Melanie, que veio abrir, disse-lhe que a senhora, um pouco cansada, se fôra encostar sôbre a roupa — e a sala, com efeito, parecia abandonada por essa noite, com as serpentinas apagadas, o bordado ocioso e enrolado no seu cêsto, os livros num frio arranjo orlando a mesa, onde o candeeiro espalhava uma luz tênue, sob o abajur de renda amarela.

Carlos tirava as luvas, lentamente, retomado de nôvo por uma inquietação ante aquêle recolhimento adormecido. E de repente Rosa correu de dentro, rindo, pulando, com os cabelos soltos nos

ombros, os braços abertos para êle. Carlos levantou-a ao ar, dizendo como costumava: "Lá vem a cabrita!..."

Mas então, quando a tinha assim suspensa, batendo os pèzinhos — atravessou-o a idéia de que aquela criança era sua sobrinha e tinha o seu nome!... Largou-a, quase a deixou cair — assombrado para ela, como se pela vez primeira visse essa facezinha ebúrnea e fina onde corria o seu sangue...

— Que estás tu a olhar para mim? — murmurou ela, recuando e sorrindo, com as mãozinhas cruzadas atrás das saias que tufavam.

Êle não sabia, parecia-lhe outra Rosa: e à sua perturbação misturava-se uma saudade pela antiga Rosa, a outra, a que era filha de Madame Mac Gren, a quem êle contava histórias de Joana D'Arc, a quem balouçava na Toca sob a acácias em flor. Ela no entanto sorria mais, com um brilho nos dentinhos miúdos, uma ternura nos belos olhos azuis, vendo-o assim tão grave e tão mudo, pensando que êle ia brincar, fazer "voz de Carlos Magno". Tinha o mesmo sorriso da mãe, com a mesma covinha no queixo. Carlos viu nela, de repente, tôda a graça de Maria, todo o encanto de Maria. E arrebatou-a de nôvo nos braços, tão violentamente, com beijos tão bruscos no cabelo e nas faces, que Rosa estrebuchou, assustada e com um grito. Soltou-a logo, num receio de não ter sido casto... Depois, muito sério:

— Onde está a mamã?

Rosa coçava o braço, com a testazinha franzida:

— Apre!... Magoaste-me.

Carlos passou-lhe pelos cabelos a mão que ainda tremia.

— Vá, não sejas piegas, a mamã não gosta. Onde está ela?

A pequena, aplacada, já contente, pulava em redor, agarrando nos pulsos de Carlos, para que êle saltasse também.

— A mamã foi deitar-se... Diz que está muito cansada, depois chama-me a mim preguiçosa... Vá, salta também. Não sejas mono!...

Nesse instante, no corredor, Miss Sara chamou:

— Mademoiselle!...

Rosa pôs o dedinho na bôca cheia de riso:

— Dize-lhe que não estou aqui! A ver... Para a fazer zangar!... Dize!

Miss Sara erguera o reposteiro; e descobriu-a logo escondida, sumida por trás de Carlos, na pontinha dos pés, fazendo-se pequenina. Teve um sorriso benévolo, murmurou: "Good night, sir." Depois lembrou que eram quase nove e meia, mademoiselle tinha estado um pouco constipada e devia recolher-se. Então Carlos puxou brandamente pelo braço de Rosa, acariciou-a ainda para que ela obedecesse a Miss Sara.

Mas Rosa sacudia-o, indignada daquela traição.

— Também nunca fazes nada!... Sensaborão! Pois olha, nem te digo adeus!

Atravessou a sala amuada, esquivou-se com um repelão à governanta que sorria e lhe estendia a mão — e pelo corredor rompeu

num chôro despeitado e perro. Miss Sara risonhamente desculpou mademoiselle. Era a constipação que a tornava impertinente. Mas se fôsse diante da mamã não fazia aqui, não!

— *Good night, sir.*

— *Good night, Miss Sara...*

Só, Carlos errou alguns momentos pela sala. Por fim ergueu o pedaço de tapeçaria que cerrava o estreito gabinete onde Maria se vestia. Aí, na escuridão, um brilho pálido de espelho tremia, batido por um longo raio do candeeiro da rua. Muito de leve, empurrou a porta do quarto.

— Maria!... Estás a dormir?

Não havia luz; mas o mesmo candeeiro da rua, através do transparente erguido, tirava das trevas a brancura vaga do cortinado que envolvia o leito. E foi daí que ela murmurou, mal acordada:

— Entra! Vim-me deitar, estava muito cansada... Que horas são?

Carlos não se movera, ainda com a mão na porta:

— É tarde, e eu preciso sair já a procurar o Vilaça... Vinha dizer-te que tenho talvez de ir a Santa Olávia, além de amanhã, por dois ou três dias...

Um movimento, entre os cortinados, fêz ranger o leito.

— Para Santa Olávia?... Ora essa, por quê? E assim de repente... Entra!... Vem cá!

Então Carlos deu um passo no tapête, sem rumor. Ainda sentia o ranger mole do leito. E já todo aquêl aroma dela que tão bem conhecia, esparso na sombra tépida, o envolvia, lhe entrava na alma com uma sedução inesperada de carícia nova, que o perturbava estranhamente. Mas ia balbuciando, insistindo na sua pressa de encontrar essa noite o Vilaça.

— É uma maçada, por causa de uns feitores, de umas águas...

Tocou no leito; e sentou-se muito à beira, numa fadiga que de repente o enleara, lhe tirava a fôrça para continuar essas invenções de águas e de feitores, como se elas fôsem montanhas de ferro a mover.

O grande e belo corpo de Maria, embrulhado num roupão branco de sêda, movia-se, espreguiçava-se lânguidamente, sôbre o leito brando.

— Achei-me tão cansada. depois de jantar, veio-me uma preguiça... Mas então partires assim de repente!... Que seca! Dá cá a mão!

Ele tenteava, procurando na brancura da roupa: encontrou um joelho, a que percebia a forma e o calor suave, através da sêda leve; e ali esqueceu a mão, aberta e frouxa, como morta, num entorpecimento onde tôda a vontade e tôda a consciência se lhe fundiam, deixando-lhe apenas a sensação daquela pele quente e macia, onde a sua palma pousava. Um suspiro, um pequenino suspiro de criança, fugiu dos lábios de Maria, morreu na sombra. Carlos sentiu a quentura de desejo que vinha dela, que o entontecia, terrível como o bafo ardente de um abismo, escancarado na terra

a seus pés. Ainda balbuciou: "Não, não..." Mas ela estendeu os braços, envolveu-lhe o pescoço, puxando-o para si, num murmúrio que era como a continuação do suspiro, e em que o nome de "querido" sussurrava e tremia. Sem resistência, como um corpo morto que um sôpro impele, êle caiu-lhe sôbre o seio. Os seus lábios secos acharam-se colados, num beijo aberto que os unedecia. E de repente, Carlos enlaçou-a furiosamente, esmagando-a e sugando-a, numa paixão e num desespero que fêz tremer todo o leito.

A essa hora Ega acordava no bilhar, ainda estirado na poltrona onde o cansaço o prostrara. Bocejando, estremunhado, arrastou os passos até ao escritório de Afonso.

Aí ardia um lume alegre, a que o *Reverendo Bonifácio* se deixava torrar, enrolado sôbre a pele de urso. Afonso fazia a partida de uíste com Steinbroken e com o Vilaça: mas tão distraído, tão confuso, que já duas vezes D. Diogo, infeliz e irritado, rosnara que se a dor de cabeça assim o estonteava, melhor seria findarem! Quando Ega apareceu, o velho levantou os olhos inquietos:

— O Carlos? Saiu?

— Sim, creio que saiu com o Craft — disse o Ega. — Tinham falado em ir ver o marquês.

Vilaça, que baralhava com a sua lentidão meticulosa, deitou também, para o Ega, um olhar curioso e vivo. Mas já D. Diogo batia com os dedos no pano da mesa, resmungando: "Vamos lá, vamos lá... Não se ganha nada em saber dos outros!" Então Ega ficou ali um momento, com bocejos vagos, seguindo o cair lento das cartas. Por fim, mole e secado, decidiu ir ler para a cama, hesitou por diante das estantes, saiu com um velho número do *Panorama*.

Ao outro dia, à hora do almoço, entrou no quarto de Carlos. E ficou pasmado quando o Batista — tristonho desde a véspera, farejando desgosto — lhe disse que Carlos fôra para a Tapada, muito cedo, a cavalo...

— Ora essa!... E não deixou ordens nenhuma, não falou em ir para Santa Olávia?...

Batista olhou Ega, espantado:

— Para Santa Olávia!... Não senhor, não falou em semelhante coisa. Mas deixou uma carta para Vossa Excelência ver. Creio que é do senhor marquês. E diz que lá aparecia depois, às seis... Acho que é jantar.

Num bilhete de visita, o marquês, com efeito, lembrava que êsse dia era o seu "fausto natalício", e esperava Carlos e o Ega às seis, para lhe ajudarem a comer a galinha de dieta.

— Bem, lá nos encontraremos — murmurou Ega, descendo para o jardim.

Aquilo parecia-lhe extraordinário! Carlos passeando a cavalo, Carlos jantando com o marquês, como se nada houvesse perturbado a sua vida fácil de rapaz feliz!... Estava agora certo de que êle, na véspera, fôra à Rua de S. Francisco. Justos Céus! Que se teria lá passado? Subiu, ouvindo a sinêta do almoço. O escudeiro anun-

ciou-lhe que o Sr. Afonso da Maia tomara uma chávena de chá no quarto e ainda estava recolhido. Todos sumidos! Pela primeira vez, no Ramalhete, Ega almoçou solitariamente na larga mesa, lendo a *Gazeta Ilustrada*.

De tarde, às seis, no quarto do marquês (que tinha o pescoço enrolado numa boa de senhora, de pele de marta), encontrou Carlos, o Darque, o Craft, em tórno de um rapaz gordo que tocava guitarra — enquanto ao lado o procurador do marquês, um belo homem de barba preta, se batia com o Teles numa partida de damas.

— Viste o avô? — perguntou Carlos, quando Ega lhe estendeu a mão.

— Não, almocei só.

O jantar, daí a pouco, foi muito divertido, largamente regado com os soberbos vinhos da casa. E ninguém decerto bebeu mais, ninguém riu mais do que Carlos, ressurgido, quase de repente, de uma desanimação sombria a uma alegria nervosa — que incomodava o Ega, sentindo nela um timbre falso e como um som de cristal rachado. O próprio Ega, por fim, à sobremesa, se excitou consideravelmente com um esplêndido Pôrto de 1815. Depois houve um bacará em que Carlos, outra vez sombrio, deitando a cada instante os olhos ao relógio, teve uma sorte triunfante, uma “sorte de cabrão”, como a classificou Darque, indignado, ao trocar a sua última nota de vinte mil réis. À meia-noite, porém, inexoravelmente, o procurador do marquês lembrou as ordens do médico, que marcara êsse limite “ao natalício”. Foi então um enfiar de paletós, em debandada, por entre os queixumes do Darque e do Craft, que saíam escorridos, sem sequer um trôco para o americano. Fêz-se-lhes uma subscrição de caridade, que êles recolheram nos chapéus, rosnando bênçãos aos benfeitores.

Na tipóia que os levava ao Ramalhete, Carlos e Ega permaneceram muito tempo em silêncio, cada um enterrado ao seu canto, fumando. Foi já ao meio do Atêrro que Ega pareceu despertar:

— E então por fim?... Sempre vais para Santa Olávia, ou que fazes?

Carlos mexeu-se no escuro da tipóia. Depois, lentamente, como cheio de cansaço:

— Talvez vá amanhã... Ainda não disse nada, ainda não fiz nada... Decidi dar-me quarenta e oito horas para acalmar, para refletir... Não se pode agora falar com êste barulho das rodas.

De nôvo cada um recaiu na sua mudez, ao seu canto.

Em casa, subindo a escadinha forrada de veludo, Carlos declarou-se exausto e com uma intolerável dor de cabeça:

— Amanhã falamos, Ega... Boa noite, sim?

— Até amanhã.

Alta noite, Ega acordou com uma grande sêde. Saltara da cama, esvaziara a garrafa no toucador, quando julgou sentir por baixo, no quarto de Carlos, uma porta bater. Escutou. Depois, arrepiado, remergulhou nos lençóis. Mas espertara inteiramente, com uma idéi-

estranha, insensata, que o assaltara sem motivo, o agitava, lhe fazia palpitar o coração no grande silêncio da noite. Ouviu assim dar três horas. A porta de nôvo batera, depois uma janela: era decerto vento que se erguera. Não podia porém readormecer, às voltas, num terrível mal-estar, com aquela idéia cravada na imaginação que o torturava. Então, desesperado, pulou da cama, enfiou um paletó, e em pontas de chinelas, com a mão diante da luz, desceu surdamente ao quarto de Carlos. Na ante-sala parou, tremendo, com o ouvido contra o reposteiro, na esperança de perceber algum calmo rumor de respiração. O silêncio era pesado e pleno. Ousou entrar... A cama estava feita e vazia, Carlos saíra.

Êle ficou a olhar estupidamente para aquela colcha lisa, com a dobra do lençol de renda cuidadosamente entreaberta pelo Batista. E agora não duvidava. Carlos fôra findar a noite à Rua de S. Francisco!... Estava lá, dormia lá! E só uma idéia surgia através do seu horror — fugir, safar-se para Celorico, não ser testemunha daquela incomparável infâmia!...

E o dia seguinte, têrça-feira, foi desolador para o pobre Ega. Vexado, num terror de encontrar Carlos ou Afonso, levantou-se cedo, esgueirou-se pelas escadas com cautelas de ladrão, foi almoçar ao Tavares. De tarde, na Rua do Ouro, viu passar Carlos, que levava no breque o Cruges e o Taveira — arrebanhados certamente para êle se não encontrar só à mesa com o avô. Ega jantou melancolicamente no Universal. Só entrou no Ramalhete às nove horas, a vestir-se para a *soirée* da Gouvarinho, que pela manhã no Loreto parara a carruagem para lhe lembrar “que era a festa do Charlie”. E foi já de paletó, de claque na mão, que apareceu enfim na salinha Luís XV onde Cruges tocava Chopin, e Carlos se instalara numa partida de bezigue com o Craft. Vinha saber se os amigos queriam alguma coisa para os nobres Condes de Gouvarinho...

— Diverte-te!

— Sê fascinante!

— Eu lá apareço para a ceia! — prometeu Taveira, estirado numa poltrona com o *Figaro*.

Eram duas horas da manhã quando Ega recolheu da *soirée* — onde por fim se divertira numa desesperada flerteação com a Baronesa de Alvim, que à ceia, depois do champanha, vencida por tanta graça e tanta audácia, lhe tinha dado duas rosas. Diante do quarto de Carlos, acendendo a vela, Ega hesitou, mordido por uma curiosidade... Estaria lá? Mas teve vergonha daquela espionagem, e subiu, bem decidido, como na véspera, a fugir para Celorico. No seu quarto, diante do espelho, pôs cuidadosamente num copo as rosas da Alvim. E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam, findaram à sua porta em suspensão e silêncio. Assustado, gritou: “Que é lá?” A porta rangeu. E apareceu Afonso da Maia, pálido, com um jaquetão sôbre a camisa de dormir, e um castiçal onde a vela ia morrendo. Não entrou. Numa voz enrouquecida, que tremia:



— O Carlos? Estêve lá?

Ega balbuciou, atarantado, em mangas de camisa. Não sabia... Estivera apenas um momento nos Gouvarinhos... Era provável que Carlos tivesse ido mais tarde com o Taveira, para a ceia.

O velho cerrara os olhos, como se desfalecesse, estendendo a mão para se apoiar. Ega correu para êle:

— Não se afflija, Sr. Afonso da Maia!

— Que queres então que faça? Onde está êle? Lá metido, com essa mulher... Escusas de dizer, eu sei, mandei espreitar... Desci a isso, mas quis acabar esta angústia... E estêve lá ontem até de manhã, está lá a dormir neste instante... E foi para êste horror que Deus me deixou viver até agora!

Teve um grande gesto de revolta e de dor. De nôvo os seus passos, mais pesados, mais lentos, se sumiram no corredor.

Ega ficou junto da porta, um momento estarrecido. Depois foi-se despindo devagar, decidido a dizer a Carlos, muito simplesmente, ao outro dia, antes de partir para Celorico, que a sua infâmia estava matando o avô, e o forçava a êle, seu melhor amigo, a fugir para a não testemunhar por mais tempo.

Mal acordou, puxou a mala para o meio do quarto, atirou para cima da cama, às braçadas, a roupa que ia emalar. E durante meia hora, em mangas de camisa, lidou nesta tarefa, misturando aos seus pensamentos de cólera lembranças da *soirée* da véspera, certos olhares da Alvim, certas esperanças que lhe tornavam saudosa a partida. Um alegre sol dourava a varanda. Terminou por abrir a vidraça, respirar, olhar o belo azul de inverno. Lisboa ganhava tanto com aquêle tempo! E já Celorico, a quinta, o Padre Serafim, lhe estendiam de longe a sua sombra na alma. Ao baixar os olhos viu o *dogcart* de Carlos atrelado com a *Tunante*, que escarvava a calçada animada pelo ar vivo. Era Carlos, decerto, que ia sair cedo — para não se encontrar com êle e com o avô!

Num receio de o não apanhar nesse dia, desceu correndo. Carlos aferrolhara-se na alcova de banho. Ega chamou, o outro não tugiou. Por fim Ega bateu, gritou através da porta, sem esconder a sua irritação:

— Tem a bondade de escutar!... Então partes para Santa Olávia, ou quê?

Depois de um instante. Carlos lançou de lá, entre um rumor de água que caía:

— Não sei... Talvez... Logo te digo...

O outro não se conteve mais:

— É que se não pode ficar assim eternamente... Recebi uma carta de minha mãe... E se não partes para Santa Olávia, eu vou para Celorico... É absurdo! Já estamos nisto há três dias!

E quase se arrependia já da sua violência, quando a voz de Carlos se arrastou de dentro, humilde e cansada, numa súplica:

— Por quem és, Ega! Tem um bocado de paciência comigo. Eu logo te digo...

Numa daquelas súbitas emoções de nervoso, que o sacudiam — os olhos do Ega umedeceram. Balbuciou logo:

— Bem, bem! Eu falei alto por ser através da porta... Não há pressa!

E fugiu para o quarto, cheio só de compaixão e ternura, com uma grossa lágrima nas pestanas. Sentia agora bem a tortura em que o pobre Carlos se debatera, sob o despotismo de uma paixão até aí legítima, e que numa hora amarga se tornava de repente monstruosa, sem nada perder do seu encanto e da sua intensidade... Humano e frágil, êle não pudera estacar naquele violento impulso de amor e de desejo, que o levava como num vendaval! Cedera, cedera, continuara a rolar àqueles braços, que inocentemente o continuavam a chamar. E aí andava agora, aterrado, escorçado, fugindo ocultamente de casa, passando o dia longe dos seus, numa vadiagem trágica, como um excomungado que receia encontrar olhos puros onde sinta o horror do seu pecado... E ao lado, o pobre Afonso, sabendo tudo, morrendo daquela dor! Podia êle, hóspede querido dos tempos alegres, partir, agora que uma onda de desgraça quebrara sôbre essa casa, onde o acolhiam afeições mais largas que na sua própria? Seria ignóbil! Tornou logo a desfazer a mala; e, furioso no seu egoísmo com tôdas aquelas amarguras que o abalavam, arranjava outra vez a roupa dentro da cômoda, com a mesma cólera com que a desmanchava, rosnando:

— Diabo levem as mulheres, e a vida, e tudo!...

Quando desceu, já vestido, Carlos desaparecera! Mas Batista, tristonho, carrancudo, certo agora de que havia um grande desgosto, deteve-o para lhe murmurar:

— Tinha Vossa Excelência razão... Partimos amanhã para Santa Olávia e levamos roupa para muito tempo... Êste inverno começa mal!

Nessa madrugada, às quatro horas, em plena escuridão, Carlos cerrara de manso o portão da Rua de S. Francisco. E, mais pungente, apoderava-se d'êle, na frialdade da rua, o medo que já o roçara, ao vestir-se na penumbra do quarto, ao lado de Maria adormecida — o medo de voltar ao Ramalhetes! Era êsse medo que já na véspera o trouxera todo o dia por fora no *dogcart*, findando por jantar lúgubrememente com o Cruges, escondido num gabinete do Augusto. Era medo do avô, medo do Ega, medo do Vilaça; medo daquela sinêta do jantar que os chamava, os juntava; medo do seu quarto, onde a cada momento qualquer dêles podia erguer o reposteiro, entrar, cravar os olhos na sua alma e no seu segrêdo... Tinha agora a certeza que *êles sabiam tudo*. E mesmo que nessa noite fugisse para Santa Olávia, pondo entre si e Maria uma separação tão alta como o muro de um claustro, nunca mais do espírito daqueles homens, que eram os seus amigos melhores, sairia a memória e a dor da infâmia em que êle se despenhara. A sua vida moral estava estragada... Então, para que partiria — abandonando

a paixão, sem que por isso encontrasse a paz? Não seria mais lógico calcar desesperadamente tôdas as leis humanas e divinas, arrebatando para longe Maria na sua inocência, e para todo o sempre abismar-se nesse crime que se tornara a sua sombria partilha na Terra?

Já assim pensara na véspera. Já assim pensara... Mas antevira então um outro horror, um supremo castigo, a esperá-lo na solidão onde se sepultasse. Já lhe percebera mesmo a aproximação; já noutra noite recebera dêle um arrepio; já nessa noite, deitado junto de Maria, que adormecera cansada, o pressentira, apoderando-se dêle, com um primeiro frio de agonia.

Era, surgindo do fundo do seu ser, ainda tênue mas já perceptível, sua saciedade, uma repugnância por ela, desde que a sabia do seu sangue!... Uma repugnância material, carnal, à flor da pele, que passava como um arrepio. Fôra primeiramente aquêlê aroma que a envolvia, flutuava entre os cortinados, lhe ficava a êle na pele e no fato, o excitava tanto outrora, o impacientava tanto agora — que ainda na véspera se encharcara em água-de-colônia, para o dissipar. Fôra depois aquêlê corpo dela, adorado sempre como um mármore ideal, que de repente lhe aparecera, como era na sua realidade, forte de mais, musculoso, de grossos membros de amazona bárbara, com tôdas as belezas copiosas do animal de prazer. Nos seus cabelos de um lustre tão macio, sentia agora inesperadamente uma rudeza de juba. Os seus movimentos na cama, ainda nessa noite o tinham assustado como se fôsem os de uma fera, lenta e ciosa, que se estirava para o devorar... Quando os seus braços o enlaçavam, o esmagavam contra os seus rijos peitos tímidos de seiva, ainda decerto lhe pünham nas veias uma chama que era tôda bestial. Mas, apenas o último suspiro lhe morria nos lábios, aí começava insensivelmente a recuar para borda do colchão, com um susto estranho: e imóvel, encolhido na roupa, perdido no fundo de uma infinita tristeza, esquecia-se pensando numa outra vida que podia ter, longe dali, numa casa simples, tôda aberta ao sol, com sua mulher, legitimamente sua, flor de graça doméstica, pequenina, tímida, pudica, que não soltasse aquêles gritos lascivos e não usasse aquêlê aroma tão quente! E desgraçadamente agora já não duvidava... Se partisse com ela, seria para bem cedo se debater no indizível horror de um nojo físico. E que lhe restaria então, morta a paixão que fôra a desculpa do crime, ligado para sempre a uma mulher que o enojava — e que era... Só lhe restava matar-se!

Mas, tendo por um só dia dormido com ela, na plena consciência da consangüinidade que os separava, poderia recomeçar a vida tranqüilamente? Ainda que possuísse frieza e fôrça para apagar dentro de si essa memória — ela não morreria no coração do avô, e do seu amigo. Aquêlê ascoroso segredo ficaria entre êles, estragando, maculando tudo. A existência doravante só lhe oferecia intolerável amargor... Que fazer, santo Deus, que fazer! Ah, se alguém o pudesse aconselhar, o pudesse consolar! Quando chegou à porta de casa, o seu desejo único era atirar-se aos pés de um padre, aos

pés de um santo, abrir-lhe as misérias do seu coração, implorar-lhe a doçura da sua misericórdia! Mas aí! onde havia um santo?

Defronte do Ramallete os candeeiros ainda ardiam. Abriu de leve a porta. Pé ante pé, subiu as escadas ensurdecidas pelo veludo côr de cereja. No patamar tateava, procurava a vela, quando, através do reposteiro entreaberto, avistou uma claridade que se movia no fundo do quarto. Nervoso, recuou, parou no recanto. O clarão chegava, crescendo; passos lentos, pesados, pisavam surdamente o tapête; a luz surgiu — e com ela o avô em mangas de camisa, lívido, mudo, grande, espectral. Carlos não se moveu, sufocado; e os dois olhos do velho, vermelhos, esgazeados, cheios de horror, caíram sôbre êle, ficaram sôbre êle, varando-o até às profundidades da alma, lendo lá o seu segredo. Depois, sem uma palavra, com a cabeça branca a tremer, Afonso atravessou o patamar, onde a luz sôbre o veludo espalhava um tom de sangue — e os seus passos perderam-se no interior da casa, lentos, abafados, cada vez mais sumidos, como se fôsem os derradeiros que devesse dar na vida!

Carlos entrou no quarto às escuras, tropeçou num sofá. E ali se deixou cair, com a cabeça enterrada nos braços, sem pensar, sem sentir, vendo o velho lívido passar, repassar diante dêle como um longo fantasma, com a luz avermelhada na mão. Pouco a pouco foi-o tomando um cansaço, uma inércia, uma infinita lassidão da vontade, onde um desejo apenas transparecia, se alongava — o desejo de interminavelmente repousar algures numa grande mudez e numa grande treva... Assim escorregou ao pensamento da morte. Ela seria a perfeita cura, o asilo seguro. Por que não iria ao seu encontro? Alguns grãos de láudano nessa noite e penetrava na absoluta paz...

Ficou muito tempo embebendo-se nesta idéia, que lhe dava alívio e consôlo, como se, escorraçado por uma tormenta ruidosa, visse diante dos seus passos abrir-se uma porta, donde saísse calor e silêncio. Um rumor, o chilrear de um pássaro na janela, fêz-lhe sentir o sol e o dia. Ergueu-se, despiu-se muito devagar, numa imensa moleza. E mergulhou na cama, enterrou a cabeça no travesseiro para recair na doçura daquela inércia, que era um antegosto da morte, e não sentir mais nas horas que lhe restavam nenhuma luz, nenhuma coisa da Terra.

O Sol ia alto, um barulho passou, o Batista rompeu pelo quarto: — Ó Sr. D. Carlos, ó meu menino! O avô achou-se mal no jardim, não dá acôrdo!...

Carlos pulou do leito, enfiando um palcô que agarrara. Na antecâmara, a governanta, debruçada no corrimão, gritava aflita: "Adiante, homem de Deus, ao pé da padaria, o senhor Doutor Azevedo!" E um môço que corria, com que esbarrou no corredor, atirou, sem parar:

— Ao fundo, ao pé da cascata, Sr. D. Carlos, na mesa de pedra!...